Filosofia concreta dos valores

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

TEMA I

Artigo 1

OBJETO DA AXIOLOGIA E DA TIMOLOGIA

Em todo fato de acontecer cósmico há uma escolha, porque que todo acontecer realiza seleções. Os corpos químicos combinam-se segundo as afinidades, e estas se relacionam segundo as coordenadas da realidade química, que facilitam aqui, ou impedem ali, as diversas combinações, análises e sínteses, que a natureza ou o homem possam processar.

No campo da biologia, a vida revela seletividade, como tantas vezes salientamos, e mais patente e intensista que na físico-química, e tal seletividade revela uma direção oposta à do fenômeno físico-químico, pois o ser vivo **evita** realizar certas combinações que ponham em risco sua existência, atuando aí uma inteligência biológica.

No plano psicológico, a seletividade pode ser demonstrada facilmente desde a captação do mundo exterior pelos nossos sentidos, genuinamente seletivos, que realizam sempre uma escolha entre diversos estímulos, recebendo apenas aqueles que correspondem aos esquemas do sensório-motriz e aos esquemas noéticos (intelectuais ou afetivos) que o ser humano já tenha formado, ou estejam em vias de formação.

Também no plano sociológico os mesmos processos seletivos podem ser apreciados, desde as escolhas realizadas por indivíduos, que seguem normas afetivas, como na estruturação e no proceder dos grupos sociais, em que os exemplos de seletividade são tão patentes.

Portanto, sintetizando o que dissemos até aqui, podemos afirmar que há um selecionar cósmico: o existir é a revelação de uma seletividade, de uma escolha, de um grande ato "intelectual" de escolha,

em que tais ou quais formas são aceitas aqui, repudiadas ali, segundo as diversas constelações das coordenadas da realidade.

Ora, onde há escolha, há uma ruptura da indiferença. Não é indiferente acontecer isto ou aquilo. A própria ordem universal é a revelação dessa seletividade, dessa intelectualidade cósmica, universal, que aqui escolhe deste modo, ali de outro.

Portanto, há ruptura da indiferença, ao mesmo tempo que se verifica que as coisas são preteridas ou preferidas umas pelas outras, segundo os múltiplos relacionamentos. **Onde há seletividade, há escolha; onde há escolha, há preferência de uma coisa a outra; onde há preferência, há ruptura da indiferença, portanto preterições, e, conseqüentemente, valor.**

O valor, portanto está também onde está o cósmico; o valor é assim cosmicamente colocado no mundo do existir.

Mas há valores que nós, seres humanos, captamos, porque temos consciência deles, e nessas captações, nós os avaliamos, descobrindo características que se distinguem e se diferenciam até da maneira de valorar dos fatos do mundo cósmico.

Esta é a razão por que a Axiologia, sendo uma disciplina regional da Metafísica, uma ontologia regional, e tendo como objeto os valores, não pode ser simplesmente colocada como um aspecto desta ou daquela disciplina, mas apresenta em seus três objetos, o material, o formal-terminativo e o formal-motivo, as condições imprescindíveis para que seja classificada como uma ciência.

A palavra Axiologia vem de **axiós**, em grego, valor, de **axiou**, eu aprecio.
A Axiologia é uma ciência que estuda, em todas as coisas (objeto material), os valores (objeto formal-terminativo), que as apreciações e estimações revelem ou não (objeto formal-motivo).

Portanto, como disciplina filosófica, à Axiologia cabe responder às seguintes perguntas fundamentais:

a) Que são os valores? Em que consistem? Qual a essência do valor?

b) Onde estão?

c) Como se dão?

d) Qual o critério de apreciação e aferição dos valores?

Costumamos dizer que alguém **faz valer** algo, isto é, dá-lhe um valor, valoriza. Ouvimos falar em valorização da terra, do trabalho, e até dos próprios valores. Empregamos expressões como: "fazer valer os seus direitos".

Há uma frase do grande anarquista Max Stirner, que tem servido de lema a todos os anarquistas individualistas: "No solar de nossa época não está gravada a antiga inscrição apolínea: 'Conhece-te a ti mesmo', mas esta inscrição nova; 'Faze valer a ti mesmo'".

Fazer valer e **valorizar** são aqui sinônimos.

Valorizamos alguma coisa por duas vias:

a) por acrescentamento (quantitativo);
b) por apreciação (qualitativo).

Valorizamos alguma coisa, acrescentando-lhe outros elementos que a tornam mais valiosa; ou valorizamos, apreciando como mais o que tem um valor, isto é, concedendo-lhe um suprimento de valor.

Para bem compreendermos as sugestões que estas palavras nos oferecem, examinemos o termo valor, que é de origem latina e vem do verbo **valere**, que significa ser forte, ter saúde. Daí temos a expressão "**valet**!", que corresponde à nossa **saúde**!

O valor já nos revela, nessa origem, uma positividade. O valer não é algo que se atribui, sem mais nem menos; é algo que se quer presente. O valer tem uma presença.

Todo processo tensional tem seus aspectos intensistas (qualidades), que o caracterizam. Quando perde ou adquire uma ou algumas, sentimos que essa tensão perde ou ganha em valor, porque se altera para melhor ou pior em relação a algo, a nós, por exemplo.

* * *

Não se deve confundir a Axiologia com a Timologia, embora se analoguem. **Axios**, como vimos, vem de **axiou**, em grego, eu aprecio a dignidade de algo, e **timós**, outro termo grego, do qual temos tímesis, significa apreciação meramente estimativa, de medida, que se aproxima do sentido dos valores, como se emprega na Economia. Com estes termos cunharam-se essas duas palavras **Axiologia** e **Timologia**.

A Axiologia estuda os valores ontologicamente. A Timologia estuda os valores segundo as apreciações estimativas de medida, tendendo, como dissemos, ao sentido econômico.

Nosso estudo cinge-se à Axiologia, e é esta que pretendemos delinear claramente.

* * *

Sabemos que o valor despertou um interesse muito mais vivo em nossa época que nas anteriores. Nestes últimos decênios é ele um dos temas de maior atualidade, pois em menos de vinte anos, milhares de obras foram escritas para estudá-lo. É tamanha a quantidade de livros de opiniões de teorias sobre os valores, que é de todo impossível acompanhar o pensamento moderno sobre esse tema.

Portanto, desde logo se vê que navegar em tal oceano de opiniões exige tais cuidados, tal discrição, tal prudência, que toda e qualquer afirmativa deve ser cuidadosamente revista, analisada, comparada com outras, observando-se cuidadosamente os pensamentos implícitos e as possíveis confusões que possam conter, para que o clareamento se faça com sólida disposição.

Por isso, se somos forçados a buscar fatos aparentemente de menor importância, é porque eles, quando menos se espera oferecem elementos vigorosos para estruturar uma visão clara sobre o tema onde as mais espantosas afirmações já se fizeram, muitas levadas pelo desejo bem burguês da falsa originalidade, a qual, na Filosofia como na Ciência, deve ser desprezada. A verdadeira originalidade está apenas na construção estrutural das idéias que devem ser fundadas nas análises realmente sólidas, que os nossos antecessores fizeram e que são o patrimônio cultural da humanidade.

Todos os estudiosos da Axiologia reconhecem que há escalaridade nos valores, pois podem ser mais ou menos. A apreciação qualitativa funda-se na comparabilidade e não na mensurabilidade, pois aquela é mais intensista do que extensista. Mas, ao aceitar que há um valor, que é mais ou que é menos que outro, o aspecto qualitativo não é desprezado, nem dialeticamente podê-lo-ia ser (extensivo).

Há contemporaneidade e inseparabilidade entre o extensista e intensista no mundo cósmico, postulado que já tivemos oportunidade de demonstrar sobejamente em nossas obras.

* * *

Nada poderemos fazer neste setor se certos termos a serem usados como instrumentos não tiverem um sentido claro.

Impõe-se desde o início distinguir termos como **valor**, **valer** e **valência**, cuja confusão tem provocado muitas outras, como é observável em livros de Axiologia.

Valer é o apontar de um valor no objeto. Este objeto vale, porque ele nos aponta um valor, nele. Também não se deve confundir aqui o termo **validez**, que vem de válido, de sentido legal. Temos os exemplos de homens válidos e inválidos para isto ou para aquilo.

Um juízo de existência não se reduz simplesmente a um juízo de valor, como o afirmam alguns filósofos. Se digo: "este livro é vermelho", e posso substituir esta proposição por este outro enunciado "vale para este livro o ser vermelho", não transformei absolutamente aquele juízo de existência num juízo de valor. Apenas evidenciei uma validez. Seria o mesmo que dizer: tem validez (tem legalidade) dizer que este livro é vermelho. A validez indica legalidade, regularidade, estar dentro de normas. O enunciado tem um valor, sim, mas o de estar dentro de normas. A sua validez dá-lhe um valor, mas o valor não está no conteúdo enunciado (ser vermelho o livro), mas no ser o enunciado verdadeiro ou falso.

Valência é o aspecto extensista de um valor. A valência química pode ser relativamente expressada por números meramente quantitativos. Os termos **polivalência**, **equivalência** e outros têm a mesma origem.

* * *

O termo **valor** é empregado no universo de discurso de diversas disciplinas com vários sentidos. Por exemplo, na matemática é sinônimo de grandeza. Na arte, como proporção, segundo a qual as qualidades se compõem, como a proporção de luz e sombra, na pintura; dos graves e agudos, e relações de tempo (ritmo), contrastes de intensidades dos sons, na música, etc.

Na Axiologia, o termo valor, que aos poucos terá maior precisão, à proporção que o estudemos, tem um sentido peculiar ao seu universo de discurso, que não deve de forma alguma ser confundido com outros.

Vejamos agora os termos **valorar**, **valorizar** e **avaliar**, **valor** e **valia**.

Valor tem um sentido mais objetivo, enquanto **valia** tem um sentido mais subjetivo, que depende da estimação. Por ex., na economia, o **valor de uso** se aproxima mais do valor axiologicamente considerado, e o **valor de troca** ao valor timologicamente considerado.

Valoramos valores e **avaliamos valias**. Usamos o termo valor no sentido de **valia** (**Worth**, em inglês, e **value**) na Economia como sinônimos, o que, no entanto, era mister evitar-se.

Valorizar é dar efetivamente, ou não, um suprimento de valor. Neste caso, pode-se usá-lo, tanto na Economia como em qualquer outro universo de discurso. **Valorizamos** ou **desvalorizamos**, segundo emprestamos ou damos efetivamente ou não valores ou desvalores.

Valorar é captar um valor. Valoramos quando captamos valores nas coisas. Esse ato simples é ou não influído por uma valorização consciente ou não; mas o sentido do termo é de máxima objetividade. Quando dizemos que alguém **valora valores**, queremos dizer que, nessa apreciação, não penetra ou não deve penetrar nenhuma valorização subjetiva, isto é, o valor é captado como ele é, e não como o julgamos ser ou pode ser para nós.

* * *

Toda atividade tende para um termo **ad quem**. Atingi-lo é alcançar um valor e obter um valor. O pensamento tende a atingir uma verdade e esta, além de ser um valor, tem um valor. (A verdade, enquanto tal, é um valor, como o vemos na Teologia. O Ser Supremo, como **a** Verdade, tem um valor que ultrapassa as nossas apreciações. Estamos aqui ante um valor de ordem diferente daquelas que conhecemos em nossas apreciações. Um valor teológico, como este, não pode ser confundido com os ontológicos e ônticos, que buscamos no mundo do devir. Por isso, aqui, a verdade além de ser um valor tem ainda um valor).

* * *

Para a Lógica Formal (lógica do **aut... aut**...), ou isto é verdade ou é falso, ou isto tem o valor da verdade ou o desvalor da falsidade. Numa lógica polivalente (de mais ou menos certeza), o mais certo tem mais valor que o menos certo. A verdade não se opõe ao valor, como pensam muitos. A verdade lógica tem um valor; a verdade teológica é o valor por excelência; e, ontológica e ônticamente, a verdade é e tem valor. Mas a verdade lógica apenas tem valor, se considerada enquanto tal. A verdade teológica é perfeição; não é mais nem menos. Enquanto a verdade lógica é urna verdade assistencial, pois é uma verdade de adequação, a teológica não é assistencial, pois é simultaneamente a Verdade, a Vida, a Perfeição, a própria divindade. Nela se consubstanciam todas as distinções.

A verdade, ontologicamente, não tem escalas, mas, ônticamente, se transforma em certeza (dialeticamente considerada); é escalar, portanto, ou é rígida, na Lógica Formal, onde não tem propriamente escalaridade.

Um juízo de valor é um juízo que enuncia um valor, que é predicado a um sujeito.

* * *

Vários sinônimos são usados para a palavra valor. Em nosso trabalho "Ontologia e Cosmologia", vimos que o ser é valor, como ainda veremos que valor é ser. Valor também tem em **ideal** um sinônimo (em sentido ético). O fim, a que nos propomos, é um valor. Há em todo existir valor?

É tudo valor? Estas perguntas não são ociosas para os axiólogos. E a resposta não seria difícil, pois, como conceber algo que é sem-valor, positivo ou opositivo? Tudo quanto **é** tem valor portanto. Onde o ser, o valor; onde o valor, o ser. O que consideramos sem valor é porque não nos oferece o que esperávamos ou desejaríamos encontrar. Não há ser sem valor, como ainda provaremos.

O valor dá uma significação à realidade, a todo o real e todo o real é um valor. Há um valor de perfeição?

Alegam muitos axiólogos que a escalaridade dos valores repele tal afirmativa. Mas, há aqui a confusão entre o valor, que apreciamos na hibridez do existir, em que valores positivos e opositivos se antagonizam (valor e desvalor), e a perfeição do ser enquanto tal, como ontologicamente já estudamos, que é um valor de perfeição. A perfeição do ser, que é revelada na lei do Bem, já estudada na Teologia, cuja fundamentação fazemos na "Teoria Geral das Tensões" é apoiada nos fatos do próprio existir, é o grande **ímpeto** de todos os entes que o buscam. É o **valor ideal**, sem escalaridades.

Valor e **sentido** são usados também como sinônimos. Sentido expressa a direção que o valor dá à nossa existência. É o valor que funda o sentido, e não o sentido que funda o valor. Mas, lembremo-nos que o sentido (como vetor) tem um valor, enquanto considerado em si mesmo, mas o para onde tende dá-lhe o valor que a finalidade tem.

Vemos até aqui que há uma multiplicidade de valores em todas as coisas. O valor é múltiplo em suas formas, em cada ente. É este um ponto importante que nos explicará o porque de tantas opiniões. Segundo as perspectivas diversas com que se apreciam os valores, encontramo-las aqui ou ali. Só uma

visão global, dialética, pode dar-nos do valor uma visão concreta. É o que ainda mostraremos e provaremos.

Uma pergunta impõe-se aqui: é possível a construção de uma Teoria dos Valores? A Axiologia (que é a filosofia dos valores) e a Timologia (que é a teoria das apreciações) se completam. A Axiologia funda-se, metafisicamente, no exame ontológico do Ser como valor, e noologicamente na afetividade humana, que nos revela a base da metafísica noológica dos valores, como veremos. Mas antes de alcançar as nossas teses sobre este tema, examinemos primeiramente o pensamento universal sobre os valores.

TEMA I

Art.2

O VALOR NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

É grande a influência que os estudos econômicos tiveram sobre o tema do valor em nossos dias. Cooperaram para isso as grandes transformações havidas na estrutura social, com a inversão da escala de valores da aristocracia pela escala burguesa, que trouxe a ascensão dos valores utilitários, e a queda dos até então considerados superiores.

Mas ainda cooperam, para tornar mais agudo o tema do valor, certas situações psicológicas e até metafísicas, decorrentes dessa transformação havida no cenário estrutural da nossa época.

A atividade humana, constantemente dirigida para o domínio das coisas, que em nossa cultura instala o primado da técnica, da economia e da política, revelou novos valores, permitindo valorizações inesperadas de fatos que, para povos de outras culturas, e em outras situações, passam por serem de somenos importância.

Ao mesmo tempo que observamos o crescimento dos bens, e quo dispomos de um número maior de utilidades para satisfação e aplacamento de nossas necessidades, estas cresceram de tal modo, e agravaram de tal modo outros males que o tema do valor teria que imperiosamente surgir ante a consciência dos filósofos, com uma agudeza que nem de leve foi suspeitada em outros períodos da nossa cultura.

Não só se pergunta sobre o ser do valor, mas também qual o valor de ser. Afinal, qual é o valor do ser? Vale mais ser do que não-ser?

Estas perguntas, que muitas vezes se colocaram no interrogar dos antigos, passaram ante nós a ser tão exigentes que, para que possamos estudar a teoria geral dos valores, como ela se coloca hoje ante nós, não podemos deixar de volver previamente os olhos sobre a história do pensamento humano, e fazer uma síntese das especulações sobre terna de tal importância e magnitude.

Nietzsche, em pleno século dezenove, propondo-se inverter os valores, transmutá-los, e instaurar novas tábuas de valores para substituir as antigas, proclamando o seu inconformismo às escalas dominantes, despertou, inegavelmente, a consciência filosófica, e desde então, este tema impôs-se entre os mais importantes da especulação filosófica. Os estudos históricos, por sua vez, revelando que as escalas de valores variam segundo os ciclos culturais, mostram-nos um relativismo, pelo menos na hierarquia dos valores, bem como na valorização, e até na valoração dos mesmos, que obriga a encontrar “novas” soluções.

Iniciemos, pois, o estudo do valor nos diversos ciclos culturais, até chegar ao nosso, para, finalmente, na parte analítica e na concreta, terminarmos por oferecer uma visão ampla deste tema, capaz de oferecer um ponto de partida para as investigações que se impõem.

OS VALORES NO MUNDO ANTIGO

Se examinarmos os diversos períodos, desde a fase dos hinos védicos e a dos Upanishades, que se processa até o segundo período, o período épico da filosofia hindu, já com a formação de grandes religiões como o jainismo, o valor é colocado sob o ângulo ontológico.

Brahman, o ser absoluto, é impassível, universal e infinito, é essencialmente espírito (atman), de quem os seres humanos, individuais, participam.

É o atman o que nos identifica parcialmente com Brahman. Este é liberto de todos os males e de todas as ilusões do mundo de Maya. O atman individual, ao reconhecer a sua identidade, que é um reconhecimento vivencial, páthico, com Brahman, encontra aí o seu maior valor, por ser também

aquele. Daí a expressão mais típica da filosofia hindu: **Tat tvam asi**, “tu também és aquele” (Brahman).

O valor supremo é Brahman, e os valores que podemos encontrar (isto é, que o nosso atman individual pode achar) estão precisamente em tudo quanto facilita a nossa incorporação em Brahman. Deste modo, toda prática ascética, toda atividade interior que nos permita fusionar com o Ser Supremo é um valor cada vez mais alto, até alcançar o estado de beatitude (boddhi), que nos dá o gozo supremo (ananda), graças à nossa libertação (moksa) ao nos incorporarmos à beatitude de Brahman.

No período dos sutras e da “escolástica” hindu, quando da formação, sobretudo, dos seis famosos grandes “sistemas” nos encontramos, como na filosofia samkhya, ante outras colocações do tema do valor. A vida humana revela uma imensa luta entre o espírito e a natureza. O valor é conquistado, não de maneira positiva e por identificação com o absoluto, mas, de maneira negativa, por uma espécie de recusa à natureza. Em vez de afirmar que somos idênticos ao absoluto, a filosofia samkhya prefere afirmar que somos outro que a natureza. Essa separação da natureza, para o sistema yoga, realiza-se através de diversas asceses que preparam a nossa separação do mundo de maya, até alcançar a felicidade da impassibilidade.

O valor ora se alcança (como se vê nos primeiros períodos) por uma comunhão com o absoluto; ora, como nos “sistemas” **samkhya** e yoga, através de uma purificação, de uma catharsis, graças à ascese. Essa mesma colocação do valor encontramos no pensamento ocidental, em Meister Eckhart, cuja postulação da fusão mística assemelha-se a da filosofia samkhya.

O budismo, embora de origem hindu, teve o seu maior êxito na China. Nasceu no período épico da filosofia na Índia, quando surgiram os jainistas. Nega um valor positivo à existência, que é dor. Buda pregava o aniquilamento da dor (e não o aniquilamento total como se pensa freqüentemente no Ocidente). A vida é sofrimento, a vida é morte, envelhecimento, depressão. Todo o ente é limitado, e o limite é dor. Só tem valor, portanto, todo ato que nos liberte do devir, da limitação, todo ato que nos afaste do mundo da dor, que nos leve ao nirvana, que é o estado, no qual a dor desaparece totalmente, e no qual se alcança a beatitude do Buda, e nos tornamos **bodhi**.

O VALOR ENTRE OS PERSAS, CHINESES E GREGOS

A filosofia de Zaratustra (Zoroastro), que dominou a Pérsia, entre os povos iranianos, afirma uma luta incessante entre dois deuses: Ormuzd e Ahriman, luta que se revela em toda a alternância do existir, e que, na consciência humana, encontra um exemplo. Ormuzd é a luz purificadora, o bem, enquanto Ahriman, trevas, é o mal. Um é o valor positivo e o outro o valor opositivo. Em toda a natureza, assistimos essa luta eterna, que um dia há de encontrar seu final necessário, que é a vitória do bem.

Encontramos a influência do pensamento de Zaratustra no maniqueísmo, que também aceita essa luta entre o bem e o mal, em algumas seitas gnósticas, com ou sem a vitória final do bem.

Para os chineses, em geral, o valor não se opõe à realidade. Ao contrário, o valor é a essência da realidade. Para o confucionismo, o valor é meramente posto ante o homem, e só tem significado ante ele e a sociedade.

No Taoísmo, o valor está em união com Tao, que é o caminho da perfeição, do absoluto.

Entre os gregos, os sofistas colocaram o valor na subjetividade, dando-lhe, assim, um caráter de arbitrário e de relativo. Mas, com Sócrates, a subjetividade junta-se à universalidade, e o valor, que é subjetivo é também universalmente válido, o que o liberta do mero subjetivismo. Com Protágoras, que é relativista, sendo o homem para ele "a medida de todas as coisas que são e das que não são", os valores tornam-se relativos, e subordinados à apreciação humana.

Para Sócrates, o valor pode ser captado numa experiência evidente, e é objeto de um juízo de verdade. Possui, deste modo, validez universal, o que basta para lhe dar uma essência espiritual e não sensível.

Para Platão, o Bem é o arquétipo supremo, a Forma das formas, a suprema realidade, para o qual tendem todas as coisas, as quais têm tanto mais valor quanto mais perfeitas, segundo a sua participação da forma específica, que lhes dá uma perfeição específica, e quanto mais próximas do Bem, que lhes dá uma aproximação da Perfeição suprema.

O valor identifica-se com o absoluto. É a forma que é valor, e é ela que dá existência às coisas que a imitam, e não estas a ela.

"O bem está além do ser em dignidade e potência", diz Platão.

Além do Bem, não podemos ir; é o absoluto que tem um fim em si mesmo. É o Bem que suscita o amor, riqueza inesgotável; é ele que marca a hierarquia dos valores que valem por sua maior ou menor aproximação dele.

Na filosofia de Plotino, encontramos o mesmo postulado sobre os valores.

TEMA 1

Art. 3

O VALOR PARA O CRISTIANISMO

Para o Cristianismo, Deus é a indivisível unidade do absoluto. É ele o valor absoluto, teologicamente colocado.

Tem Deus o mais importante papel, porque é o princípio e o fim de todo o existir. Atrai para si as suas criaturas, que nele aspiram a uma existência pessoal na personalidade de Deus, cuja contemplação é a suprema beatitude.

Cristo, como Deus-homem, é o mediador entre o homem e Deus. Realizar Cristo é alcançar um valor cada vez mais alto, que é o valor supremo de Deus.

Infinito Bem, Deus é a Perfeição.

Mas o conceito de perfeição exige que o esclareçamos aqui. Para os gregos, o termo neutro **to teleion** (de **telos**, que significa fim) é o que alcança o seu fim, o seu pleno acabamento, plenitude. Todas as coisas são perfeitas à proporção que alcançam um fim. Assim, o ato é a perfeição da potência, porque esta tende, por aptidão para existir, a uma perfeição, que é a sua existência, a qual se revela no ato.

A perfeição é assim o que alcança o seu termo. Encontra-se ela no fim alcançado, num limite final. E **infinito**, o que se desmensura, o que não tem limites, o imperfeito, portanto.

Na cultura alexandrina é que a perfeição absoluta toma o sentido de infinitude. Tudo o que tem finitude encontra em outro a sua finitude, que lhe marca uma fronteira. O Ser Supremo não pode ser finito, pois, do contrário, encontraria um limite, e esse limite seria outro que ele, pois apontaria outro que ele.

Portanto, o Ser Supremo é infinito. Se meditarmos bem sobre o pensamento de Parmênides, lá encontraremos esta concepção, quando nos mostrava ele que os entes conhecem fronteiras e limites, mas o ser, enquanto ser, não tem fronteiras nem limites, tem apenas um perfil, em analogia conosco, que temos um perfil, e não somos, como o é uma figura geométrica traçada, que encontra, nas fronteiras dos traços, o campo da sua entidade.

Em nossa cultura, de espírito fáustico, não poder-se-ia, como se vê por toda a sua simbólica, construir a idéia da perfeição suprema na finitude, mas na infinitude, realizando, assim, uma síntese do pensamento grego sobre **to teléion** e a concepção alexandrina do infinito.

O perfeito é assim o valor plenamente realizado. No infinito, que não é mais o negativo dos gregos, nele se encontra o porque de todas as determinações por ele superadas. É um infinito positivado, atual. Não é a infinidade de uma carência, mas a infinidade da presença total; não é uma fraqueza, mas uma exuberância e riqueza absoluta, ponto de partida e ponto de chegada de tudo, Alfa e Ômega. Deus é a infinidade do ser, a perfeição soberana do ser, do qual tudo procede, mas inesgotável, que dá sem nunca perder, porque sempre é.

É ele o ser absoluto e o valor absoluto. E os valores ônticos, que conhecemos, o são pelo grau de participação ao valor supremo. O ser de Deus é o valor supremo. E como tal, e com tal valor, não se confunde com o ser participado, como o faz o panteísta, porque nele o valor não é um valor de participação, pois não participa de outro. Os nossos valores são de participação, porque dele participam e valem, hierarquicamente, segundo o grau dessa participação.

Com Santo Agostinho, o Bem de Platão e o Deus de Plotino fundem-se no Deus dos cristãos, Deus pessoal. É o nosso amor a Deus que nos faz descobrir o valor em sua exuberância e o bem que as coisas podem conter.

Para o Pseudo Dionísio Areopagita, Deus é a super-essência do Ser, a essência das essências, o valor supremo e superabundante, inesgotável e eterno. Prossegue ele, ainda incluso no pensamento platônico, e dá às coisas o valor que corresponde à hierarquia em que elas se acham em face de Deus.

Tomás de Aquino, seguindo a linha aristotélica, incorpora os valores ao real, tornando-os ônticos, como incorporou a forma à matéria. O bem do ser reside no ser em ato. E aceitando a primazia da intelectualidade sobre a afetividade, pois o amor só vale quando aclarado pela inteligência, submete-o a esta. Só Deus quer sempre o bem, enquanto em nós há um desejo natural para o bem que, embora nos

assegure uma garantia de obtê-lo, podemos, no entanto, por fraqueza, dele nos afastar. Nossa inteligência esclarecida realiza o seu próprio bem ao procurar alcançar a Deus, ao elevar-se até ele.

Duns Scot e os escotistas opõem-se ao intelectualis mo de Tomás de Aquino. O individual vale mais que o universal. O verdadeiro valor não deve ser posto num objetivo que a inteligência coloca ao querer, mas no próprio querer. É o amor que valoriza o querer. Em vez de dizer que Deus quer o bem, deve dizer-se que o que Deus quer é o Bem.

Em suma, a filosofia cristã subordina o problema do ser ao problema do valor. O valor é teocêntrico, e o mundo é valorizado por sua relação com Deus, e desvalorizado quando perde este laço. E ao perdê-lo, é a queda, o pecado. Graças à sua vontade, o homem pode redimir-se, mas, para alcançar essa redenção, necessita da ajuda de Deus, da graça, porque só há redenção, onde há encarnação.

A humanidade pecou em Adão e foi salva em Cristo. O cristão vê com otimismo a graça, que é antecedente, a qual oferece ao homem a sua possibilidade de salvação, mas este peca, e pode, por isso, perdê-la.

TEMA I

Art.4

O VALOR NA FILOSOFIA MODERNA

Por influência do Cristianismo, duas tendências opostas tomaram vulto na filosofia moderna:

1) a tendência personalista, que funda o valor em certa disposição da vontade, por intermédio da qual respondemos a um desígnio que tem Deus sobre nós;

2) a tendência ontológica, que funda o valor na infinidade do ser, do qual participamos, e recebemos o valor na proporção da nossa capacidade para recebê-lo.

Podem muitos considerar apenas a primeira como fundamentalmente cristã, mas a segunda, teologicamente especulativa, funda o valor onde ele pode ser fundado: no ser, como conceito transcendental e também categorial. Para o Cristianismo, Deus é a essência do ser e os desígnios de Deus revelam-se nas disposições da nossa vontade. Mas esses desígnios em geral não são os mesmos que, ontologicamente, podemos alcançar na teologia, por meios especulativos e por nós já estudados.

Na filosofia moderna, Descartes atribuía o valor mais alto ao conhecimento, o valor supremo. O ser de cada um é uma afirmação do ser.

Pascal construía uma hierarquia de valores com as suas duas ordens: a ordem do coração e a ordem do pensamento.

Para Malebranche, o valor subordina-se à verdade: “Aquele que vê as relações de perfeição, vê as verdades que devem regular a sua estima e, por conseguinte, essa espécie de amor que a estima determina”.

Não é o que é amado que tem valor, mas o que é digno de ser amado, afirma Brentano. Dois valores já surgem aqui: o que a coisa tem, que é a sua dignidade, e o valor que recebe ao ser amada.

Spinoza diz que “nós não nos esforçamos em fazer uma coisa, não queremos uma coisa, não temos o apetite nem o desejo de uma coisa porque julgamos que ela é boa; mas, ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque nos esforçamos por ela, porque nós a queremos, porque dela temos apetite e desejo”. Deus está acima da distinção entre Bem e Mal, para Spinoza. E considerar o bem e o mal subsistentes, seria, para ele, verdadeira idolatria. A existência do bem e do mal corresponde aos nossos desejos.

É no finito que ambos começam.

Em Leibnitz, o tema do valor apresenta características inteiramente novas. Em Deus, o entendimento e a vontade se opõem. É essa oposição que nos permite entender o mundo das essências e o mundo da existência. É a idéia do melhor que nos ajuda a explicar a passagem de um para outro, de uma essência que se existencializa.

Para Leibnitz, o princípio de razão suficiente se superpõe ao de identidade. O que caracteriza o valor é ser realizador (dinâmico). Deve, portanto, haver aí uma regressão do ser ao possível, para que o problema do valor possa ser colocado.

A característica da consciência humana, no instante em que ela interroga sobre o valor, é sempre de pensar o real, ou em outras palavras, de convertê-lo em possível, a fim de poder perguntar-lhe, pedir-lhe os seus títulos para existir e de reformá-lo pela vontade, se é incapaz de fornecê-los.

A vontade humana vai sempre do possível para o ser, enquanto está adstrita a subir do real para o possível antes de encontrar, neste, o meio de modificar o real, ou de acrescentá-lo a este.

Mostra-nos, assim, Leibnitz, que há uma solidariedade entre o valor e a possibilidade, o que não nos obriga a romper com o real, mas que nos leva a perguntar sobre a razão de ser, e, conseqüentemente, leva-nos a sair da aporia em que nos colocava Parmênides entre o ser e o não-ser. A multiplicidade dos possíveis restitui-nos a um estado de indeterminação e de ambigüidade da consciência, implica e exige a presença do valor, naquele instante em que depende de nós que o possível se atualize e entre na existência. A possibilidade, assim, realiza uma meditação entre o espírito e o real, mas só representa e dá prova de eficacidade quando o valor vem se lhe juntar.

É o espírito que realiza a ligação entre a possibilidade e o valor. O espírito possibilita o real para pô-lo ao seu alcance para dele dispor. O espírito valoriza o possível com a finalidade de pôr nele essa exigência de realização que o tornará um bem comum a todos que dele poderão participar.

No “Fédon”, Platão, ao opor-se a Anaxágoras, mostra que a causa mecânica é apenas uma simples condição, sem a qual não se poderia exercer a verdadeira causa, que reside na escolha do melhor. É, em outras palavras, ao que chega Leibnitz ao afirmar que a exigência interior do valor é a medida da nossa liberdade, que se opõe às causas exteriores que nos constrangem, nos limitam.

* * *

Vê-se claramente que o problema do valor é colocado na filosofia clássica de maneira completamente diferente da filosofia dos nossos dias. Para a filosofia clássica, o ser é a essência do valor, é o ser que dá valor, é o ser que essencializa a dignidade das coisas. Uma inversão se dá em nossa época, a qual é bem compreensível, pois estamos atravessando um período em que o homem perde em dignidade e valor. E, nesta época, o ser se “desvaloriza” ante o homem, humilhado ante o imenso poder opressor das máquinas estatais, o homem humilhado e diminuído, desvalorizado, descristianizado pelo poder das forças policiais e opressoras, reduzido a número, reduzido a instrumento, reduzido a utilidade, a meio, a coisa. E ante esse espectáculo de redução da dignidade humana, em que o homem mediocrizado é

dirigido por medíocres, guiado por finalidades também medíocres, primário e deficitário, a pergunta sobre o valor estruge terrível, exigente.

É preciso saber se o ser tem valor, e também saber qual o valor do ser. É preciso saber se a essência do ser não é apenas valor. E como o valor se lhe escapa cada vez mais, busca-o desesperadamente, através de especulações, procura-o infatigável, porque dele precisa, dele carece e, sem ele, não sabe como subsistir e suportar o espetáculo que assiste e do qual se torna também intérprete: o espetáculo de um mundo ensandecido, numa farândula desesperada que cresce em velocidade na busca avassalante de um triste final.

Até então o valor não era um tema exigente, porque os homens sabiam o que ele era. Para eles, o valor é ser, e vale segundo o grau de ser. Ou então, é o valor a marca da nossa desirabilidade, como vimos em Spinoza.

É em Deus, supremo valor e perfeição, que o valor tem a sua origem.

É, no entanto, com Kant que a Axiologia entra em nova fase. A sua crítica realiza uma verdadeira revolução em toda a filosofia, e abre o caminho para novas investigações. Em vez de subordinar o problema do valor ao problema do ser, ele subordina o problema do ser ao problema do valor. É a razão prática que no-lo descobre e nos obriga a procurá-lo; é ela que nos impele a penetrar em sua significação, introduzindo-nos no mundo moral, e, deste, leva-nos a um mundo transfenomenal, que os nossos meios de conhecimento não nos permitem penetrar.

Há um mundo dos fatos e um mundo dos fins. A natureza é o mundo dos fatos, mas o mundo moral é o mundo dos fins. No primeiro, o conceito é árbitro do conhecer, mas, no segundo, o **dever (sollen)** é o árbitro do ser. Portanto, o valor aqui se coloca.

Na ordem prática (ordem moral), o ser subordina-se ao valor, o sensível subordina-se ao espírito. O ser é gerado pelo valor, o sensível subordina-se ao espírito. O ser é gerado pelo valor, sem o qual não haveria moral. Aí se capta, viva, a passagem da essência à existência. E esta recebe, na verdade, uma significação teórica e não lógica. Há uma cisão entre os dois mundos diferentes, em que um é o objeto de uma experiência, que é entregue ao mecanismo das causas, em que o outro é o objeto de uma fé implicada nas próprias condições de nossa ação. É aí é que a finalidade encontra a sua justificação.

* * *

Mas Fichte vai levar avante e conseguir plenamente essa inversão desejada por Kant. Colocado o ser, a pergunta que se apresenta de antemão é saber como se pode valorá-lo. Ou ele traz em si o valor que nós podemos captar, ou trata de nele introduzir um valor que lhe falta.

O "eu transcendental" de Fichte é livre. E porque é livre, tem uma missão a cumprir, o que é próprio da liberdade. Realiza-se o eu ao criar o mundo da experiência, que é por sua vez o meio de criar a si mesmo. O mundo do fato depende do mundo do valor. "O mundo é o objeto, e a esfera dos meus deveres: não é absolutamente outra coisa". A realização é constante, porque há outros homens (seres livres) que criam. Daí, as relações jurídicas e morais que os unem, graças ao seu transcendental de que todos participam, pois, do contrário, como poderia haver transmissibilidade entre os homens?

* * *

Para Schelling e o seu grande discípulo, Hegel, não há oposição por separação, entre o ser e o dever-ser, entre o real e o ideal. Foi a aceitação dessa oposição que permitiu a Fichte considerar o valor como o princípio que anima a vida do espírito a engendrar a própria experiência que temos do mundo, que é uma valoração e valorização do homem.

O Ser absoluto apresenta duas perspectivas diferentes para Schelling: natureza e espírito. A intuição poética faz-nos perceber através das aparências a verdadeira realidade das coisas. Das formas inferiores, ascendemos às formas superiores. Hegel leva adiante a ação de Schelling, e realiza a abolição entre o real e o valor.

* * *

Marx, que se funda no pensamento hegeliano nos primeiros anos, reduz o valor ao econômico. Desde que ele reduz o espírito à superestrutura do econômico, essa providência era coerente. O valor não é do ser, mas do devir. O mundo não é algo para ser contemplado, mas para ser reformado. Materialista, Marx termina por considerar que a única felicidade do homem está na satisfação das necessidades vitais.

Schopenhauer, pessimista, condena desde logo o mundo. Que é ele senão o produto de uma força cega, estranha a toda inteligibilidade, estranha a toda finalidade? Só na obra de arte e na contemplação podemos encontrar um valor. O valor é uma criação humana. Tem uma origem subjetiva.

O pensamento de Schopenhauer tem uma grande importância, porque nos dá as bases do pensamento de Nietzsche, com quem o tema do valor é novamente colocado sobre a mesa, mas já sob outros aspectos. A dificuldade de se conhecer claramente o pensamento axiológico de Nietzsche decorre de se encontrarem as suas idéias esparsas por sua obra. Uni-la numa concepção geral é realmente trabalho difícil. Mas, estamos certos de haver conseguido essa unificação, e pelos termos como ela se apresenta, dará oportunidade para que se possa pôr este tema sob novas luzes. Para tanto, tivemos o máximo cuidado em ponderar sobre as afirmativas aparentemente contraditórias do pensamento nietzscheano. Dizemos aparentemente, porque essas contradições eram mais dialéticas do que propriamente formais. Desde que se coloquem bem os seus postulados, o pensamento nietzscheano torna-se claro. E o estudo das suas concepções nos permite clarear o problema como ele se apresenta aos filósofos de nossos dias e atravessar, por sua vez, o emaranhado de tantas opiniões, perspectivas e pontos de vista que são, hoje, um verdadeiro mar de escolhos para quem deseja penetrar no terreno da Axiologia. É o que faremos oportunamente.

TEMA II

Art. 1

O VALOR NOS SÉCULOS XIX E XX

Embora pareça o contrário, a reflexão moderna, em seus aspectos gerais, oferece pouca coisa diferente e distante dos gregos. Inegavelmente, a nossa cultura, é ainda, em seus fundamentos, subsidiária do pensamento grega e do pensamento oriental, através do cristianismo e da cultura alexandrina.

É compreensível que em nossa época, na qual a moda é soberana, que o espírito do empresário capitalista influa no pensamento, sobretudo no campo da estética, onde a originalidade é aspirada com tanto afã.

A filosofia moderna, à proporção que se afasta das positividades clássicas, tem caído nos abismos da crise, e tem sido avassalada por um espetacular desorientado e vário, a ponto de subordinar a reflexão teórica à reflexão prática, sem compreender a inseparabilidade de ambas para um seguro filosofar.

Ademais, procurando salvar-se do homem e do antropomorfismo na filosofia, caiu nas mãos vis manifestações antropomórficas, submetendo a especulação filosófica à direção das vivências humanas, a ponto de colocar de lado a relação entre o ser e o conhecer, dar uma posição secundária aos exames dos temas ontológicos e gnosiológicos, "transformando" o ser numa criação do homem, proporcional à sua apreensão e à sua representação, um produto antropomórfico apenas.

Com a "Filosofia Concreta", não tivemos o intuito de realizar uma síncrise nem uma síncrese das filosofias diversas. Apenas expusemos um modo de filosofar, o menos antropomórfico possível, cujas positividades encontram correspondências nas diversas filosofias e constituem os "momentos" positivos que elas possuem em suas afirmações, embora errôneas em suas negações, quando recusam as positividades dispersas em outras filosofias.

Um dos aspectos que distinguem o moderno filosofar do clássico consiste em que, neste, o filosofar funda-se na oposição do ser e da aparência, enquanto naquela se funda na oposição do ser e do valor. Veremos, posteriormente em que se funda essa falsa oposição, produto da ignorância dos caminhos seguros do filosofar clássico, que não estabelecia tal oposição, como não podia estabelecê-la.

Em todas as doutrinas que decorrem do platonismo e do cristianismo, o ser e o bem se convertem (**ens et bonum convertuntur**). **Omne ens est bonum, et e converso** (todo ser é bom, e inversamente, todo bem é ser) é um pensamento clássico da filosofia, pois se o valor (bem) não é um ser, é nada, e se é nada, nenhuma eficácia tem, nada é.

Não sendo um essente o valor, deixaria de ser algo para ser a negação de algo, e não seria valor porque nada, nada vale. O valor é inseparável do ser. Só a mente pode separá-los abstratamente.

A separação entre valor e ser é uma separação metafísica, é uma distinção formal. Transformar o ser numa espécie de valor é dar ao valor o caráter de gênero, que incluiria o ser como uma de suas espécies. Ora, o ser receberia ser do valor, no qual se incluiria. Neste caso, o valor seria ser e anterior ao ser.

Esse pensamento revela apenas a grande confusão em que está imersa parte da filosofia moderna e, sobretudo, a mais ruidosa, a mais demagogicamente publicitária, aquela que arrasta nas suas confusões todos os espíritos penumbrosos e confusos da nossa época, e que a elevam ao mais alto. (Esta é uma influência do cartazismo moderno, a exaltação desenfreada do que tem menos valor, do que não

perdura, mas do que alcança uma intensidade máxima, e atrai as atenções dos espíritos ingênuos de nossa época).

O ser, opondo-se ao valor, como se vê colocar no pensamento atual, é uma monstruosidade do pensar moderno. Nessa oposição se dá a ambos positividade, pois, do contrário, se um dos termos da oposição não é positivo esta se desvanece totalmente, permanecendo apenas um. Neste caso, qual a positividade do valor? A do ser é a de ser e, como tal, não se lhe pode predicar o nada. Mas, entre ser e nada não há meio termo, porque menos de ser é nada, e mais que nada é ser. Neste caso, deveria haver no valor algo que o distinguisse do ser. E esse algo não poderia ser ente, pois do contrário já estaria contido naquele. Como não há meio termo, o que distinguiria o valor do ser seria o nada, uma ausência. E, neste caso, o valor consistiria apenas em nada, o que levaria à anulação da oposição. Vê-se que essa oposição entre valor e ser, que filósofos modernos colocam, é produto de confusão e da deficiência do filosofar.

Até Nietzsche, os filósofos discutiam o fundamento do valor e não a sua natureza. Hoje, discutem-na, afastando-se do que havia de mais sólido, para embrenharem-se num terreno movediço e inseguro. É o que ainda veremos.

TEMA II

Art. 2

OS VALORES PARA NIETZSCHE

Nietzsche, no século passado, pôs-se a atacar as escalas de valores até então aceitas, a quebrar as antigas tábuas, e a propor novas, que, na realidade, nada mais eram que outras mais antigas, quebradas no decorrer dos tempos.

É um fato observável no exame histórico, como o expomos em nossa "Filosofia e História da Cultura", que há escalas de valores gerais nas diversas épocas cráticas, quando o **Kratos** (poder) político está nas mãos de uma determinada estrutura social.

Há, assim, uma escala de valor predominantemente religiosa, quando a classe sacerdotal e a dos homens virtuosos dominam o **kratos**; há uma escala predominantemente ética, quando está nas mãos da aristocracia; uma escala predominantemente utilitária, quando o **kratos** cabe à classe dos homens de negócios, e uma escala utilitária viciosa, quando aquele cai nas mãos dos césares, no momento

histórico em que a massa dos servidores é utilizada como base para o domínio dos aventureiros que ensangüentaram sempre as páginas da História.

Ao examinar o pensamento de Nietzsche, que tanto significado tem para a axiologia moderna, vamos estabelecer três teses, que são, para nós, fundamentais do seu pensamento:

1) O primado do valor sobre todas as outras noções.

Nietzsche admitia um conflito possível entre o valor e a verdade, que deve prevalecer em favor do valor, embora, em certas passagens, note-se que considera ele a verdade como o supremo valor.

Considerar a verdade como valor ou como ponto de encontro de valores, será tema a ser estudado oportunamente.

2) O valor tem a sua origem na "vontade de potência".

É o homem que dá valor às coisas. Por isso, ele se chama "homem, que quer dizer, o ser que valora".

O animal não valora, pois valorar é criar o valor.

O valor é ditado pela vontade e não tem lei, porque a vontade é a lei. Tomba, assim, no individualismo do valor?

3) Não, porque a tábua de valores, que Nietzsche nos propõe, não é ditada por ele e válida apenas para ele.

É válida para todos os homens, fundada sobre a psicologia e a história. Quem afirma é a verdade, mas as diversas verdades não são irredutíveis e sem relações entre si.

A que tem mais valor é a que tem mais vontade, que mostra o máximo de iniciativa de potência, que testemunha o melhor de todas essas qualidades que definem a vontade, que qualquer outra faculdade não poderia substituir.

É ela que subordina rigorosamente as outras funções da consciência, em vez de aceitá-las, de lhes ser

subordinada.

Nos impulsos dos instintos há os nobres e os baixos, e é preciso distinguir o covarde e o heróico.

Combateu Nietzsche a Sócrates. Por que?

Sócrates afirmava o universalismo do valor e a subordinação da vontade à inteligência. Quando esta nos aponta o bem, cabe-nos realizá-lo, fazê-lo.

Para ele, Sócrates não compreendeu o papel agônico dos instintos, dos impulsos mais profundos: a luta entre a covardia e o heroísmo, em nós.

A virtude, como meio de alcançar a felicidade, é um “momento de perversidade profunda para o historiador dos valores”, diz Nietzsche.

Há duas morais: a dos senhores e a dos escravos.

“O cristianismo revela a vitória dos escravos, e as virtudes, que dele decorrem, estão sob o signo da covardia”.

Mas, e o heroísmo? Esqueceu-o acaso Nietzsche do cristianismo? Não. Lembremo-nos de Cristo ("o único cristão morreu na cruz"), e também da heroicidade dos que proclamam a sua pequenez e a sua humildade.

Nietzsche quer ser o anti-cristo e o anti-sócrates. Mas, em que sentido?

No sentido paulino, segundo a sua interpretação, e no sentido platônico de Sócrates?

O próprio Nietzsche, numa carta ao grande anarquista Brandes, expressa-se de forma a impedir más interpretações aos seus intuitos:

“Empreguei-me estas semanas em transmutar valores. Creio que compreenderá o tropo. No fundo, os joalheiros são os mais meritórios dos homens: eu vos falo daqueles que, de um nada, de uma matéria desprezada, fazem coisas preciosas, por exemplo o ouro.”

O erro de Nietzsche não estará em abolir a distinção e a solidariedade entre o poder que nos permite ter uma imagem fiel da natureza e aquele que nos permite nela acrescentar algo?

Todo o pensamento sobre o valor, que decorre depois de Nietzsche, funda-se nesse desafio, e dele

depende como ponto de partida pelo menos, e busca a objetividade do valor; que podemos atingir através de uma experiência comparável à que temos de outros aspectos da realidade.

* * *

Os valores são ainda para Nietsche:

1) gradativos;
2) de origem páthica;
3) a razão os objetiva para dar-lhes uma "razão suficiente", um porque, e para arrastá-los a formas viciosas;
4) podem ser avaliados;
5) são intervaloráveis

Quanto à origem, convém distinguir:

1) sem porque, (aristocráticos) de origem totalmente **páthica**;
2) com porque (lógicos) são objetivados pelo Logos;
3) atribuídos, quando emprestados às coisas.

Quanto aos graus:

1) mais altos (valores superiores);
2) mais baixos (formas viciosas).

AS FORMAS DOS VALORES

ARISTOCRÁTICA	VULGAR	VICIOSA
Bom	bondoso	benigno
venerando	respeitoso	deferente
único	só	singular
amor próprio	egoísmo (utilitário)	egolatria
audacioso	atrevido	descarado
austero	severo	rigoroso

trivial	baixo	desprezível
magnificente	suntuoso	luxuoso
mau	maldoso	maligno
temeroso	medroso	covarde
heróico	corajoso	temerário

Para ele, o heróico é o valor que dá valor ao valor. É o valorizador supremo do valor. Não se julgue que considera o herói o tipo máximo. O “herói é um tipo aceitável”... , dizia ele.

Mas o heróico valoriza o valor, e aqui está o importante, que caracteriza o seu pensamento axiológico.

E onde está o heróico? O heróico está no afrontar um risco por amor de um valor. Põe-se em risco um alto valor, vital ou utilitário, não importa, por um outro valor ao qual se aspira.

E esse valor ao qual se aspira pode ser menor que o heróico?

Pode, e Nietzsche admite que sem **porque**, aristocraticamente, o grande gesto vale de per si, levando a perda de um valor maior pela obtenção de um valor menor. Mas este valor menor está valorizado, então, pelo grande gesto heróico. O heróico, deste modo, é um valorizador de valores.

O "viver perigosamente" de Nietzsche é viver o heroicamente cada instante da vida. E esse "perigosamente" está no sábio que no laboratório dedica-se às pesquisas mais perigosas; no trabalhador, que arrisca a vida para ganhar um valor menor, um mísero salário; no soldado, no campo de batalha; naquele que se arrisca para salvar a vida de um animal.

O valor do ato heróico não está no para o qual aquele se dirige, mas nele mesmo. O realizado pelo herói se avantaja, cresce de valor. Uma flor no campo é uma flor como o é numa montanha. Mas o jovem que se arrisca para tirá-la de um precipício e ofertá-la a uma jovem, dá-lhe um valor que aquela por si não tem. O heróico é assim o momento de alto valor que um valor pode receber. Acima do herói, Nietzsche põe o santo e o filósofo. Mas, se o santo e o filósofo unem-se num valor dado pelo heróico, atingem o máximo.

Cristo é o santo, é o sábio e o herói. E o próprio Nietzsche teve uma vida que foi a afirmação de sua doutrina axiológica: sábio, santo e herói, também, por mais que os seus caluniadores, por incompreensão, não possam alcançar toda a significação de sua vida, o que caberá às futuras gerações.

Desta forma, o bom é um valor positivo. Mas o bom, heroicamente realizado, é um super-valor; portanto, os valores intervalorizam-se.

A escala nietzscheana dos valores põe, no alto, os valores ético-aristocráticos e os vitais, e, no lugar mais baixo, os utilitários.
Com o seu individualismo, Nietzsche realiza-se como um verdadeiro anarquista aristocrático. Tinha razão Brandes ao classificá-lo assim. Sua posição, ante os valores, justifica essa classificação.

TEMA 11

Art. 3

O PRAGMATISMO

É o pragmatismo uma teoria do valor? A prova da verdade para tal posição filosófica, não consiste na conformidade de uma realidade exterior a ela, em seu acordo com as exigências do espírito, mas no valor.

É o pragmatismo, em suma, uma teoria do conhecimento. Rejeita tanto o idealismo como o realismo. Para essa posição, o conhecimento é incapaz de suprir a si mesmo, pois ele só tem razão em relação à ação. O seu valor é experimentado pelos sucessos da conduta que utiliza.

Não há distinção entre o valor teórico e o valor prático; este é o árbitro daquele. Revela-se aqui um empirismo da ação, que vem substituir o empirismo do objeto.

Reduz o pragmatismo a verdade ao bom êxito. Ora, onde só o bom êxito vale, todos os meios são bons.

Não se julgue apenas assim o pragmatismo, pois há níveis de bom êxito. E inclui aquele as mais belas realizações espirituais. A árvore é julgada pelos seus frutos.

Em sua forma mais profunda, o pragmatismo põe seu valor não na materialidade de um resultado, mas na participação deste a uma energia vital e psíquica sempre maior; e é ela encontrada em tudo quanto tonifica a consciência e a desabrocha.

O valor do pragmatismo está na colocação do valor na ação, e não no sujeito, nem no objeto apenas.

Mas o defeito do pragmatismo está na subordinação da verdade ao bom êxito, o que é um critério perigoso por sua subjetividade, daí permitir as interpretações mais perigosas, como as que conhecemos. Também nos lembremos que há uma fortuidade do bom êxito.

É pela ação que penetramos no ser e que participamos de sua eficacidade sem limites; mas toda ação é imperfeita por ser limitada pela hibridez de ato e potência.

O que se deve procurar nela não é o que a opõe ao ser absoluto, mas o que faz que ela dele participe. O intervalo entre o pragmatismo e o intelectualismo é coberto pela ação; em vez de favorecer a dissociação do ser e do valor, tende a juntá-los.

Há uma diferença entre Nietzsche e o pragmatismo: o heróico para o primeiro, e o chão para o segundo; a exaltação e a chatice; a grandeza poética e o prosaísmo deliberado; o rompimento com as opiniões melhor aceitas por um esforço heróico, e o terra-a-terra... Estamos num romantismo heróico diante de um romantismo utilitário.

Após Nietzsche, ante os trágicos acontecimentos deste século de tantas decepções e de tantos amargores, a filosofia iria interrogar acerbamente pelo valor, porque nunca se pôs tanto em jogo o valor de todas as coisas.

Há interrogações ansiosas: é o valor heterogêneo ao Ser, e está ele no ser realizado, ou no ser ultrapassado?

Podemos conformar o ser ao valor ou, em último caso sacrificar o ser ao valor? O ser espiritual dos valores está acima do ser material dos fenômenos?

Parte de Nietzsche a axiologia moderna, mas vai além dele, como vai além de Kant. A teoria do valor, na verdade veio dar um novo relevo ao realismo da forma platônica.

Há uma ligação mais profunda entre o pragmatismo e a metafísica do que se pensa comumente. A metafísica do ato e do valor é a verdadeira metafísica. Quando se diz que os valores têm um caráter irreal, na verdade deseja-se dizer que não são objetos de experiência, mas além da experiência. Há uma atividade do espírito, que é o fundamento de todos os valores e que, desde que nela aceitamos participar, promovemos os valores à nossa consciência.

Há uma luta da filosofia moderna contra o ontologismo dos valores e contra o empirismo tradicional. Mas há um ontologismo: o valor como um domínio do ser, como revelação do absoluto, cuja experiência objetiva nos mostra apenas o fenômeno e também como um novo empirismo, pois o valor é, por si mesmo, objeto de uma experiência específica, pois além do fato material e do fato psíquico ele nos oferece um fato espiritual, cujos exemplos são os fatos morais, os religiosos, apreendidos sob a forma de **fronemas** (afetivos) e não mais **noemas** representativos.

Há, na concepção do valor, duas tendências diferentes;

1) uma que lhe nega existência, e o encerra nos limites da consciência subjetiva;

2) outra que o torna um objeto específico, distinto do apenas sensível e do conceitual, para o qual se orienta a consciência incessantemente, através de todas as ações que ela realiza no mundo dos fenômenos, que servem de mediação entre o valor e ela.

TEMA II

Art. 4

A AXIOLOGIA NOS PAÍSES GERMÂNICOS

Franz Brentano, a quem já tivemos ocasião de nos referir, teve um grande papel na formação da filosofia contemporânea, graças à influência que exerceu sobre Husserl, Scheler, Nicolai Hartmann e sobre os fenomenologistas em geral.

Colocava Brentano o valor na afetividade, e o verdadeiro no juízo. A polaridade que conhecemos entre amor e ódio, na afetividade, é comparável a afirmação e negação no campo do conhecimento, campo da intelectualidade, ao qual certamente queria se referir. Essas polaridades correspondentes permitiram a Brentano fazer distinções que o levaram a ter o máximo cuidado em não confundir o que é amado com o que é digno de ser amado.

Platão distinguia dois tipos de amor: o que tende para o bem, e o que tende para qualquer outro fim

(desejo).

O próprio do valor é nos conduzir a preferir a existência de uma coisa a sua não-existência, por isso é importante a relação dela com a sua possibilidade. Quanto à existência, as coisas são ou não são, mas podem ser melhores ou piores, pois há graus de valor, e é nesse melhor ou pior que está o terreno do valor.

Também, para Meinong (1853-1920), é na afetividade que se revela o valor.

MEINONG (ALEXIUS VON)

"Um objeto tem valor enquanto possui a capacidade de fornecer uma base de fato a um sentimento de valor". Não se trata de saber se é ou não susceptível de ilusão. O sentimento revela-nos a presença imediata do valor, e é no sentimento, que o juízo de valor encontra sua própria justificação.

Mas a subjetividade de Meinong é excessivamente objetiva. "Um objeto tem valor enquanto um sujeito nele capta, ou poderia ou deveria captar interesse".

Meinong construiu a teoria do objeto ideal, livre de existência, afastado, separado de toda relação com o estado atual da consciência, como o é o objeto matemático. Independe essa objetividade dos sentimentos que um sujeito individual possa experimentar.

"O prazer, que eu experimento em pensar que um objeto existe ou não existe, é a medida do valor que eu lhe atribuo ou que eu lhe recuso".

CHRISTIAN VON EHRENFELS (1850-1932)

Substitui a consideração do sentimento pela do prazer. O valor é, pois, identificado com a desirabilidade, e a intensidade do desejo é a medida do valor.

"O valor é a relação que existe entre um objeto e um sujeito, o que nos faz compreender que o sujeito deseja efetivamente o objeto, ou, então, que ele poderia desejar, no caso em que não estivesse convencido da existência desse último".

Vê-se logo que esse desejo não se poderia aplicar nem ao erro, nem à dor, pois são desejos que não poderiam ser satisfeitos, pois precisaria, no que concerne ao primeiro, que nos apartasse a consciência do erro, o que o destruiria, e no que concerne ao segundo (um ser **realmente** enganado, e o masoquismo de certo gozo no sofrimento), um prazer que seria a negação dessa própria dor. (Não devemos esquecer os momentos em que desejamos ser realmente enganados, o masoquismo de certo gozo no sofrimento).

O desejo não pode ser a medida do valor, porque o desejo pode ser apreciado como portador de valor, que, por isso, o antecede.

O desejo revela aspectos opostos, pois há influências positivas ou opositivas da vontade. Além disso, ha coisas que não despertaram ainda nosso desejo. Dessa forma, em vez de ser o desejo que julga o valor, é o valor que julga o desejo.

KREIBIG, KRAUS, SCHLICK, CARNAP, ETC

Ainda na filosofia austríaca, aparecem as figuras de Kreibig, que também defende a significação emocional, e Kraus que continua defendendo Brentano. No Circulo de Viena, temos Schlick, que funda o valor no prazer, e Carnap afirma que só a experiência nos poderá afirmar se fazemos urna observação de fato (existencial) ou se apreciamos um valor.

Vemos que nessas concepções o valor fica reduzido ao subjetivo. Não se busca um conteúdo ontológico, mas apenas psicológico. O valor reduz-se, assim, ao antropológico e desmerece-se, deste modo, o âmbito da sua investigação.

A AXIOLOGIA NA FILOSOFIA ALEMA

Na Alemanha, teve a axiologia um grande desenvolvimento. A derrota da grande guerra (14-18) favoreceu a atualização do aspecto negativo de Kierkegaard e a virtualização do que nele era positivo. A influência do pessimismo processou-se também na França, através do existencialismo ateu, durante os anos desta ultima guerra (39-45), e, posteriormente, mas já em pleno declínio.

Ha urna ligação entre a axiologia, na Alemanha, à fenomenologia. Ha uma distinção e uma correlação fundamental entre a operação da consciência e o objeto, ao qual ela se aplica. A consciência não tem conteúdo: os objetos estão em face dela e não nela. Ha apenas objetos intencionais; são objetos reais, mas que se mostram a ela sob a forma de fenômenos.

O pensamento visa a essência, que é independente dos objetos aos quais ela se aplica, e que permanece idêntica através de sua diversidade. E notável a influência que Lotze exerce. “A metafísica não tem começo em si mesma, mas sim na ética”.

Rickert pensa como Lotze que o valor não e dado como derivado do sujeito, mas que pertence a esfera do objeto, mas de um objeto que não e dado como de uma experiência sensível. Há em Rickert um dualismo do sensível e do não-sensível. Este faz parte também da experiência, que é a experiência da significação.

No que concerne no conhecimento, a validez do juízo reside, não em seu conteúdo, mas na avaliação de sua verdade. Podemos dizer dessa verdade, que ela tem valor e não que ela existe. Há, assim, um abismo entre existência o valor; a negação da existência termina por abolir a representação. Estamos em face do nada. A supressão do valor deixa lugar a uma existência, que é a do não-valor. Rickert (e é fácil compreender-lhe agora) é levado a considerar os valores como normas e não como objetos.

HUSSEHL, SCHELER E HARTMANN

Husserl deu à fenomenologia a sua forma mais sistemática e aprofundada. Procurou fundar urna ciência trancendental das essências. Os valores, para ele, são essências que devem ser alcançadas por uma potência, por um viver do sentimento.

Há duas essências: verdades e valores. As verdades correspondem à atitude da razão cognoscente; os valores, a atitude da alma desejante e volente.

Scheler e Nikolai Hartmann, em vez de subordinarem o ser no valor, ou o valor ao ser, sustentam que há um ser dos valores, e que, contrariamente a Kant, não é o dever que engendra o valor, mas é o valor que engendra o dever.

O ser dos valores é o próprio dever-ser, (**Axiós, Timós, Ethnos**). Pode-se considerar essa posição como

um retorno ao neoplatonismo?

Prosseguem afirmando que nos cabe descobrir a objetividade do valor e não inventar (como o pensava Nietzsche). O valor determina a consciência, e não esta o valor. Aquele é captado pela intuição (não do ponto de vista intelectual, mas emotivo) e precede a toda experiência. Os valores formam um **kosmos noetos**, como em Platão; são essências. Podemos enganarmo-nos axiologicamente sobre eles quando os apreciamos. Por ser uma essência que responde sempre a uma intencionalidade emocional, ele, para Scheler, conduz-nos a Deus, enquanto, para Nicolai Hartmann, também para o homem.

Scheler tem um papel de grande significação na filosofia moderna. Discípulo de Brentano, deu valor no sentimento na apreciação e captação dos valores.

Os atos afetivos implicam um objeto a priori, e esse objeto a um valor correlativo a cada um (amor, ódio, preterir, desejar).

Não é sobre o sentimento que se regula o valor, mas sobre o valor que se regula o sentimento.

Os valores não são relações, mas qualidades que o sentimento apreende, em sua relação conosco (Scheler é o primeiro a dar a gênese afetiva ao valor, o que examinaremos oportunamente) .

Eles se polarizam e formam hierarquias, fundamento do ato de preferência. Quanto aos valores positivos e negativos, caracterizam-se os primeiros pela presença, e os segundos pela ausência.

Hartmann distingue-se de Scheler por não aceitar pessoas coletivas na filosofia nem na psicologia. O Estado, o povo, etc., não formam individualidades para Hartmann. É na consciência individual que se forma a relação entre o valor e o dever. Hartmann sacrifica a religião à ética. A dignidade do homem consiste em transformar o dever-ser (**sollen**) em dever-fazer; e o axiológico, em ontológico.

* * *

Já que nos referimos a corrente absolutista dos valores na filosofia alemã, examinemos, agora, as opiniões de Rudolph Otto e as de W. Stern, que, embora de menor importância, oferecem um grande papel na temática.

Otto, por exemplo, representa uma tendência mística, e leva cada consciência até o ponto em que ela se encontra com o sagrado, que e um valor infinito e irracional, captado pela afetividade. Mas crê que é

possível (igualmente o acreditava Hartmann) uma conciliação entre os valores transcendentais e os valores imanentes.

Estes últimos são como um reflexo ou uma participação de um valor primeiro (**Unwert**), ao qual eles se referem e sem o qual eles não poderiam ser colocados.

William Stern é um personalista dos valores – "aprecio, logo sou" – Distingue: os Selbstwerte (valores em si), os Strahlwerte (valores de irradiação) e os Dienstwerte (valores como meios a serviço dos valores em si). O eu é o centro do mundo dos valores.

Há, na Alemanha, uma corrente relativista dos valores, representada, sobretudo, por Ostwald, Vierkandt e Muller-Freienfels.

Ostwald é um físico, e funda o valor na lei da entropia. A entropia afirma a irreversibilidade do mundo. Se tal não se desse, tudo poderia retornar. Num mundo irreversível, não podemos reparar o mal realizado.

A unicidade de todo fato é o seu valor.

O emprego das máquinas mostra-nos que não devemos malgastar as energias, que devemos manter o máximo de rendimento, realizar o máximo com o mínimo de esforço. Dessa forma, o valor identifica-se com a utilidade.

É criticável essa teoria por fundar-se numa hipótese científica, mas é erro negarmos-lhe os aspectos positivos, que, na parte concreta, procuraremos evidenciar.

Vierkandt mostra a origem histórica dos valores, a qual explica o seu caráter irracional. Os valores provem: ou da tradição ou de uma condensação de sentimentos, produzida pela memória.

Dessa forma, o valor pode passar da coisa para o símbolo, e a coisa, na qual reside o valor verdadeiro, pode ser esquecida. Cabe-nos racionalizar esses valores, produzidos no curso da história.

Milller-Freienfels é um representante do psicologismo. O valor é propriamente a propriedade do objeto de ser desejável. Ele tem essa propriedade como matéria, mas supõe ainda uma posição de valor como certos valores históricos, que não são propriamente sentidos como tais. É preciso sentir novamente o

valor. Vale em relação ao sujeito que o sente. Opõe-se assim ao absolutismo de Scheler e de Hartmann. Em nós, há o individual e o coletivo tradicional, e há uma luta entre ambos.

O valor e uma relação afetiva e implica um sentimento de posse. Um valor em geral é o produto de um ato de generalização, que lhe rouba toda intimidade e toda verdade afetiva. Os valores gerais são esquemas vazios, desprovidos de sangue e de vida, se não são assumidos pelo indivíduo.

Alfred Stern pensa que se a consciência se define pela oposição entre o sujeito e o objeto, o valor revela-se sempre no procurar superar essa oposição.

Os filósofos franceses criticam severamente a axiologia alemã (o que não é de admirar).

Brehier, por exemplo, resolve acabar com a Axiologia. “É tão difícil. . .” diz. Para ele há duas posições: ou se reduz o valor ao subjetivo, ou a uma noção metafísica de um valor absoluto. E é só o que percebe.

TEMA II

Art. 5

A AXIOLOGIA NA INGLATERRA, ESTADOS UNIDOS, FRANÇA, ETC.

O valor aparece como uma espécie de desenvolvimento de uma reflexão filosófica, que não isola os problemas especulativos dos problemas práticos. A influência empirista e o platonismo tradicional da Inglaterra predominam na especulação dos valores.

HUME - Distinguia a razão (que decide), de o fim, de a afetividade, que é o único capaz de nos instruir.

A idéia do bem apenas expressa a experiência que temos do agradável. Jamais saberemos porque amamos o prazer e odiamos a dor. A atualidade do prazer é uma apreensão imediata no sentimento. A razão, a posteriori, poderá decidir sobre os meios de atingir o agradável, ou de nos assegurar uma posse constante ou uma posse comum.

ADAM SMITH - Apresenta uma teoria empírica do valor, que vai permitir a ligação entre os valores

econômicos e os problemas éticos. Aceitava que o sentimento, o emocional, revela-nos o valor. O sentimento moral nasce da simpatia, que encontra no egoísmo o seu contrário, o que permite captar o caráter antitético, que é sempre inseparável da noção de valor. Daí devermos purificar toda a simpatia da raiz egoística, para alcançarmos uma simpatia desinteressada, como seria experimentada por um observador imparcial, livre de todo interesse. O eu, como raiz, não furta realidade a esse sentimento desinteressado? E se afastamos o eu, não negamos a vida afetiva?

Lembremo-nos de Scheler quando afirmava que, no sentimento, há uma função propriamente metafísica, cujo caráter próprio é precisamente o de expressar o nosso laço com as pessoas, como a percepção expressa o nosso laço com as coisas.

BENTHAM (1748-1842) - Não dissocia o problema econômico do axiológico. Tentou introduzir uma medida quantitativa do valor (essa foi a sua grande "originalidade"). Essa aritmética da qualidade é um velho sonho, e Fechner, na psicologia, também tentou realizar tão “maravilhoso” sonho. Se o prazer revela o valor, ele comporta certos coeficientes. Esses coeficientes são os de intensidade, de duração, de probabilidade, de afastamento no tempo, da extensão a um número maior ou menor de pessoas. Tais tentativas malogram sempre, porque procuram separar o que é dado como um todo, uma tensão. Ha uma ligação entre o Bem e a agradabilidade, como se pode ver em nossa “Noologia Geral”.

STUART MILL - Não rejeita o utilitarismo de Bentham, mas inclui a consideração da qualidade do prazer. Mas essa qualidade é o próprio valor, e por isso Stuart Mill malogra em suas tentativas.

SPENCER - Defende o naturalismo evolucionista. O egoísmo é o fator de desenvolvimento humano. Há uma luta, no fundo da consciência humana, que não é uma luta pela vida, mas a luta por duas formas da vida, entre o instinto natural e o ideal espiritual.

SCHILLER (americano) é pragmatista. Já vimos que o pragmatismo é um empirismo da ação. Para Schiller, a ação é humana e humaniza as coisas; por isso a transfigura. E é aí que se introduz o valor, através dessa humanização.

A AXIOLOGIA NO IDEALISMO INGLÊS

O idealismo platônico de Cambridge e Oxford, ligado às correntes religiosas, sofreu a influência da

filosofia de Kant e de Hegel. Entre os pensadores religiosos, podemos salientar Newman. Para ele, a intuição é um dom que nos permite atingir a intimidade das coisas: o que constitui propriamente o seu valor.

O entendimento não pode chegar a tal ponto; só a intuição o pode.

* * *

GREEN reconhecia o valor absoluto da pessoa humana. O homem é um cidadão de dois mundos. A consciência é a mediadora entre o temporal e o eterno. Nós não desejamos o desejo, mas o objeto. O desejo é apenas o que decorre.

Há também um desejo do bem, mas tal desejo é o efeito de *seu* valor, e não constitui propriamente o valor.

BRADLEY funda o valor indivisivelmente axiológico e metafísico da pessoa sobre a ligação, nela, do finito e do infinito. Na realização de si, o eu se apreende como finito, mas deseja a si mesmo como infinito. O eu encontra ante si um desenvolvimento que não tem fim. Para realizar-se, precisa ultrapassar-se. Para Bradley, tanto no bem, como na verdade, há identidade da idéia e da existência. Mas, no bem, é a idéia que procura atingir a existência, enquanto, na verdade, é a existência que procura atingir a idéia. O bem implica, pois, a realização de sua idéia por uma vontade: e essa realização pode produzir-se de duas maneiras: pelo sacrifício ou pela afirmação de si (*self-sacrifice* ou self-assertion). O bem é assim subordinado ao todo, e traz em si a contradição. A contradição só desaparece quando a filosofia e a contradição coincidirem. A verdade passa a subordinar-se ao bem. E nada é mais real que a ação praticada para a realização do bem.

Neo-realistas - Contra essa metafísica intelectualista e idealista, surgiram os chamados neo-realistas, que apresentam nova concepção da experiência, incluindo nela tudo quanto pode ser pensado, e assim como Platão dizia que as coisas são idéias, dirão aqueles que as idéias são coisas. Entre estes, temos Moore, Alexander, Laird, etc.

WHITEHEAD - Costumam colocá-lo entre os neo-realistas, mas preferimos classificá-lo real-idealista. Os objetos do pensamento são puros possíveis até o momento em que vêm encarnar-se nos acontecimentos, e que a figura do mundo depende da ação de nossa liberdade. O real é experimentado

ao mesmo tempo em que é percebido. Dessa forma, o espírito mergulha as suas raízes no mundo, mas é para ser capaz de dominá-lo, isto é, "permitir-lhe fazer passar o possível a ato e criar valores".

Nos Estados Unidos já vimos que a idéia de valor está no centro de todo pensamento pragmático, cuja essência consiste em subordinar a verdade ao valor, em afirmar a primazia do valor e que há graus de valor.

WILLIAM JAMES afirma que o valor surge da experiência, por ser esta quem o denuncia.

Para DEWEY, o homem nada mais é que um ser biológico e social. Os valores só têm sentido segundo a sua eficacidade. Os valores espirituais não têm significação, apenas representam a expressão de uma derrota e procuram dissimular o nosso malogro.

TEORIAS DO VALOR NA FILOSOFIA FRANCESA

Estas oferecem pouco interesse para a Axiologia. Fundam-se na oposição entre juízos de existência e de valor. A verdade é padrão de todos os valores, e não um valor entre outros.

Para Ribot, os valores representam, na lógica afetiva, o mesmo papel que os conceitos na lógica intelectual. Fala ele em "abstratos emocionais". É uma lógica de possíveis imanentes, entre os quais a liberdade pode escolher.

Mas o valor é subjetivo, e define-se por sua aptidão em provocar o desejo. O que é desejado, porém, já tem um valor. Há assim uma hierarquia de desejos.

Sociólogos franceses (Durkheim, Bouglé, etc.) reduzem o valor ao sociológico. Não convém esquecer a importância do social na formação das escalas de valor, nem dos próprios valores. Há valores sociais, culturais, etc. Tal não justifica a redução do valor ao sociológico apenas.

LE SENNE (RENÉ) - Para este, o obstáculo revela o valor. Ante o malogro, a consciência compreende que o valor é a salvação e a libertação. Igualmente como o pensava Hegel, é a negação que a mediatiza. Se só conhecêssemos o bom êxito (**succês**), se apenas tivéssemos a experiência do bom êxito, a consciência se aboliria com facilidade. O valor é sempre uma vitória. Opõe-se às teorias que desejam encerrá-lo em um conceito. A consciência é bipolar: eleva-se para o alto ou para baixo. A única

maneira de conhecer o valor é procurar valorar. A existência é valor e o valor é pessoal. É ele que une as pessoas entre si, e Deus é o valor supremo que une todas as pessoas. É ele que funda a participação de todas as consciências no valor, bem como a possibilidade de sua comunicação mútua. É o valor que define, em cada momento, a relação entre a transcendência e a imanência.

Reconheçamos o valor do obstáculo e do mal. Mas nem sempre leva ao espiritual, também leva à blasfêmia, à revolta negra, bem como à técnica utilitária.

O espiritual mais elevado não precisa do obstáculo. Mas seria um erro deixar de reconhecer o que oferece a nossa fraqueza.

O objeto é um obstáculo (Gegenstand). O caminho do obstáculo é um caminho de revelação; ele não é valor, mas revela-o.

Os empiristas e sociólogos franceses reduzem o valor a um dado apenas, mas esquecem que não há descrição sem apreciação, nem conhecimento sem preferência.

Não se deve confundir o valor com a opinião sobre o valor, como não se deve confundir a verdade com a opinião sobre a verdade.

Nem todo o real é dado, como pensam os empiristas, pois, no ato da apreensão, há uma apreciação, uma exigência interior de justificação, que não é apenas um dado. Nunca se deve esquecer a função do interesse páthico como presença (consciente ou não), em todo ato intelectual.

Não há entre os valores uma causação no sentido científico. Há graus de ascensão ou de declínio (hierarquia). A vontade também não pode decidir do valor de maneira arbitrária, mas influi nas apreciações (função timológica, com raízes axiológicas). Percebe-se que se dá o renascimento da teoria do objeto formal de Platão (a existência das formas e a possível compreensão de que o valor seja algo que a elas se identifica).

Na moderna filosofia espanhola, não escolástica, para o filósofo Ortega y Gasset, a vida é sem valor, são os valores que lhe dão dignidade. A experiência estimativa não deve ser confundida com a experiência sensível. A cultura é ultravital, reside na negação do presente, é destrutiva da vida. Em vez da vida pela cultura, o que se dá é a cultura pela vida.

TEMA III

Art. 1

VISÃO GERAL DA TEORIA DOS VALORES NA ATUALIDADE

Depois dos rápidos estudos que tivemos oportunidade de fazer até nossos dias sobre o desenvolvimento histórico do tema dos valores, e das sínteses que antecedemos, antes de entrar em nossa análise decadialética, desejamos dar um panorama geral da axiologia em nossos dias, precisando alguns temas específicos, que passarão a ser analisados logo após.

As atuais cosmovisões, que se estabelecem, mostram evidentemente qual a importância que nelas tem o valor, pois mais se fundamentam numa apreciação dos valores do que propriamente uma análise da realidade enquanto tal.

Os temas gnosiológicos e ontológicos, que passam para segundo plano, cedem lugar aos temas axiológicos e timológicos, que exigem maior atenção, maior desvelo e cuidado, dada a exigência que se coloca ante o homem moderno resolver um problema, que é fundamental para toda maneira de ver o seu mundo, de julgá-lo e até de interpretá-lo.

Compendiemos, pois, as principais conquistas que a investigação axiológica estabeleceu até aqui.

1) Os valores são seres formais e não reais, pois lhes falta toda corporeidade. Mas diferem, no entanto, dos outros objetos formais, porque se estes pertencem à órbita do ser, nos valores já não se pode predicar o ser senão analogicamente, pois os formais são captados pela inteligência, enquanto os valores são captados por meios não intelectuais, embora se aceite que não se pode totalmente excluir uma atividade intelectual.

Este é o pensamento de Lotze, que afirma que os valores não são, mas os valores valem. O ser dos valores está em seu valer, e não em seu ser.

Vê-se, desde logo, que se toma aqui o termo ser num sentido muito restrito. Se admitirmos, como o fizemos, em nossa "Ontologia e Cosmologia", que a essência e fundamento do ser é ato, e que ato é eficiência, os valores são ser, pois do contrário não teriam qualquer eficacidade nem seriam

de forma alguma objeto de qualquer conhecimento, senão por via negativa, isto é, por recusa. Neste caso, os valores seriam nada. Portanto, se há uma distinção entre o valor e um objeto formal qualquer, é preciso investigar melhor essa distinção que nos obriga a predicar-lhe outros atributos e não separá-lo do ser, pois, do contrário, cairíamos nas mesmas velhas aporias que nos levam à aceitação do nada com atributo de eficacidade, que o transforma de nada em ser. Portanto, a afirmação de que os valores não são, e que apenas valem, terá que merecer, oportunamente, melhor análise, e é o que faremos em breve.

2) Outros colocam o valor numa ordem metafísica diferente das dos seres, dando-lhe, assim, um caráter de absoluto, que leva, por sua vez, às mesmas aporias anteriores, complicando o problema em vez de resolvê-lo, pois, pô-lo noutra ordem, é apenas transferir o problema.

3) A classificação tripartida de Scheler, que já expusemos em "Filosofia e Cosmovisão", é a que melhor serve para classificar os axiólogos modernos. Ou temos o realismo platônico dos valores, ou o nominalismo dos valores ou a posição conceptualista de Scheler, sobre as quais já fizemos suficiente exposição.

A primeira posição leva a considerar os valores como entidades formais, no sentido platônico, e muitos acabam por considerar as formas de Platão apenas como valores, seres em si, de per si subsistentes, perfeições absolutas, das quais as coisas participariam em maior ou menor grau.

A posição nominalista transforma o homem em "portador de valores", apenas em mero apreciador de valores, tornando aqueles relativos à agradabilidade ou à desagradabilidade, à desirabilidade ou não.

A posição conceptualista aceita uma base material, independente da subjetividade que, nesse caso, seria mais timológica que axiológica. Os valores teriam uma onticidade axiológica, mas sujeitos a uma apreciação timológica.

Conseqüentemente, as condições atuais que propõe a Axiologia, podem ser sintetizadas da seguinte forma.

1) Há uma objetividade nos valores – Estes não dependem das apreciações subjetivas (posição dos realistas e em parte dos conceptualistas).

2) Vinculação dos valores ao ser. É outra característica apontada. Aqueles são expressados como predicações do ser. Neste caso, não são entidades à parte do ser, mas no ser.

3) Polaridade. Neste ponto há completa concordância entre todos. Os valores apresentam-se polares.

4) Os valores são qualidades e não quantidades. Não se estabelecem relações quantitativas entre os valores; são qualidades puras. Mas, observemos o seguinte: entre duas quantidades diferentes, a quantidade que sobra é quantidade e, como tal, homogênea com aquela. A diferença entre duas qualidades da mesma espécie, não dá uma diferença da mesma espécie. Um verde mais claro, ante um verde mais escuro, não dá uma tonalidade de verde. Se os valores se distinguem, por um lado, da quantidade, noutro, dela se assemelham. Ao compararmos valores, a diferença entre eles é um valor, e da espécie de um dos dois. Entre um bom e um mal, a diferença é um valor, bem, como também entre um bem maior e um bem menor. Este aspecto nos revela que os valores participam, portanto, das categorias da quantidade e da qualidade, com as quais têm analogia, o que nos coloca dentro dos conceitos dialéticos de intensidade e extensidade. Este ponto é importante, e nos facilitará estudos posteriores sobre os principais temas da Axiologia.

5) Hierarquia. Os valores permitem construir hierarquias, o que é matéria pacífica na Axiologia.

6) Classificação. Os valores são classificados em inúmeras ordens, como religiosos, éticos, estéticos, vitais, utilitários, econômicos, místicos, espirituais, 16gicos, gnosiológicos, morais, etc. Essas classificações variam segundo os diversos autores, aceitas umas, negadas outras.

TEMA I I I

Art. 2

COMENTÁRIOS FINAIS À SITUAÇÃO ATUAL DA AXIOLOGIA

É absolutamente impossível, a quem se dedicar ao estudo da axiologia moderna, percorrer cuidadosamente a excessiva quantidade de trabalhos oferecidos sobre tema de tal magnitude. É mesmo impossível estabelecer o conjunto das tendências, o conjunto da sua problemática e das soluções oferecidas.

Nós nos colocamos numa posição concreta ante a filosofia. Julgamos que o saber humano, através dos séculos, é patrimônio da humanidade e deve ser conservado o que há de positivo. Sabemos muito bem, e é o que temos procurado demonstrar em nossas obras, que o simples filosofar, e os modos desse filosofar, que podem constituir objeto de tantos estudos, não são, contudo, o que de mais alto se pode fazer nesse setor.

Não pode interessar ao que realmente se dedica ao estudo da filosofia, com **mente philosophica**, dedicar-se apenas ao papel de um mero compilador de opiniões.

O verdadeiro papel, e, para nós, o único que neste instante histórico do pensamento pode e deve ser o ideal de quem deseja fazer filosofia, está, não em catalogar opiniões, mas em reunir positividades, dentro de um pensamento coerente, capaz de englobar a aparente contrariedade que apresenta a sua heterogeneidade, para dar um corpo de doutrina, não meramente sistemática, fundada em postulados aprioristicos, mas em buscar, na diversidade do pensamento, o que há de fundamental e positivo, sobre o qual se possa estear um ponto de referência, de onde se obtenha, não uma perspectiva parcial, mas uma visão panorâmica do pensamento humano, capaz de servir de ponto de partida para futuras análises.

Não é, portanto, possível examinar aqui as particularidades do pensamento axiológico, senão apenas mostrar os aspectos gerais e as conseqüências mais importantes alcançadas por esse investigar, para que se possa proceder a crítica que se impõe, estabelecendo os marcos seguros sobre os quais, e dos quais, se possa partir para uma visão concreta do tema do valor.

Na parte concreta, de breve exame, fundados em nosso método de raciocinar, fundados em teses apoditicamente demonstradas, colocamos o tema do valor dentro do campo da nossa filosofia concreta, e julgamos, até que nos provem o contrário, que esse proceder, além de ser o mais seguro, é também o que melhor pode oferecer novas oportunidades para a análise, já fundada em um terreno sólido e não no movediço das opiniões.

Partindo, portanto, dessa prévia disposição, pode-se dizer que as análises modernas sobre o valor não conseguiram alcançar o tipo ideal de objetividade axiológica, que foi e é ainda a meta de tantos estudiosos, desde que se embrenharam por caminhos outros que não aqueles já estabelecidos pelo filosofar concreto, que é uma síntese do que havia de positivo até então obtido pela filosofia.

Já foram examinadas e criticadas as diversas posições axiológicas, e podemos dizer que, através do

exame que foi feito por tão conspícuos estudiosos, a objetividade desejada não foi alcançada pelos caminhos que seguiram, que, em vez de levá-los ao ponto desejado, ainda mais os afastou do que pretendiam. Um complexo de contradições, um conjunto de afirmativas excludentes, reduziu o campo axiológico a um verdadeiro campo de batalha, onde jazem inúmeras doutrinas, sem esperanças de ressurreição.

Através dessa especulação, nenhuma certeza decisiva surgiu, de modo que se pode dizer que as investigações modernas sobre o valor, que seguiram caminhos outros que os positivos da filosofia clássica, alcançaram apenas uma posição de dúvida sistemática sobre a objetividade dos valores, pois haviam-na procurado fora do ser, e não neste, como era o único caminho que se podia e devia ter percorrido.

Pode-se partir dessa posição, embora decepcionante, e é o que fazem muitos. É a que se pode alcançar, se o ponto de partida não tem nenhuma base sólida, pois não é possível construir-se sobre o terreno da mera dúvida nada de positivo, enquanto essa dúvida não alcançar um ponto em que haja a plena adesão do espírito a algo positivo e sólido?

A dúvida, neste caso, é uma posição insuportável e insustentável, pois seu final não pode ser outro senão o abandono que sobrevém à desesperança.

A dúvida metódica conheceu a sua derrota aqui. E nenhum outro esforço pode ser feito senão aquele que seja capaz de nos libertar deste estado de **epokhé**, de suspensão do juízo, pois que podemos construir com o nada?

Os valores são imprescindíveis para o homem. Que é este sem a consciência dos valores? Em que se fundamentaria o homem ao perdê-los, ao deles duvidar? Sem o valor, desaparece o homem.

Esta é a razão por que, como o observável, a Axiologia termina por fundar-se apenas no campo antropológico, terminando por reduzir-se, não numa região ontológica, como deveria ser, mas numa região antropológica, o que a reduz a um relativismo que, como resultado, é uma verdadeira decepção ao ideal que animou as investigações.

Examinando os valores apenas do ângulo antropológico, pode ainda restar uma esperança. E esta nos é dada pela própria dialética, como nós a compreendemos, pois a análise meramente antropológica há de encontrar os seus limites e, conseqüentemente, apontar algo de mais elevado, que nos ofereça uma porta por onde poderemos penetrar num terreno ontológico, em cujo solo seria possível fundar-se algo

mais concreto. É o exame que desejamos empreender em face do que apresenta, em suas linhas gerais, o estado atual em que se encontra essa axiologia.

Façamos, portanto, um exame do homem em face dos valores, o homem como ser cognoscente, o homem como criador em sua atividade e em suas obras, o homem como membro de um grupo social e como produto também deste. Talvez despontem por esses caminhos alguma luz que nos possa, seguindo outras veredas, alcançar também a mesma posição concreta, que alcançamos na análise ontológica dos valores. Se tal conseguirmos, teremos, então, corroborado por outras vias, o que afirmamos na parte concreta, e teremos dado, apoiando-nos no que há de realizado pela axiologia moderna, outro fundamento em favor da nossa posição.

Será que por tais caminhos surgiriam objetivamente os valores e alcançaremos a sua verdade? É o que mostraremos a seguir.

O HOMEM EM FACE DOS VALORES

Procederemos, em nossa busca, dominados pelo espírito de síntese, evitando, tanto quanto possível, longas digressões inúteis, pois, em face do que já examinamos até aqui, nos é possível percorrer diversos caminhos sem necessidade de nos demorarmos em algumas paragens, senão o estritamente necessário para a melhor inteligência do assunto.

Se colocamos que os valores surgem apenas da função valorativa do homem, estes seriam produtos de uma simples função cognoscitiva, e seriam dados a posteriori. Se partimos, porém, de que o ato valorativo é o de captar essências axiológicas, colocamos, então, os valores numa região na qual possuem uma objetividade fenomenológica.

Ademais, poderíamos dizer ainda que a função axiológica, avaliadora do homem, emprestaria ainda aos valores uma contribuição subjetiva, uma significação subjetiva. Praticamente, tais posições são as em que comumente se pode dividir o pensamento axiológico do homem. Ou os valores são apenas produtos de uma função cognoscitiva, portanto algo que se aproxima ao nominalismo, ou têm eles uma onticidade que se reduz ao pensamento realista, ou são apenas um produto de uma contribuição subjetiva ao valor, isto é, os valores trazem a marca do homem, a sua significação, a sua contribuição subjetiva. Em suma, neste terceiro caso, os valores são o resultado da apreciação humana dos valores objetivos. Sua objetividade é híbrida de objetividade e de subjetividade, de onticidade e de

noeticidade; isto é, são eles o que o homem capta, proporcionais à sua capacidade noética. O noema valorativo, o conteúdo noemático dos valores, seria, em suma, a soma do que é visualizado do ângulo, da perspectiva do avaliador. É uma posição moderada, pois não nega a realidade dos valores em si, mas reconhece que a sua noeticidade é proporcionada ao valorador.

Mas, se examinarmos cuidadosamente todas essas posições, não negam elas plenamente a onticidade dos valores. Se nos colocarmos na primeira, teremos apenas atualizado o aspecto subjetivo, e afirmaríamos apenas que os valores são o que são para nós, quando considerados segundo o plano do nosso conhecimento. Afirmaria tal posição apenas que o que conhecemos dos valores é o que conhecemos dos valores, sem base bastante para negar a sua onticidade, mas apenas que esta nos escapa, não nos permitindo, portanto, nem afirmá-la, nem negá-la, de modo apodítico.

Em suma, colocamo-nos, portanto, entre duas posições fundamentais: ou há uma estrutura dos valores em si, ou há apenas a estrutura noética, fenomenológica, portanto, dos mesmos.

Examinemos, pois, o que há de positivo em tais afirmativas.
TEMA III

Art.3

SÍNTESE DA AXIOLOGIA

Em face dos estudos até aqui efetuados em torno do tema do valor, verifica-se facilmente que está ele, hoje, na primeira plana, e para muitos, torna-se até o problema central da filosofia moderna, que gira em torno dele, pois, diz-se que, da solução desse problema, se terá dado uma solução de toda filosofia, que não passaria, desse modo, de ser nada mais que uma longa especulação sobre valores, pois é uma disciplina neles fundada. Ademais, o homem moderno não se interessa tanto pela solução do problema da realidade como se lhe apresenta, mas sim, qual a sua significação, qual o seu valor, em suma.

Inegavelmente, onde se processa o filosofar, há sempre desde o tanger, no mínimo, até o pleno empolgar-se nos valores, pois todo juízo filosófico é, de certo modo, um juízo de valor. Há, aqui, inegavelmente, uma confusão, que já tivemos ocasião de salientar e explicar páginas atrás. A redução de qualquer juízo assertórico a um juízo de valor é um equívoco, pois a validez, que nele observamos, é hipotética, e exige a prova posterior. Se dizemos: “Este livro é verde”, diz-se que o podemos

substituir pelo juízo "de valor": "*É válido para este livro a afirmação de ser verde*". O primeiro juízo não é um juízo de valor. Mas, se tal juízo expressar verdade; ou seja, que realmente este livro é verde, tal juízo tem valor, nessa adequação, sem que o mesmo, em si mesmo, se torne um juízo de valor.

Um juízo matemático é ainda filosófico, sem ser juízo de valor, embora seja um juízo que tem valor. O não perfeito esclarecimento deste ponto favoreceu diversas confusões na Axiologia, que, nós, na parte concreta, procuraremos salientar, e deles libertar-nos.

Por outro lado, observa-se que a Axiologia moderna, ao invadir o tema do valor, não se cinge apenas ao campo específico dessa disciplina, mas penetra, e cada vez mais, no campo de toda filosofia, que passa a ser visualizada do ângulo axiológico. Aliás, esse fato em nada desabona a filosofia do campo da psicologia, numa psicologia da filosofia, como se pode fazê-lo da antropologia, uma antropologia filosófica; como já se faz, do campo da lógica, uma lógica da filosofia e até do da própria filosofia, uma filosofia da filosofia. Tais interpretações dos diversos campos e as perspectivas correspondentes demonstram as grandes possibilidades do pensamento filosófico e os matizes diversos que pode assumir, segundo os diversos ângulos, o que revela a riqueza do pensamento humano.

É por isso que observamos em axiólogos modernos um tender marcante para reexaminar todos os temas filosóficos do ângulo axiológico, e tal proceder só poderá trazer benefícios ao progresso do conhecimento, apesar de algumas confusões que são inevitáveis em tais procedimentos.

Por outro lado, e é ao que nos conduz o exame das principais obras axiológicas da atualidade, o número das perspectivas axiológicas cingem-se às velhas clássicas divisões do pensamento, reduzindo-se, desse modo, a um número relativamente pequeno de perspectivas que tivemos o cuidado do circunscrever na primeira parte deste livro.

Assim se pode verificar que, embora pareça à primeira vista haver uma grande diversidade de pensamentos neste setor, na verdade reduzem-se às fundamentais perspectivas que, no decorrer do processo filosófico, através do tempo, foram salientadas, como o podemos fazer, tomando como ponto de referência a longa polêmica dos universais que agitou a idade média e que ainda perdura, sob outras roupagens, nos dias de hoje. Há, assim, entre os axiólogos, os realistas-platônicos, os conceptualistas, os nominalistas, os que se fundam na teoria da projeção, realistas moderados, os que se fundam na teoria da abstração total, com alguns matizes diferenciantes, de grau tão pequeno, que não permitem classificá-los em pensamentos nitidamente estruturados, mas apenas em visões subordinadas àquelas.

É verdade que há contribuições pessoais de grande riqueza e vigor, como também havia na exposição daquelas posições. Assim como há realistas moderados de maior ou menor porte, também verificamos o mesmo entre os axiólogos.

Ao examinarmos o desenvolvimento histórico do pensamento axiológico, verificamos que o tema do valor está sempre presente na filosofia, surgindo ora com mais exigência, ora menos.

E verificamos, ademais, que permanece, como uma constante, a posição relativista dos valores.

A figura que nos surge como o defensor mais categorizado dessa posição é a de Protágoras, na Grécia. "O homem é a medida de todas as coisas que são e das que não são", é um pensamento relativista, pois postula serem os valores relativos ao homem.

Mas impõe-se aqui estabelecer com clareza o que se entende por homem, pois podemos tomar este termo sob uma significação individual, ou sob uma significação universal. No primeiro caso, o indivíduo humano seria a medida de todos os valores ou daria ele aos valores o seu valor, e o seu significado também, o que caracteriza o relativismo-individualista.

Apesar de uns interpretarem assim o pensamento protagórico, divergem outros, pois não é o homem apenas o individual, mas também a universalidade. E sendo este a medida dos valores, estaríamos em pleno relativismo-humanista.

Seria longo e desnecessário enunciar as razões em que se acastela o pensamento protagórico. Há, contudo, necessidade de salientar alguns aspectos dessa doutrina, porque a vemos viva ainda hoje.

Protágoras subordina ao homem a verdade; esta é, assim, humana. Como há ambigüidade no conceito de homem, resta-nos saber se se trata do homem como indivíduo, e, neste caso, a verdade estaria subordinada à medida individual, ou se do homem como espécie, e, neste, estaria subordinada ao homem em sua generalidade, segundo a natureza humana. A verdade teria então uma base universal na espécie humana, onde encontraria a raiz do seu fundamento. O árbitro, portanto, dos valores, ou seria o indivíduo, como o é no relativismo-individualista, ou a natureza humana, como o é no relativismo-humanista.

Mas é possível separá-los?

Sim. E a experiência comprova haver certa comunidade na apreciação dos valores. Se encontramos a

variância das hierarquias e da intensidade, que podemos examinar através da história, segundo as diversas fases dos ciclos culturais, há, contudo, a presença constante de um critério de apreciação, que vemos surgir no indivíduo, à semelhança e igualdade do que se processa na comunidade.

É preciso salientar que o indivíduo, dentro da espécie, atualiza, e apenas, o que lhe é especificamente possível. Em nosso "Filosofia Concreta", demonstramos que não cabe ao indivíduo realizar o que ultrapasse a espécie, pois iria ele além da sua natureza.

Salvante essa exceção, o pensar individual sobre os valores está contido dentro das possibilidades pensamentais, proporcionadas à espécie humana, e o indivíduo, ao realizar algo novo ou inédito, nada mais faz do que atualizar uma possibilidade de sua natureza.

Há entre os seres humanos aspectos iguais, que neles se repetem. E como um ser age segundo a sua forma, e dentro dos limites desta, tudo quanto um homem possa pensar sobre os valores está contido em tudo quanto o homem pode pensar sobre eles. Considerando o relativismo desse modo, tomamos uma posição dialética, que inclui, em seu âmbito, o individualismo e o humanismo, sem contradições. Compreender-se-ia, portanto, o surgimento de um pensamento novo e inédito, ainda não exposto, sem contradizer a espécie, mas afirmando-a como uma decorrência rigorosa das suas possibilidades.

O relativismo protagórico, cujo valor revela-se em tantos axiólogos modernos, tende, contudo, a tornar-se cético. Não é um exagero reduzir-se, como muitos o fazem, o relativismo ao ceticismo. Sabemos que este, ao negar a captação da verdade pelo homem, não nega que o indivíduo alcance a sua verdade. A parte positiva dessa doutrina está em afirmar que a verdade-em-si, a verdade em toda a sua pujança, não é alcançada pelo homem. Ou melhor, que há uma verdade para nós, sem que a negue uma verdade-em-si. Afirma-se, apenas, que a captação desta nos está alheia, pois nunca poderemos, por falta de um critério seguro, saber com absoluta segurança que a que aceitamos, seja a verdade. Como o homem é um ser condicionado pelos seus esquemas, seu conhecimento é imperfeito. Ora, a verdade-em-si é perfeição, e como poderia o ser imperfeito captá-la? Se tal se admitisse, estaria o cético ofendendo um postulado verdadeiro da “filosofia concreta”, pois admitiria que o agente atuaria além de sua forma, ou melhor, que o *agere sequitur esse* seria falso, pois o homem, limitado e imperfeito, seria capaz de realizar um ato de suprema perfeição. Partindo, portanto, da afirmação de que o ser humano é limitado, sua ação será sempre limitada, e, neste

ponto, somos forçados a admitir que o ceticismo é coerente consigo mesmo.

Mas, esta doutrina vai além. Postulado que não cabe ao homem um conhecimento totaliter, exaustivo, nega-lhe, conseqüentemente, qualquer conhecimento. E é por alcançar esse extremo, que o ceticismo peca por excesso, pois termina por negar ao homem a obtenção de qualquer verdade. Ora, é matéria pacífica para as correntes aristotélico-escolásticas, que o homem, por seu estado de queda, isto é, por sua limitação, não alcança uma verdade exaustiva, mas a verdade do todo da coisa. Se temos um conhecimento *totum*, não temos um conhecimento *totaliter*; em suma, o conhecimento é *totum et non totaliter*. Assim, se sabemos o que é o valor e o que tem valor, não sabemos o que é exaustivamente o valor, nem este valor.

O que leva o ceticismo a tornar-se uma posição insustentável é o unilateralismo que o vicia, que é abstrato, como já o salientamos.

Mas há outra atitude do ceticismo que se opõe à posição do relativismo-humanista. É que, embora admita haver um valor para cada indivíduo, termina por negar possamos saber se esse avaliar é o mesmo para indivíduos diferentes, e, muito menos ainda, que o seja para todos.

Funda-se, assim, o ceticismo numa contradição; pois, no mesmo tempo que baseia seus postulados no que há de comum, na natureza humana, termina por fundar, no indivíduo, o quo ele baseou na totalidade. Como pode saber o indivíduo que ao homem (e aqui toma-o na sua individualidade) lhe é impossível um conhecimento do valor senão individual, fundado que o homem (e aqui toma-o como generalidade) é imperfeito? O ceticismo assim sabe que o indivíduo alcança apenas a sua verdade, porque o homem, como espécie, é imperfeito. De qualquer forma, o ceticismo é levado aos extremos, e são eles que o invalidam, pois, ao alcançar os extremos abstratos, toda posição filosófica se invalida.

Ora, sabemos que a posição protagórica encontrou no platonismo a sua máxima oposição.

A afirmativa do primeiro de que o homem é a medida dos valores, opôs-lhe o platonismo que o absoluto é a medida do homem. Enquanto naquele é este que mede; no segundo, este é medido.

Nunca é demais salientar esse clássico conflito entre as duas posições, porque ele está presente ainda na história da Axiologia. E pode-se dizer que o ponto culminante dessa disciplina cinge-se, ao salientar os aspectos polares desses pensamentos, à busca de uma solução que os ultrapasse.

A posição protagórica é subjetivista, pois reduz o valor às apreciações subjetivas. Em contraposição,

temos a objetivista, que procura os fundamentos reais do valor **extra mentis**, ou seja, a sua "base material", como a chama Scheler, embora o termo material seja tomado aqui num sentido um tanto amplo, pois, falar-se em base material dos valores não se refere apenas àquilo de que os valores são constituídos. Na verdade, o que os objetivistas se propõem estabelecer é a subjetividade própria dos valores, o *supositum* do valor, e não a subjetividade tomada em sentido psicologista. Em suma, os valores têm uma ensidade fora da mente humana, *extra mentis.* É essa base afirmada e procurada pelos objetivistas, enquanto os subjetivistas (aqui tomado o termo em seu sentido psicológico) negam-lhe validez.

O protagorismo afirma que o valor não só é relativo, como é uma mera relação.

Já o socrático-platonismo não nega essa subjetividade psicológica ao valor, pois há também um valor subjetivamente considerado. Mas, esta subjetividade revela uma ascensão da consciência humana individual ao universal, até alcançar o logos do valor, a razão ontológica deste. O seu fundamento ontológico, pois o eidos do valor, quer tomado em sua generalidade, quer em sua particularidade (este ou aquele valor), não nos é impermeável. O socrático-platonismo, deste modo, não nega a crise instalada entre nós e o mundo-verdade das eide eternas, mas nega que a crisis seja abissal, que haja um abismo insuplantável entre o homem e o mundo das formas, como se estas estivessem, para sempre, distantes infinitamente de nós. A tese da participação é um desmentido formal a essa possibilidade, pois o mundo-verdade não nos é impermeável, e há um caminho, através de uma ascese, que é o do logos analogante, para que o homem alcance esse mundo, o qual ele tange, porque já está em nós, embora velado, mas desvelável, pois a verdade, por nós esquecida, pode ser por nós relembrada, recuperada, dentro, naturalmente, dos limites da nossa condição. Se não nos é possível a contemplação das **eide**, a visão frontal da verdade, há caminhos que nos facultam uma perspectiva segura, da qual possamos visualizá-las.

Durante o período escolástico, sob a égide do pensamento cristão, o homem não está desterrado dos valores, e pode alcançá-los dentro dos limites da sua intencionalidade. A noesis (a captação intelectual dos valores) traz sempre a marca humana, mas tal não quer dizer que seja falsa. Ela é verdadeira, dentro do conceito de verdade que a escolástica estabeleceu, ou seja, dentro dessa *adaequatio* que se pode dar entre a mente e o objeto, *adaequatio* mútua, pois a verdade lógica é a que se dá entre o intelecto e a coisa, como a verdade metafísica é a *adaequatio* da coisa com o intelecto. Nosso intelecto é apto a captar os valores; mas estes trazem a marca da nossa intencionalidade. Conhecemos a verdade proporcionadamente nos nossos meios cognoscitivos. E se não a alcançamos em sua plenitude, se não

temos a visão frontal dela, é porque somos um ser em queda, um ser em crise, para usar a nossa linguagem. Daí, a *krisein* (a captação intelectual) ser relativa a nós, sem que tal afirmativa implique falsidade, porque conhecer alguma coisa e não tudo de algo, não implica falsidade no conhecimento, mas apenas que este não alcança a integral inteligibilidade do ser.

Na idade moderna, com Kant, o valor foi aparentemente colocado no âmbito da subjetividade (em sentido psicológico). Dizemos aparentemente, porque há aqui matéria controversa, que analisamos, com acentuados pormenores, em "As três críticas de Kant". No entanto, nos é possível estabelecer alguns aspectos críticos da crítica kantiana, que muito nos ajudarão a compreender o seu pensamento, e a base positiva de que eles se revestem.

Se ao homem escapa a inteligibilidade da coisa-em-si, não lhe escapa aquela que é proporcionada à esquemática humana. Embora muitos pensem que a posição kantiana está em manifesta oposição ao pensamento clássico da escolástica, podemos dizer que tal afirmativa é de certo modo improcedente. O que Kant queria dizer é que o nosso conhecimento é condicionado ao que somos. Em outras palavras: não alcança a integral inteligibilidade do objeto. E não poderia Kant, cuja mente filosófica é imensa, deixar de compreender esse aspecto, pois falsearia, não só os postulados de sua posição filosófica, como ofenderia as bases positivas da filosofia, se afirmasse outra coisa.

O não sermos capazes de captar o que ele considera a coisa-em-si, não implica a falsidade do nosso conhecimento, mas apenas a afirmativa de estar sujeito às formas que modelam o cognitum.

O nosso "conhecimento" é o "nosso" conhecimento, e o *cognitum*, o noema de nossa noesis, traz a "nossa" marca. Apreendemos das coisas o que delas aparece (o fenômeno); isto é, assimilamos das coisas o que é proporcionado à acomodação dos nossos esquemas. O resultado final da cognição é o produto dessa adaptação psicológica, que se dá entre nossos esquemas acomodados ao fato e o que deles podemos assimilar, que é sempre proporcionado à nossa esquemática. Esse pensamento poderia ser reduzido a termos aristotélico-escolásticos, e estaria, em suas linhas gerais, dentro da **adaequatio** clássica. (Dizemos em linhas gerais, porque há aqui aspectos particulares do kantismo, que são por nós estudados no livro que acima citamos.)

Ao examinarmos o pensamento de Duns Scot, desde logo notamos que a tese fundamental é a colocação do voluntarismo acima do intelectualismo (predominante este em Tomás de Aquino). Não é a inteligência que propõe o mais alto valor à vontade, mas a vontade que o propõe à inteligência. (É o amor que valoriza o querer, pensamento genuinamente franciscano). Assim, para

ele, Deus não quer o bem, mas o que Deus quer é bom. Como o querer em Deus é livre, e poderia querer outra coisa, outros poderiam, portanto, ser os valores.

Remontamos a Scot, porque vamos encontrar na Axiologia moderna o retorno do voluntarismo no pensamento do Nietzsche. Não queremos reduzir o pensamento nietzscheano ao pensamento escotista, o que seria estultícia. Queremos apenas salientar que o voluntarismo nietzscheano não é algo inédito na filosofia, como pareceu a alguns que o estudaram. Ao determinar as origens do valor, ele vai encontrá-la na vontade. E é esta que nos vai explicar o por que da hierarquia, da pluralidade e dos graus.

No pragmatismo, o valor é um produto da própria ação. Ora, a ação é uma modal do atuado. E para haver ação deve haver um atuante. O valor revela-se, não só no bom êxito, que marcaria o seu grau intensistamente maior, mas, e sobretudo, no ser enquanto atua, e no resultado de seu atuar, a ação do atuado. Há, assim, no pragmatismo, um aspecto positivo, salvante a sua perigosa e temerária afirmação do bom êxito, que não é propriamente falsa (se considerada dentro dos limites que tivemos oportunidade de examinar na parte histórica deste livro e que salientaremos ao estudar os valores do ângulo da Filosofia Concreta). Não nos esqueçamos que, para os pragmatistas mais coerentes e seguros, não é qualquer bom êxito que marca o valor, mas aquele que significa algo de melhor e mais justo para p homem. Colocando-se no campo antropológico, o valor é visualizado apenas deste ângulo. Mas verifica-se, contudo, que o que tem bom êxito, é já o que tem valor. O pragmatismo, assim, se não dá uma solução melhor ao tema do valor, inclui-se, em sua parte positiva, numa visão mais concreta, embora possamos mostrar que o que nele é apresentado como base (o bom êxito), tem-na, por sua vez, num valor. O bom êxito não cria o valor, mas revela-o, e é classificável como tal, porque acentua e funda-se num valor. Assim, um medicamento, que é benéfico ao homem, e revela bom êxito na sua aplicação, é um valor para o homem. Mas o valor realmente está no ser ele benéfico ao homem.

Assim uma idéia é valiosa quando permite ao homem superar algum obstáculo. Mas, não está só em superar o obstáculo o valor. E o que o favorece tem valor, não simplesmente por si, mas porque permite a conquista e posse de um valor. O pragmatismo é uma solução a meias, incompleta, não porém totalmente falsa. Nasce mais de uma má colocação do tema do valor; não representa, contudo, uma falsidade, mas apenas uma deficiência no pensamento axiológico.

Os que se colocam do ângulo fenomenologista afirmam o valor extra-mentis, pois o homem busca e pode desvelá-lo. Não é a consciência humana que cria o valor, mas ela pode descobri-lo. Para essa posição, não há superioridade do valor sobre o ser, nem do ser sobre o valor. Há um ser dos valores

que nos cabe descrever e achar.

No existencialismo ateísta e no materialismo dialético, que são nominalistas e, portanto, subjectivistas ante o valor, encontramos, no primeiro, uma posição relativista-individualista, enquanto, no segundo, há uma redução do valor a sedimentação superestrutural, portanto relativista-humanista particularizante, porque os valores são criados, preponderantemente, pelos interesses de classe.

Não é pois de admirar que a Axiologia moderna tenha posto sobre a mesa, outra vez, todos os problemas filosóficos. A possibilidade de visualizar todos os temas da filosofia, de um determinado ângulo, não é novidade no pensamento humano, pois, como já vimos, é possível reexaminar todos os temas do ângulo antropológico, do psicológico, do histórico, etc. Assim também se pode visualizar toda a filosofia dos pares de contrários, que sempre foram objeto das mais exaustivas buscas. Poder-se-ia reexaminar toda Filosofia do ângulo do ato e da potência, do Um e do múltiplo, da essência e da existência, do finito e do infinito.

A resposta à pergunta: "que é o valor?", tão premente na época atual, substitui aparentemente a clássica pergunta: "que é o Ser?". E dizemos, aparentemente, porque responder a uma é responder à outra. O que se evidencia, afinal, é que, ao buscarem os axiólogos saber em que consiste o valor, terminam por compreender que, na realidade, buscam o em-que-consiste-o-ser. O resultado final dessa pesquisa é evidenciar que, quando se responde sobre o que é o valor, responde-se sobre o que é o ser, e essa a razão por que a Axiologia jamais consegue afastar-se integralmente da Ontologia, nem esta daquela.

O valor revela-nos uma significação do mundo e revela-nos o ser sob o seu aspecto dinâmico. O fenômeno aparece a muitos sem significação, mas, ao investigar o valor, acaba aquele por adquirir um significado, que aponta além dele, e o valor investigado, através do fenômeno, termina por nos levar ao mais distante. E o insuspeitado surge quando essa busca é levada até às suas últimas conseqüências.

Ao examinar a existência pura e simples, o valor desponta, e é ele que obriga o investigador a ir além de onde julgava, e fazê-lo penetrar na filosofia.

O valor é sempre um convite ao filosofar. É ele que aponta o seu caminho, como esses marcos que nas estradas nos indicam a rota para lugares inesperados.

Inegavelmente, a investigação dos valores tem um papel importante para o homem, pois este, ao investigá-lo, sente-se subitamente religado ao universo, o que lhe dá um maior significado.

É o que ainda mostraremos na parte concreta deste livro, onde reduziremos as positividades axiológicas a teses, que passarão a ser demonstradas segundo o método que usamos em “Filosofia Concreta”.

FILOSOFIA CONCRETA DOS VALORES

TESE 1 - Na natureza não há uma indiferença absoluta.

A indiferença absoluta na natureza indicaria que as coisas seriam idênticas. Ora, a heterogeneidade dos fatos naturais revela que não há uma total e absoluta indiferença entre eles. Essa heterogeneidade indica, portanto, que os fatos naturais oferecem distinções várias, uns em relação aos outros. É sobre tais distinções que se tem de fundar uma concepção axiológica.

TESE 2 - A indiferença pura é apenas abstrata.

A heterogeneidade das coisas, como vimos, revela que não pode haver uma indiferença pura e absoluta, porque as coisas se distinguem umas das outras. Para que houvesse uma indiferença pura (absoluta) seria necessário que as coisas não tivessem mais perfeições que outras, e houvesse pelo menos coisas idênticas, tomando este termo em sentido absoluto. Ora, tal não se dá, como já o provamos em “Filosofia Concreta”. A idéia de uma indiferença simples (absoluta) é, portanto, uma criação abstrata do homem, sem fundamento real. O cético pode afirmar que “tudo é igual”. Mas podemos aplicar o ceticismo ao próprio ceticismo. Tal afirmativa decorre de uma cegueira em face do valor que não foi captado. O cético, no campo axiológico, renuncia à avaliação, buscando aniquilar o conhecimento do valor. Mas, a revelação da sua incapacidade não aniquila o valor. Por não haver uma indiferença pura, há valores distintos entre as coisas. A indiferença implica sempre uma afirmação recusada. Nela há a recusa de algo que afirma um valor. Sempre que o espírito humano paira

indiferente ante os valores, tal fato revela apenas uma recusa a uma afirmação valorativa, sem que tal queira dizer que há ausência de heterogeneidades axiológicas.

A indiferença é a recusa de um valor ou a recusa em estabelecê-lo, ou em reconhecer diferenças entre valores. É uma renúncia a uma avaliação. É a revelação de uma impotência em preferir ou preterir. Na indiferença há muitas vezes a revelação de um estado patológico, de uma deficiência afetiva. Assim, o tédio surge de uma incapacidade de gozar os valores.

Mas, há uma indiferença positiva e superior: a de quem não tomba nos excessos extremos e, conseqüentemente, opostos (como entre força e fraqueza). Há aí, contudo, a escolha de um valor superior. Essa indiferença não é passiva, mas ativa. Há nela uma vitória. Não se deve confundir o equilíbrio com a indiferença, porque nesta há a escolha de um valor mais alto.

TESE 3 - Todo existir é seletivo. E onde há seleção, há preferência e preterição.

No decorrer de nossos trabalhos, demonstramos abundantemente que há uma lei de seleção em todo existir cósmico, e aquela analoga todas as leis científicas. Partindo da físico-química, verificamos, não só os exemplos da afinidade química, como também, nos fenômenos físicos, que certas possibilidades se atualizam, enquanto outras são virtualizadas. Há, assim, seleção, e onde esta se dá, há simultaneamente preferência e preterição.

São preferidos os que se atualizam, e preteridos os que permanecem virtualizados como possibilidades não realizadas. Os fatos, que foram preferidos, através das observações científicas, permitem construir teorias e hipóteses que postulam uma preferência. Eles eram, em face da conjuntura físico-química, imediatamente mais adequados ao decorrer processivo dos fatos que os possíveis, que permaneceram virtualizados.

Na esfera biológica, processam-se também seleções, pois o organismo vivo as realiza mais complexas, e de outra ordem que as meramente físico-químicas. Assim, entre os fatos físico-químicos podem dar-se tais ou quais preferências e preterições; mas, se se trata de um organismo vivo, a tendência normal é que a seleção se processe segundo a normal do próprio organismo, isto é, no interesse do mesmo. A osmose, que se dá normalmente numa membrana colocada entre dois líquidos, e que a físico-química nos mostra processar-se segundo uma determinada regularidade, no fato vivo, revela certas preterições do que ofereça risco ao organismo, e preferências para o que o beneficia. Também, na esfera

psicológica, como na sociológica, observam-se preferências e preterições, sempre correspondentes à normal estabelecida pela totalidade, que é o fundamento da lei da harmonia, observável em todo o universo, como já o temos demonstrado em trabalhos nossos.

TESE 4 - Onde há preferência e preterição, há ruptura da indiferença.

Ante o já examinado, verifica-se, tanto como decorrência ontológica, como por observação experimental, que onde há preferência e preterição, há uma ruptura da indiferença. No existir cósmico, os fatos não são indiferentes; pois, do contrário, sucederia uma desconexão entre eles; isto é, ora a semente **a** daria frutos **b** ou **c**, ora, **a** ou **d**. Se não houvesse seleção na natureza, jamais seria possível a construção da ciência, pois jamais se observaria certa invariância no suceder, segundo os diversos vetores específicos.

Todo o existir é seletivo e, conseqüentemente, há sempre uma ruptura da indiferença, porque se manifestam preferências e preterições.

TESE 5 - Preferir é dar primazia, é pôr antes, colocar algo "antes" de outro.

Antes de um fato atualizar-se, é ele uma possibilidade entre outras. Assim, o ser A pode atualizar os possíveis, B, C, D, E, etc. Uns são preferidos pela cooperação dos fatores que os determinam, enquanto outros são preteridos. Conseqüentemente, há a estrutura ontológica de preferir, o pôr antes algo a outro; é dar primazia. Deste modo, a primazia é dada pelo preferente, pois, é ele que prefere e pretere.

TESE 6 - Preterir é deixar de lado, deixar de parte, desprezar algo.

Como conseqüência do que ficou até aqui demonstrado, a possibilidade não atualizada, preterida, foi posta de lado, foi deixada à parte e, analogamente ao conceito psicológico, foi desprezada.

TESE 7 - O ato de preterir é simultaneamente ato de preterir .

O que até agora demonstramos, decorre apoditicamente que há simultaneidade do ato de preferir e de

preterir. Dentro do conceito que estabelecemos na dialética, como lógica concreta, preferir e preterir surgem de uma só ação. A ação seletiva é bi-vectorial, pois preferir algo é preterir algo, outro que o primeiro.

TESE 8 - No ato de preferir-preterir, há o que realiza a ação e o que é preferido ou preterido.

É conveniente, para melhor clareza das teses que oportunamente demonstraremos, que se torne clara a distinção que surge no ato preferir-preterir. Nesse ato, há quem realiza a ação e o que a sofre.

Há uma distinção entre preferente-preterente e preferido-preterido, pois, não é o mesmo o logos de um e o de outro. Há, pelo menos, uma distinção entre ambos, pois o que prefere tem a razão de preferente, e o preferido a de preterido. Quando o preferente prefere a si mesmo, ele se distingue sob a razão de preferente e a de preferido.

TESE 9 - O preferente prefere o que é preferível do preferido, como o preterente pretere o que é preterível do preterido.

Além da distinção entre preferente e preferido, e preterente e preterido, deve-se salientar também a que se dá com o preferível e o preterível. É preferível ou preterível o que é objeto imediato da ação de preferência ou de preterição do preferente ou do preterente. Na filosofia concreta, verificamos que, na ação, o agível é proporcionado ao agente, e, do mesmo modo, o preferível e o preterível são proporcionados ao agente. Cabe-nos, oportunamente, caracterizar as razões do preferível e do preterível. É uma decorrência rigorosa das teses já demonstradas na filosofia concreta, que o agente atua sobre o agível no que lhe é proporcionada, do mesmo modo o preferente prefere o que é preferível ao preferido.

TESE 10 - Para o preterente, o preferível do preferido é hierarquicamente anterior ao preterido.

Para o preferente, o preferível, que ele prefere, é hierarquicamente anterior ao preterido. O preferível é uma possibilidade como o preterível. O que move o preferente ao preferido, é o preferível para aquele que se acha neste. Como possíveis, tanto o preferível como o preterível são contemporâneos, enquanto considerados com tais. Mas, o que é preferível é proporcionado ao preferente, como o agível é proporcionado ao agente. Se o agente move-se em direção ao agível, é porque este, que ainda não é em

ato, está contido, de certo modo, na tendência do agente (na sua finalidade). Neste caso, o preferível, que há no objeto preferido pelo preferente, é hierarquicamente anterior para o preferente e, neste, tem um dos fundamentos da sua preferibilidade.

TESE 11 - Para o preferente, o objeto preferido o é pelo que nele há de preferível ao referente, ou é preferido por razões exclusivas do preferente.

Se um ser prefere outro é por que este lhe é preferível: Ora, o preferível é algo proporcionado ao preferente, algo adequado a este, porque prefere algo a algo ou é levado a tal porque o preferível corresponde à sua natureza, isto é, no preferido, há algo que convém ao preferente, ou este é levado a tal por razões próprias. No caso de um ser livre, que prefira isto àquilo, sem razões para justificar a sua preferência, esta teria uma razão na própria liberdade do preferente. O poder livremente preferir explica a preferência.

TESE 12 - É preferível o que convém, o que beneficia, o que facilita de qualquer modo o preferente. A essas razões chamaremos de "conveniência".

Já demonstramos, em "Filosofia Concreta", que toda ação tende para algo e que o nada não pode ser a meta de uma atuação. Todo o agente é tal porque atua, e atuar implica um tender para algo. Ora, já vimos que essa meta para a qual tende o agente é proporcionada a este, pois a ação não pode, de modo algum, ser maior que o agente (desproporcionada a este), pois o suprimento de ser viria pelo nada, o que mostramos naquela obra ser absurdo. O
para que tende o agente ao atuar é uma meta daquele. Há, portanto, uma correspondência entre a meta e o agente, pois este não poderia realizar o que o ultrapassasse.

O preferível é correspondente ao preferente, e se este se move ou move algo a algo, impõe-se que a meta para a qual tende seja proporcionada, pois, do contrário, a ação não surgiria. Mas, o preferente, para dirigir-se ao preferível, tem uma razão em si mesmo, como já vimos. O preferível, sendo-lhe proporcionado, de certo modo lhe convém, é adequado a ele, beneficia-o, lhe é benéfico ou lhe facilita qualquer modo de ser. Quando o preferente prefere por autonomia, dá ao preferido um suprimento de ser relacional, assistencial. O preferido o é pelo querer do preferente. Mas, se há no preferido algo que o torne preferível pelo preferente, será sempre algo que lhe convenha, será a sua conveniência em

relação àquele. São tais razões que chamamos “conveniência”.

TESE 13 - A “conveniência” do preferível é um modo de ser e não nada.

O nada não pode ser meta de uma atuação, nem pode mover de nenhum modo algo a algo. A tudo quanto não podemos predicar o nada (que é ausência de qualquer predicação), é uma entidade e de certo modo ser. É uma sistência, cuja prefixação cabe estabelecer. O que é adequado, o que é proporcionado ao preferente, o que lhe é conveniente, é algo, uma entidade e não nada, pois ter preferência por nada não dá conteúdo à preferência. Se se prefere que alguma coisa que existe não existisse é que a existência de algo obstaculiza o interesse do preferente. Não é o nada que é preferido, mas a plenitude de um estado que é obstaculizado por algo que é preterido. De qualquer modo, o objeto da preferência é positivo, e é essa positividade que dá conteúdo ao preferível. O preferível é, portanto, como ser assistencial (relacional), sempre positivo ou em si ou em sua referência. Esta demonstração decorre das que já estabelecemos em "Filosofia Concreta".

TESE 14 - O preferido vale mais para o preferente.

Já vimos que o preferível o é em relação ao preferente. E o nexo real dessa relação está na conveniência para o preferente do preferido. Conseqüentemente, o preferível é mais benéfico ao preferente que o preterido. Ora, valer vem de **valere**, que no latim significa ser saudável, benéfico; daí, a expressão **vale!** Conseqüentemente, o preferível vale mais para o preferente que o preterido. Chama-se de valor a isso que tem o preferível ou que nele se dá, que o torna tal para o preferente. Assim, o preferível vale mais para o preferente que o preterido.

TESE 15 - É valor, no preferível, aquilo que o torna tal ao preferente.

Se o preferível vale mais para o preferente que o preterido, é que, naquele, se dá algo que o torna mais conveniente ao preferente. E o que nele o torna mais conveniente é, por sua vez, um valor, vale, pois, para o preferente. Deste modo, o preferido vale mais para o preferente porque, nele, há o que vale para o preferente (que é o preferível). O valer dá assim um valor ao que o porta. O valor é, portanto, um valer.

TESE 16 - Tudo o que há, é ou existe, é um valor.

Revela-se assim o valor para nós. Onde há uma conveniência para algo, o que é conveniente vale para esse algo; é conseqüentemente, para ele um valor. O primeiro sinal ontológico que se nos revela do valor, por esse caminhar, que é uma via da filosofia concreta, é que o valor se revela através de uma conveniência de algo para algo. Ora, a conveniência é uma relação. Portanto, a nossa primeira experiência ontológica sobre o valor no-la revela como uma relação. Mas, essa relação, porém, é verdadeira na proporção que é real, ou em que os termos da mesma são reais, o que se exige em toda relação. O descobrimento primeiro do valor está a exigir os seguintes termos: o preferente que encontra em algo que lhe é conveniente; esse algo que lhe é conveniente; a conveniência desse preferível do preferido; o preferido portador do preferível conveniente ao preferente. Os termos da relação estão completos. Se o preferível do preferido é apenas julgado conveniente ao preferente, mas, na realidade, não o é, como pode acontecer num juízo de valor que realiza um ente, mas erradamente, sem fundamento, nem por isso a relação deixa de ser real, porque o que dá valor, por ora, ao preferível do preferido é ser ou parecer conveniente ao preferente. Se, na verdade, o preferível é conveniente é o que se verificará a posteriori ou não. Mas, a realidade deste termo está em ser ou parecer conveniente ao preferente. O que é preferível, pois, vale para o preferente. O valer, aqui, é ser conveniente para algo, e esse algo pode ser o portador do que é conveniente, e, neste caso, vale para si, enquanto o que é conveniente para outro, e se o que vale é o próprio preferente que vale para si mesmo, temos, então, um valer em si para si. A esse valer diz-se substantivamente, que é um valor. Valor é, pois, por ora, substantivamente, o valor de algo tomado em qualquer direção que seja (em si, para si ou para outro). E esse valor é real na proporção da realidade desse valer. Também, logo se revela que o valor, nessa relação, tem uma intensidade, pois pode valer mais ou menos, ou seja, mais intensistamente ou não, na proporção do grau de benefício, de valer, de conveniência, que revela. O valor em si e para si já não é um valor apenas de relação, pois o que vale em si e para si é algo real. Assim, é conveniente para que algo exista, que algo seja, ou valha para que um ser seja a sua existência, pois um ser não pode ser sem ser, ou começa a ser no precípuo momento que começa a ser. Neste, o seu existir é um valor para si, e tal valor que é, se é, é um valor que vale por si mesmo. Já se revela, pois, na análise realizada até agora, que há um valor de relação e um valor que é em si mesmo, um valor com onticidade própria. Mais adiante veremos que as conquistas obtidas por esta análise são valiosas para uma colocação mais nítida e concreta do que é fundamental para a Axiologia.

TESE 17 - Valorar é captar um valor; valorizar é dar um valor a um valor.

O preferível vale para o preferente pelo valor que ele porta. Mas, esse valor que porta é captado pelo preferente. Este, ao captar o valor, valora; isto é, realiza o ato de captar, de tomar conhecimento, de perceber (de *perceptum*) o valor. Valorar é captar o valor. Valorizar é dar um valor a algo por ser portador de um valor, ou por receber a contribuição de um valor.

Ora, tudo quanto há tem um valor, como mostramos na tese anterior, e, ao mesmo tempo, é um valor, pois vale para si mesmo, porque é uma existência ou um ser em si ou em outro, mas que é, contudo, um valor para si porque é ou há.

TESE 18 - Em toda ação há uma seleção.

Já o demonstramos em "Filosofia Concreta". Em toda ação há o atuar do agente sobre o atuado. O que se dá no atuado é a ação. Ora, esta é um possível entre possíveis, que foi atualizado. Portanto, o que se dá é escolhido, enquanto algo foi preterido. Em toda ação há, portanto, uma escolha, e o que acontece foi escolhido entre possíveis, livremente ou não, pouco importa. A ação é sempre dual, porque nela há um preferir, que é simultâneo a um preterir.

TESE 19 - Onde há uma seleção, há uma atividade.

Mutatis mutandi, onde há uma seleção há uma atividade, porque selecionar é realizar um ato e onde há um ato que realiza algo, há uma atividade.

TESE 20 - Onde há uma atividade finita há seleção.

Mas, não quer tal dizer que em toda e qualquer atividade haja uma seleção. As atividades, que constituem as procissões ativas *in intra* do Ser Supremo, como verificamos em "Filosofia Concreta", não apontam uma seleção, porque não há aí preterição. O Ser Supremo, como forma (vontade), realiza uma procissão ativa *in intra*, cujo papel representa a intelectualidade. Esta, na sua atividade, realiza a criação. Como a criação é finita, e há nela uma ação e, portanto, uma atividade, esta é finita, sem o ser o ato criador. Portanto, justifica-se a tese de que só há seleção na atividade finita, porque a criação é já produto de uma escolha, não o ato de criar (que é do Ser Supremo), mas sim o resultado, o efeito desse ato, que é a ação criativa (que se dá na criatura).

TESE 21 - Há um valor absoluto e um valor relativo.

Podemos, assim, já distinguir um valor relativo de participação, e um valor absoluto, simpliciter, o do Ser Supremo, que provamos em "Filosofia Concreta". Todo valor da coisa finita é um valor escalar, gradativo portanto, enquanto o Ser Supremo é um valor absolutamente simples, pois, como vimos, é de conveniência, para algo ser, que seja, pois uma coisa não é sem ser, como demonstramos. A coisa é para si mesma um valor, pois. Sendo o Ser Supremo o ser por excelência, o máximo de ser, é ele para si mesmo o *seu* máximo valor. Desse modo já se pode concluir que há um valor nas coisas, que é proporcionado ao seu próprio ser: o valor de ser o que é. Segundo o grau de ser, é o grau desse valor. Mas, esse valor não é o único que ao ser se pode predicar nem atribuir, como já vimos, e ainda veremos melhor.

TESE 22 - Revelando-se o valor na atividade, aponta ele, portanto, ao aspecto dinâmico do ser.

Se o valor sempre se revela na atividade, não haveria valores possíveis. Mas, é preciso considerar que um valor possível é valor se tal possível o for realmente, ou seja, se for fundado em algo já em ato, porque uma mera possibilidade, sem fundamento, é apenas um ser ficcional do homem, de validez restrita. Neste caso, é a atividade que dá fundamento real ao valor. Como todo ser que está em atividade é dinâmico no sentido moderno do termo, pode-se considerar, sem erro, que o valor revela sempre o aspecto dinâmico do ser. Esta tese terá sua prova robustecida mais adiante, pois há outras vias demonstrativas, que a tornarão apodítica.

TESE 23 - Onde há seleção, há hierarquias.

Onde há seleção, há preferência e preterição, e onde há preferência e preterição, há valorações de graus diferentes, o que revela a presença de uma hierarquia, pois há valores que valem mais, e valores que valem menos, segundo certos aspectos e relações. Portanto, onde há seleção, há hierarquias.

TESE 24 - A seleção realiza-se através de uma adaptação intelectual.

Demonstramos em “Filosofia Concreta” que todo ato seletivo é, de certo modo, um ato intelectual, por que há um lec (captar) inter várias possibilidades. Admitindo-se que intelectual vem de inter e lec, o ato de escolha prefere algo entre preferíveis, e pretere algo que fica virtualizado. Ê, assim, de certo modo, um ato intelectual. E como em todo o existir há uma seleção, há uma intelectualidade cósmica no existir, que se não deve confundir com a intelectualidade humana, que é análoga àquela. Onde há uma escolha, há a preferência de algo a algo. O preferido é preferível, portanto, conveniente ao preferente, como já vimos. E o preferível se adequa, portanto, a um esquema, que é do preferente. Essa adequação ao esquema do preferente, que se acomoda ao preferível, que lhe é assimilado, é o ato de adaptação, como já o demonstramos em “Filosofia Concreta”. Conseqüentemente, onde há uma seleção, realiza-se uma adaptação intelectual, desde que tomemos este termo em latu sensu, e não específico, como no sentido psicológico.

TESE 25 - O ato de escolher é “crisis”, por que realiza uma separação.

Examinamos em “Filosofia da Crise” o tema da crisis, e vimos que ela se instala em todo o existir. Onde há uma separação, onde se abre uma distância, um diástema entre as coisas, abre-se uma crisis. O ato de escolher separa o preferido do preterido. Realiza um diástema entre ambos, realiza, de certo modo, uma separação. Todo o ato realiza uma ação, e esta é sempre crisis, porque, ao realizar-se a ação, é atualizado algo possível, que foi preferido a algo possível, que permanece como tal. A ação é sempre crisis, e críticas são, portanto, todos os aspectos de uma ação.

TESE 26 - A valoração (avaliação) e a valorização são, portanto críticas.

Onde há valoração, há captação de um valor. Onde há uma ação, há um preferido e um preterido, porque toda ação realiza um possível entre possíveis, uma escolha. Ora, a valoração como a valorização são ações. Onde há uma escolha, há crisis, porque é separado o escolhido do preterido. O ato de valoração e valorização são, portanto, críticos. Captar, valorar (avaliar) valores ou valorizar valores são atos críticos. É crítico todo ato que realiza a *crisis* em qualquer de suas fases, a diacrítica (de separação) ou a sincrítica (de reunião), como o demonstramos em “Filosofia da Crise”.

TESE 27 - Conveniente é o que é assimilável ou assimilado a um esquema de conveniência.

Já vimos que conveniência é adequação, de algo ao bem de algo. O que é conveniente a algo, adequa-se a algo. Essa adequação se revela por ser assimilável a um esquema do que é bom para algo. Diz-se que algo é conveniente quando a sua presença, posse, atuação, etc. adequam-se ao bem de algo. Essa adequação é uma adaptação, é o tornar-se apto para, ad, a algo. Ora, a adaptação, como vimos em trabalhos anteriores, processa-se pela adequação de algo aos esquemas de algo; isto é, algo se assemelha, é assemelhado, de certo modo aos esquemas de algo. É benéfico o que faz o bem (*bene factum*) a algo. Todo o ser acomoda seus esquemas ao que lhe é exterior. Tudo quanto é assimilável, e é de qualquer modo benéfico ao operante, é conveniente, e o é na proporção que for assimilável, sob todos os aspectos, a ele.

TESE 28 - A ação dá-se no atuado, e a realização deste revela que foi preferido a outro.

Foi demonstrado em "Filosofia Concreta" que a ação é inerente ao atuado. Quando levantamos um livro, a ação é realizada pelo agente, mas se dá no atuado, no livro. A ação é uma modal do atuado; é, nele, portanto, absolutamente inerente. Todo ser atuado é um ser contingente, por não ter em si sua última razão de ser. Portanto, a ação podia não ser esta e podia ser aquela. Mas, quando é, aponta o que é, que foi preferido ao que não é em ato, ao que foi preterido. Ora, o que é preferido tem um valor, já o mostramos; portanto, todo ser causado tem um valor.

TESE 29 - Tudo quanto foi causado tem um valor.

Esta tese decorre das anteriores. O que foi causado foi escolhido entre possíveis; portanto, foi preferido a outros. Há, assim, no que foi causado, um valor.

TESE 30 - Onde há gradatividade, há revelação de valor.

Onde há valor, há gradatividade, porque em todo valor participante, o valor, que corresponde às coisas finitas, revela um grau de participação a um valor supremo, o valor da omniperfeição do Ser Supremo, como o demonstramos em “Filosofia Concreta”. Desse modo, é evidente que, no finito, onde há valor, há gradatividade. Resta verificar se a inversa é verdadeira: se onde há gradatividade, há valor. Ora, onde há gradatividade, há um ser finito, e como já provamos e ainda provaremos, tudo quanto é ser, seja de que modo for, é um valor; provaremos, assim, que a máxima clássica de que valor e ser se

convertem é verdadeira, e que onde há gradatividade, há a revelação de um valor.

TESE 31 - O nada não pode ser portador de valor.

O nada, por ser nada, não pode ser portador de coisa alguma. É uma decorrência rigorosa do que já examinamos. Portanto, só o ser é portador de valor. Se algo, portanto, é portador de valor, é, conseqüentemente, ser.

TESE 32 - O valor é.

Se o valor não é, é ele nada, e nada vale. Ora, vimos que o valor é um modo de ser, portanto, é.

Ademais, o que é, é de certo modo preferido ao que não é. O que é, dá-se, ontologicamente, antes do que não é, põe-se antes que o nada. Se o valor é nada, não poderia ser objeto de uma preferência, como já vimos. Portanto, o valor é.

Aqueles que dizem que o valor não é, mas apenas vale, como Lotze, confundem ser com o ser em ato. Ora, há diversos modos de ser. Se entre ser e nada não há meio termo, e se valer não é ser, valer é nada. Portanto, valer só pode ser um modo de ser do ser.

TESE 33 - O valor é um ser.

Já demonstramos, em "Filosofia Concreta", que não há meio termo entre ser e nada, porque mais que ser é ser, e menos que ser é nada. Neste caso, o valor ou é ser ou é nada. Ora, já demonstramos que o nada não pode ser meta de uma atuação. Todo operar é um realizar algo. Se algo move algo a atuar, se algo é preferível a outro para algo, não pode ser um nada, porque o nada, além de não ter eficácia, não é meta de uma atuação. O valor, portanto, não pode ser nada, mas alguma coisa. Resta saber qual a consistência do valor. De qualquer forma ele não se reduz ao nada, e como entre ser e nada não há meio termo, o valor é.

TESE 34 - O valor afirma, de certo modo, uma eficacidade.

Se algo é preferível para algo, é porque se adequa a um esquema de conveniência. Se algo é preferível,

é porque vale ou em si ou para outro. Ou tem um valor em si mesmo, ou tem um valor para outro (valor em si e valor assistencial, de *ad sistere*, de *sistere* para algo, *ad*). O valor é, portanto, alguma coisa, e não nada. Ou é para si ou é para outro, ou em si e para outro, ou apenas em si. Mas, seja como for, o valor é um modo de ser. Onde há ser,
há eficacidade. Sendo o valor um modo de ser, afirma uma eficacidade, ou em si, ou para outro, ou em si e para outro.

TESE 35 - O nada, por não ter eficacidade, não tem, nem é valor.

Que o nada não tem eficacidade já o demonstramos em "Filosofia Concreta", pois se a tivesse seria alguma coisa, valor. Ora, valor é ser de algum modo; conseqüentemente, o nada não tem valor, pois não pode ser portador de algo, nem é um valor, porque é nada.

TESE 36 - Ser é valer, e valer é ser.

Que valer é ser, já o demonstramos. Resta demonstrar que ser é valer. Ora, o que de certo modo é, é preferido ao não-ser; dá-se antes do nada, põe-se antes do nada. O conceito de antes é tomado aqui ontologicamente. Todo ser é eficacidade, porque, se não tivesse eficacidade, seria nada. O que é, é preferido de certo modo ao que não é. Portanto, o que é vale pelo menos em si mesmo. A tese do valer em si mesmo será demonstrada ainda por outras vias, oportunamente.

TESE 37 - O que é vale mais do que o que não é.

Se o nada não é portador de valor e não vale nada, o que é, vale para si mais porque é. Ser é, assim, valer; de qualquer modo, é valer, é valor.

TESE 38 - O ente é ente em si, e para si, e para outro.

O que é, é em si de certo modo. Tem entidade tudo quanto não se lhe pode predicar o nada. Nada é ausência total de ser. Tomamos aqui o conceito de nada em sentido absoluto e não em sentido relativo. O nada absoluto é a total ausência de ser; o nada relativo é a ausência de um determinado modo de ser, como o mostramos em Filosofia Concreta. Tudo quanto não se lhe pode predicar o nada,

tem entidade (entitas). Portanto, tudo, embora seja sustentado por outro, e ao qual não se pode predicar o nada, é uma entidade e tem um ser. De certo modo, é um ente em si, embora não tenha em si sua razão última de ser. Ademais, o que é ente, é ente para si, e o é para outro. Os entes podem, portanto, ser visualizados como em si, para si e para outrem.

TESE 39 - Há um valor em si mesmo, um valor para si mesmo e um valor para outro.

É uma decorrência rigorosa do que já foi examinado. O que é vale em si, e vale para si. Resta provar que vale para outro. Se o que é, é finito, portanto causado, vale para outro, como já vimos, pois foi preferido a algo que foi preterido. Só o que não foi causado, nem é causável, como o é o Ser Supremo, o que já provamos em Filosofia Concreta, é um valor em si, para si e para outro também, pois sendo portador de todas as perfeições e da maior intensidade de ser, é portador do maior valor. Outras demonstrações, seguindo outras vias, corroborarão esta.

TESE 40 - Tudo quanto é, é valor.

É uma conseqüência rigorosa do que já foi demonstrado. Tudo quanto é, seja de que modo for, é um valor em si, para si e para outro. Portanto, tudo quanto é, vale. Tudo quanto vale, é.

TESE 41 - O grau de ser revela (aponta a) um grau de valor.

Todo ser em ato é portador de perfeições, pois é, em ato, algo que é em certa plenitude, pois, do contrário, seria em ato nada, o que é absurdo. Mas, os seres são, mais ou menos, perfeitos, na proporção das perfeições de que participam, como já o demonstramos em Filosofia Concreta. Ora, o ser é valor e, conseqüentemente, o grau de ser, que um ente é, aponta a um grau de valor. O valor, portanto, revela escalaridade. O ser que for omniperfeito, enquanto tal, é o de maior valor na sua espécie. O Ser Supremo, que é, como ser, o ser omniperfeito, como o demonstramos na obra citada, é, conseqüentemente, aquele que possui o valor no grau intensistamente máximo, porque é o ser no grau intensista máximo de ser.

TESE 42 - O valor, sendo gradativo, revela escalaridade.

Demonstramos por outras vias:

Sendo os entes, quanto às suas perfeições, escalares, como já o temos demonstrado, os valores são, conseqüentemente, escalares, pois os valores são também ser. Assim, como o Ser Supremo é o *maximum* de ser, o ser na sua máxima intensidade, ser em sua pujança e plenitude, é ele mesmo. Nele, já o demonstramos, ser e existir, essência e existência absolutamente se identificam. O conteúdo ontológico de ser é, nele, idêntico ao conteúdo ôntico. Ele é o que o ser é; ele é, portanto, o que real e absolutamente é. Sendo o valor ser, e revelando gradativamente nos diversos seres que participam das perfeições do Ser Supremo, o valor do Ser Supremo é, nele, e, portanto, o valor em sua plenitude máxima é ele mesmo, e com ele se identifica. Portanto, ele é o valor em sua plenitude máxima. A gradatividade no valor está no grau de sua perfeição, portanto, na participação da perfeição dos entes. Conseqüentemente, toda perfeição participada tem um valor, e vale na proporção dessa participação. Oferece-se, assim, uma base positiva para o valor, embora ainda restem outras para serem colocadas.

TESE 43 – Porque o valor é ser, o valor vale.

Tomado substancialmente, o valor é ser. E assim como o ser é, o valor vale. Do mesmo modo que não há tautologia em dizer que o ser é, também não há em dizer que o valor vale. Foi o que demonstramos em “Filosofia Concreta”. O verbo valer, aqui, indica a plenitude do valor, porque todo valer é valor. Mas, esse valer pode ser visualizado de vários modos. Assim, como o ser é, enquanto este ou aquele ser, é em si ser, o ente é em si valor. Mas, o ser é para si um valor, portanto o valor para si já revela um valor do valor. Conseqüentemente, o valor tem um valor, porque por valer vale para si, além de valer em si.

TESE 44 – O valor, enquanto tal, não tem um limite de valoração.

Um ser vale porque é, e vale para si, porque é. Conseqüentemente, o valor revela um valor. Por isso, pode ser um valor valorado. Um ser vale porque é, e porque vale para si é um valor. E esse valor, que vale para si, pode ser valorado e, conseqüentemente, tem um valor. E assim, poderíamos ir in infinitum. Revela tal possibilidade que o valor, enquanto tal, não tem limite na valoração, e pode ser valorado in infinitum, embora dentro dos limites de sua participação ao valor supremo. Do mesmo modo também não o tem o ser enquanto tal, pois, quando o ser é em si, é para si, e o ser para si é, também o ser é para si.

TESE 45 – Ser e valor se convertem.

É uma decorrência do que já ficou demonstrado. Todo valor é de certo modo, e tudo quanto é, é valor. É assim apodítico o adágio clássico de “ens et bonum convertuntur”. Mas, eles se identificam ônticamente, não ontologicamentke, porque a razão ontológica do valor é formalmente distinta da razão ontológica de ser, como ainda demonstraremos.

TESE 46 – Captar o valor do valor (valorar), implica uma ação. É, portanto, dual.

Toda ação é dual, já o demonstramos. Ora, no valor, realiza-se uma ação, portanto é dual.

Na valoração (captar o valor do valor), há um valorante, o que valora, e um valorado e o que é valorável, o que é apto a ser objeto de uma valoração. Portanto, o valorável é o valor do valorado para o valorante, captador do valor. O valorável é, portanto, proporcionado ao valorante.

TESE 47 - O ser finito, como valorante, valorará o valor em si, na proporção deste para ele.

O que a coisa vale em si é da coisa, mas o que ela vale para outrem, é proporcionado a esse outro. Assim como, no conhecimento, este é proporcionado ao cognoscente, que conhece o que é cognoscível do cognitum, o valorante valora o que é valorável do valorado, e esse valorável lhe é proporcionado. Quando o valorante é um ser finito, só pode ele valorar o valorável do valorado, proporcionadamente a ele e segundo a relação que forma com ele. A valoração é, portanto, relativa ao valorante.

TESE 48 - Só o Ser Infinito pode valorar a plenitude do valor em si.

Na valoração, o valor em si torna-se valor para outrem, portanto, é valorado pelo valorante, proporcionadamente no que este é. Se o valorante é um ser finito, vimos, valora-se proporcionadamente ao que é. Já demonstramos em Filosofia Concreta, que o conhecimento absoluto do cognoscível só se poderia dar por uma mente infinita. Pela mesma razão, a valoração do valor em si, tal como é em sua plenitude, exige um valorante infinito, capaz de valorar tudo quanto é valorável do valorado. O valorável está limitado pelo valorante. Só um valorante, para o qual não há limites em ser, poderia valorar o valor em si em sua plenitude.

TESE 49 - A valorização consiste em emprestar um suprimento de valor ao valorável.

Vimos que valorar é captar o valor do valorável. Mas, o valorante dá ao valorável um valor a mais, um suprimento de valor. Neste caso, valoriza-o. Valorização consiste, portanto, em emprestar um valor ao valorável. Mas, convém examinar as diversas espécies de valorizações, e se as há.

Quando algo tem um valor para o valorante, esse valor ante um conjunto de circunstâncias, pode ser valorizado; isto é, receber um suprimento de valor. É o exemplo da água para o homem. Mas, a água para o sedento está valorizada, apesar de que o valorável da água para o homem permaneça normalmente o mesmo. A valorização é, portanto, relativa ao valorante, e não ao valorável do valorado. Mas essa valorização é uma possibilidade de valor do valorado, sem dúvida, uma possibilidade assistencial (relativa).

Quando o valorante valora o valorável do valorado dando-lhe suprimentos de valor de origem afetiva, como um objeto que foi de uso de alguém que é venerado, esse suprimento de valor também é assistencial.

TESE 50 - A valorização não se inere ao valorado. Ela é resultado de uma preferência do valorante.

É o que decorre do exame da tese anterior. O suprimento de valor dado na valorização é assistencial (relativo), e decorre da preferência do valorante.

TESE 51 - A diferença do valorante é um estado de equilíbrio entre valores.

Demonstrado como foi que valor é ser, a indiferença do valorante ante o valorado é o produto de um equilíbrio e, portanto, de um equilíbrio entre seres, entre o ser do valorado e o do valorante, de modo a permanecer este indiferente ao valorável do valorado ou valorados. Na quebra da indiferença, há, portanto, uma preferência a este ou aquele, revelando-se o valorável, assistencialmente, ao valorante.

Ser e valor se identificam formalmente, porque o valor tem uma razão, e o ser tem outra. Valor é o ser formalmente tomado de certo modo. Mas, como todo ser é valor e todo valor ser, são realmente o mesmo, embora formalmente distintos, no sentido da distinção formal de Scot, que examinamos em Ontologia e Cosmologia.

TESE 52 - Valor e ser convertem-se segundo os *supposita* e não segundo *rationem*.

É uma decorrência do que ficou demonstrado. Ser e valor confundem-se no supósito das coisas (na coisa), não segundo sua razão, pois um e outro são formalmente distintos, mas ônticamente inseparáveis.

TESE 52 - Ao conceito de valor corresponde, inversamente (negativamente), o desvalor, e apenas, opositivamente, o de sem-valor.

Para o valorante, o ser que se lhe opõe pode corresponder a uma conveniência, e temos, então, o valor, como lhe pode ser indiferente, e temos o ser-valor [que é assistencial (relativo), pois tudo em si é valor, como já o demonstramos], e ademais, o poder de opor-se, de contrariar, de perturbar, de ofender, de prejudicar a conveniência do valorante e, neste caso, ser-lhe contrário e maléfico. Estamos, então, em face do que se deve chamar de desvalor. No desvalor, há a exclusão, por parte do valorante, do suprimento de valor, que pode ser total para o valorante quando o oposto lhe é destrutivo. O desvalor é, portanto, um oposto negativo para o valorante.

TESE 53 - O valorável é proporcionado ao valorante, mas, em si, é proporcionado ao que lhe é portador.

É valorável o que, no valorado, corresponde à conveniência do valorante. Mas, o que é no valorado é proporcionado a este, porque toda qualidade, perfeição, estado, propriedade, etc., é sempre proporcionado ao que a tem, possui, etc. Conseqüentemente, o valorável, considerado em si, é proporcionado ao seu portador. Em relação ao valorante, o seu valor é aumentado ou suprimido por aportamentos ou exclusões de valor, que o valorante lhe empresta ou retira, como já vimos.

TESE 54 - Todo fato em si e para si é um valor e um desvalor.

Que todo fato (feito) é um valor em si e para si, não há a menor dúvida, pois já o provamos. Resta saber se também é um desvalor. No conteúdo esquemático de desvalor, inclui-se a oposição negativa axiológica. Todo fato é um afetível que foi efetuado, portanto é um finível, que se tornou finito, como o vimos em Filosofia Concreta. Ora, todo ser finito conhece a ausência de perfeições. Algo lhe falta

para ser em plenitude, portanto, de certo modo, é um desvalor ante (para) si mesmo (assistencialmente), embora seja um valor tomado em si, de modo absoluto.

TESE 55 - A positividade e a opositividade dos valores para outrem decorrem da proporcionalidade entre o valorante e o valorável do valorado.

Esta tese já foi indiretamente demonstrada pelas anteriores. Mas, convém não esquecer que o ente em si mesmo é um valor em si mesmo, e para si mesmo, portanto, se desdobra em valorante e valorado no segundo caso. Apenas é valorável para outrem. Ora, o valor em si e para si pode ser um desvalor para outrem, como a água o é para o fogo, ou um tóxico o é para o organismo.

Como o agível do atuado é mutuamente proporcionado a este e ao atuante, o valorável do valorado também o é quanto a este e quanto ao valorante. Quanto ao valorado, com valor para si; e quanto ao valorante, como valor para outrem.

TESE 56 - Todo agente tende para um fim, e esse tender chama-se apetite.

Todo agente o é tal por seu atuar. O seu atuar atua uma ação no atuado. Todo agente, enquanto tal, tende para algo, que lhe é um termo *ad quem*, um fim. Chama-se apetite (de *ad* e *petere*, pedir para), na filosofia clássica, esse tender para algo. Esse algo é um valor, porque o nada não é meta de uma ação. Portanto, todo agente tende para um valor, e o atuar e a ação revelam um valor, pois que são algo.

TESE 57 - Segundo as modalidades de ser, há modalidades de valor.

Todo ser é valor e todo valor é ser. Portanto, segundo as modalidades de ser, há modalidades de valor.

TESE 58 - O valorável, se conveniente para o valorante, é desejável por este. A desirabilidade é escalar.

O valorante valora positivamente o que lhe é conveniente. O valorante, como agente, tende para o valorável, que lhe é por isso desejável. Como o valorável é escalar, a desirabilidade deste é também escalar. O desejante, portanto, deseja o desejável do desejado, mas, a intensidade de tal desejo será

proporcionada à desirabilidade do desejável para o desejante.

TESE 59 - Todo o ser é portador de valores desejáveis por si ou por outros. A desirabilidade permite compreender os valores positivos e os opositivos.

Todo ser é portador de valor, e é um valor em si e para si, já o demonstramos. Como tal, é conveniente em si e para si e, como tal, tem um grau de desirabilidade. A desirabilidade de um valor revela a sua positividade. Por ser positivo é que um valor é desejável. Um valor opositivo é indesejável pelo desejante. Mas, o valor opositivo a um desejante pode ser positivo para outro. Portanto, o grau de desirabilidade é proporcionado ao desejante. O valor opositivo é negativo quando é um sem-valor, quando nele se ausenta uma perfeição ou propriedade, etc., que é desejada pelo desejante. O opositivo é negativo, é desvalor, quando o que é, ou tem, é indesejável pelo desejante, por lhe ser inconveniente. A negatividade do sem-valor e a do desvalor é assim relacional (assistencial).

Um valor opositivo simples é o que obstaculiza a captação do que é desejável pelo desejante.

TESE 60 - Para o desejante, a ausência de um obstáculo à posse do valor desejável é um valor. O contrário é um desvalor.

O desejante deseja o que é desejável do desejado. A posse ou fruição desse desejável é um valor para o desejante, porque ele deseja, por sua vez, a posse ou fruição do desejável, que é por isso desejável. Tudo quanto obstaculize essa posse ou fruição é indesejável ao desejante. A ausência de um obstáculo à consumação do desejável pelo desejante, é já um valor para este, como a presença de um obstáculo lhe é uma ausência de valor e, ademais, a presença de um desvalor, portanto, um desvalor. Vê-se, assim, que a ausência de um obstáculo, que é, portanto, um sem-valor, passa a ser, para o desejante, um valor, por não impedir-lhe a ação. Portanto, um valor em si pode ser um desvalor para outrem, desde que não lhe favoreça a ação.

TESE 61 - O valor-em-si das coisas está no grau de sua participação ao Ser Supremo.

Em Filosofia Concreta demonstramos que todas as coisas participam de uma perfeição do Ser Supremo; isto é, têm, num grau eminentemente menor, alguma perfeição que naquele é um grau eminentemente máximo. Ora, o valor é ser, e ser é valor. O valor-em-si das coisas, em sua

gradatividade, é proporcionado, conseqüentemente, ao grau intensista de ser que uma coisa é; portanto, proporcionado à participação. Já o grau de valor da coisa-para-si e para-outrem é proporcionado ao valorável em relação ao valorante.

TESE 62 - Por serem os valores gradativos, a gradatividade é relativa a cada tipo de valor.

É uma decorrência das teses já demonstradas. Conseqüentemente, cada ser é um valor, cujo grau é proporcionado de diversas maneiras:

a) No valor-em-si à sua participação da perfeição.

b) Para-si, na proporção do valorável para o valorante, pois, neste caso, o próprio ser valora a si mesmo. E ele é valorável, enquanto tal, para si mesmo, segundo o grau de desirabilidade do ser para consigo mesmo, o que será ainda objeto de análise.

c) Para-outrem, proporcionadamente ao grau de desirabilidade que ofereça ao desejante, ou de valor para o valorante.

TESE 63 - O valor em si é proporcionado ao grau de perfeição participada pelo ser considerado em si mesmo.

Um ser é, em ato, subsistente de per si ou subsistente em outro; ou é potencial, uma mera possibilidade. O ser que é em ato, de qualquer forma tem um valor-em-si, proporcionado ao grau do perfeição de ser do qual participa, como já vimos. Mas, um ser possível, meramente possível, não é ainda um valor em ato, mas um valor possível. E vale proporcionadamente ao grau de sua possibilidade.

TESE 64 - Todo valor é objeto de um desejo, e, no homem, pode ser objeto de um juízo.

Todo ente é valor, e todo valor é desejável, já o demonstramos. Mas o ser humano capta, por um ato intelectual, o valor das coisas. Todo valor, portanto, é passível de tornar-se objeto de um juízo de valor por parte do homem. O juízo de valor é, portanto, logicamente proporcionado ao tipo de valor. E a perfeita adequação desse juízo com o fato, pode ser objeto de um juízo de existência e dá ao mesmo o conteúdo fáctico, que lhe empresta um valor, o valor lógico-existencial; isto é, o que é valorado é verdadeiro na proporção da adequação do juízo com a coisa (verdade lógica). A base real desse valor,

na coisa, dá ao juízo o caráter de ser materialmente verdadeiro. Como a apreciação de valor é um fato, é portanto um valor; no juízo, há um valor. E como o juízo é lógico, há um valor lógico, e, quando, existencialmente bem fundado, tem um valor existencial. A verdade lógica como a material valem, portanto. E valem-em-si para-si e para-outrem.

TESE 65 - Onde há preferência, há um juízo de valor, assim como no discernimento há um juízo de existência.

Onde se prefere, há preterição. O preferido é valorado acima do preterido. Há de certo modo um juízo de valor, porque se atribui ao preferido um valor superior ao preterido. Do mesmo modo, quando se discerne alguma coisa, há um juízo de existência, porque se afirma algum predicado a um sujeito, o qual é dado como real ao sujeito.

TESE 66 - Na preferência, há uma análise do valor; no conhecer, uma análise do ser.

Quando se manifesta a preferência em nós, revela-se que se deu uma análise do valor, porque valores foram comparados. Assim, também, no conhecer, há uma análise do Bem, porque, quando conhecemos, o que conhecemos é um ser que por nós foi separado, graças à nossa adaptação esquemática, pela acomodação de nossos esquemas e pela assimilação que obedece ademais à modelação de uma esquemática, cujos esquemas atuam como formas modeladoras do conhecimento. No conhecimento, há um modelar de esquemas prévios que atuam como formas, que informam a matéria da sensação. Ao captar algo do mundo exterior, nós recebemos um estímulo que é o mesmo, mas o captamos, modelando-o pelos nossos esquemas. Um mesmo fato *é* sensorialmente captado por nós (nós todos) de um modo invariante às condições antropológicas, mas sofre, por sua vez, uma modelação que dependerá da nossa esquemática. O mundo é o mesmo para todos, mas é diferente para alguns, e diferente ainda para cada um. São tais positividades que nos permitem compreender não só a modelação antropológica geral, a antropológica particular, como a antropológica individual, incluindo, em seu conjunto, o que chamamos de gnosiologia típica, que depende dos tipos diversos, desde os caracterológicos até os sociais, estudados na psicologia individual e na psicologia coletiva.

A análise do valor, que se manifesta na preferência, depende também dessa esquemática, como dela depende a análise do ser, que se realiza no ato cognoscitivo.

TESE 67 - Os valores são classificáveis.

É o que decorre, evidentemente, das teses até aqui demonstradas. Os valores podem ser distribuídos em classes e, portanto, são classificáveis, e o número dessas classes é proporcionado às classificações que se podem estabelecer quanto ao ser.

TESE 68 - O desejo de per si não cria o valor, apenas o revela ao desejante.

O desejo revela-se pelo apetite para algo. É desejável o que corresponde à conveniência do desejante. O que é, na coisa, e que corresponde a essa conveniência, é desejável; portanto, um valor. Na verdade, o desejo não cria esse valor do desejável, mas apenas o revela. As coisas são desejáveis por outras, porque correspondem ao desejo dos desejantes e o são no grau de sua desirabilidade. Não é, portanto, o desejo que cria o desejável. Este é desejável porque corresponde ao desejante. E, numa coisa, há algo desejável, quando corresponde a esse desejo. Portanto, essa coisa passa a ter valor para o desejante, quando se revela o desejável dela para aquele. Portanto, não é o desejo que cria o valor, mas é, por meio dele, que este também se revela.

TESE 69 - O desejo revela uma ausência.

Não pode ser desejado o que já se tem plenamente ou se julga ter. No desejo, há um apetite para algo; portanto, tende para algo. Revela o desejo uma *via fiendi*, a passagem do que é para o que pode vir a dar-se, a meta, a posse ou a fruição do desejável do desejado. Portanto, no esquema do desejo, há a revelação de uma ausência, de algo de que carece o desejante. Mas, o desejável é algo julgado como tal pelo desejante. Há, assim, no desejável, algo que se analoga ao desejante, pois, do contrário, não seria por este desejável. Essa analogia é que nos cabe examinar.

TESE 70 - O desejável é ser, e o máximo desejável é o Ser Supremo.

O nada não pode ser objeto de uma ação. E o desejar realiza-se na ação do desejo. Portanto, todo desejável é um ser ou modo de ser. Quando se deseja a extinção de
algo, para que se tome nada para o desejante, na verdade o que se deseja é o bem que está

obstaculizado por outrem. É, pois, um desvalor que se deseja ausente por obstaculizar um valor que se quer presente.

O desejo acósmico da total aniquilação do ser, que se manifesta em alguns entes humanos, não refuta a tese, pela razão seguinte: esse desejo acósmico surge de uma decepção. Na verdade, o que se quer é um bem pelo afastamento de tudo quanto obstaculiza ou prejudica. Nesse ímpeto, morbidamente, pode o ser humano desejar o nada absoluto. Mas, há ai confusão, porque o realmente desejado é a ausência do desvalor, não a "presença" do nada, porque este não tem nem pode oferecer uma presença.

O ser finito deseja mais ser, além de desejar o próprio ser. O ser finito é desejante, porque não tem a plenitude absoluta de ser. E ao adquirir mais ser, seu anelo não seria sopitado, porque deseja mais. Conseqüentemente, a meta final do desejante é o Ser Supremo, porque este é ser em absoluta plenitude de ser.

Se tal não é objeto de juízo para muitos, tal não nega a possibilidade de tomar-se objeto de um juízo. Revela apenas o estado de confusão em que permanece um determinado espírito. A demonstração de que todo ser deseja mais ser, já foi feita em Filosofia Concreta. Ora, todo ser é um valor, logo todo ser deseja o que é o máximo valor.

O não compreender que todo valor é objeto de um desejo e, no homem, de um juízo, o primeiro como manifestação páthica, e o segundo como ato operatório da intelectualidade, levou muitos a darem preferência a um ou a outro, o que nos explica a variedade das doutrinas que se polarizam numa visão afetiva dos valores, para uns, ou numa visão intelectualista dos valores, para outros.

Ehrenfels estabeleceu uma tese de que "a grandeza de um valor é proporcionada à sua desirabilidade".

Os economistas, como Adam Smith e outros, proclamam que é o desejo a fonte do valor. Neste caso, o desejo seria criador de valor, pois há valor em tudo quanto desejamos, e tem valor porque desejamos. O que não desejamos, deixa de ter valor.

Mas, assim como mostramos que o ato de pensar não cria o pensamento, mas apenas o revela; o desejo não cria o valor, mas apenas o revela.

Todo desejo é uma moção *ad quem*, para o desejado. O desejado é desejável, porque corresponde à desirabilidade. Mas o desejado tem o desejável, é positivo nele. Portanto, o desejo apenas revela o que é desejado; revela o valor que está na coisa.

Vimos que o desejo é produto de uma insuficiência. Se desejamos, é porque não temos. O esquema do desejo é um pretender o de que carecemos. E se o ausente assimila ao que falta, ele preenche uma lacuna. Portanto, o desejado tem uma positividade, que é assimilável ao que o esquema do desejo põe, como o que o completa. Como não há uma completude total, somos sempre desejosos, pois só o infinito poderia satisfazer totalmente o desejo, pois só ele poderia completar todas as ausências.

Podem os axiólogos se colocarem, como aliás se colocam, ante o desejo e o desejado, em uma dessas duas posições:

1) a que afirma que o desejável nada mais é que o objeto do desejo. Neste caso, o desejo julgaria do valor. É a posição do relativismo psicológico.

2) O desejável suscita o desejo e o justifica (Tomás de Aquino dizia "*appetitur aliquid quia bonum est*" desejamos o que é bom. Neste caso, o bem é valor, é o que suscita o desejo).

Portanto, colocar-se-ia aqui uma pergunta: é o desejo que produz o desejável ou o desejável que produz o desejo?

As respostas unilaterais, nossa resposta só pode ser uma: o desejo busca o desejável porque este corresponde ao desejo. É o que demonstraremos a seguir.

TESE 71 - O desejo, no homem, busca o desejável, porque este corresponde ao desejo.

Como seres biológicos e psicológicos, temos carências, como o tem todo o ente corpóreo, e todo o ente criado, que participa do ser e não tem a plenitude atual do ser. O desejo é um ímpeto para o que nos falta.

Desejamos o desejado, mas desejamos o desejável também.

Aspiramos ao infinito, porque não somos infinitos, e porque somos algo. Não poderíamos desejar o infinito se em nós fosse vida e carne.

Não podemos condenar o desejo, nem refutá-lo; ele é o tivéssemos, mas também não poderíamos desejá-lo se não o tivéssemos.

Participamos dele (é a nossa posse virtual da infinitude), mas não o temos (a posse atual).

Desejamos por isso. Mas, que desejamos? Desejamos o que não temos plenamente. Não é o desejo apenas que dá valor ao desejado, embora o desejo também lhe dê um valor. O desejado é um valor, porque é digno de ser desejado, e tem o que pode ser desejado. Todo o desejado tem um valor, o valor de ser desejado ou desejável. Há um valor atual (*an sich*) e um valor para outros (für anders). O desejo dá um suprimento de valor ao valor do desejado.

Entre o esquema do desejo e o esquema do desejado, há contemporaneidade, pois o desejado o é porque corresponde ao esquema do desejo.

Há, assim, um valor no objeto, enquanto considerado em si, e um valor para nós, que não lhe arrebata o valor que é dele, e este valor, para nós, está na capacidade de satisfazer o nosso esquema de desejo, o nosso anelo, na capacidade de encher um vazio.

Ao realizar esse preenchimento, o desejado, alcançado pelo desejo, completa-o como esquema, e dá-nos o de satisfação, e este o de prazer, que se atualiza quando do cumprimento dinâmico da satisfação. E a satisfação, no atualizar-se, que é o prazer, é, por sua vez, um valor que se empresta ao desejado.

A oposição entre o nosso desejo e o desejado é diminuída, vencida, superada. E o afastamento do desejado (objeto) do desejo (sujeito) pode ser aumentado ou diminuído. A captação do desejado pode ser obstaculizada, favorecida.

Tudo quanto obstaculiza, tem um valor opositivo para nós.

Tudo quanto favorece a sua captação, tem um valor positivo. Não é o valor que suplanta a oposição, como pensa Stern; é o suplantar da oposição que tem um valor.

A afetividade realiza a fusão entre o sujeito e o objeto, como já vimos. Há valor sempre em todo ato afetivo, como há em tudo. Mas, o valor é positivo ou opositivo, segundo corresponda à desirabilidade ou não. Até aqui, já nos foi possível firmar algumas teses:

Todo ser é valor. Todo ente tem valor.
Há um valor ontológico, que é o do ser.
Há um valor ôntico, que é o do ente.

E como os entes são inter-relacionáveis, e formam entre si outros entes relacionais (assistenciais), pois todos os entes, onticamente considerados, são assistenciais, o valor ontológico do ser, ao entificar-se, tem um valor ôntico, o qual é protéico segundo a assistencialidade do ente.

Há, portanto, um valor invariante: no ontológico.

Há um valor variante: no ôntico.

Mas, no ôntico, assistencialmente considerado, há um valor variante.

O ente, ontológica ou ônticamente considerado por nós, correspondendo à nossa desirabilidade, tem um valor variante ou não, para nós.

Na intelectualidade, a subjetividade e a objetividade são inseparáveis. A afetividade supera essa polarização. Há transubjetividade e transobjetividade no ato páthico, porque há fusão entre objeto e sujeito, fundidos na frônese.

O desejo é uma atividade espontânea que se objetiva no desejado ou no desejável, ou não, mas que tende a objetivar-se.

Por isso, se vê quão errados andam aqueles que julgam que a afetividade é meramente passiva.

Os estados páthicos têm valor, como tudo tem valor.

Em todo juízo páthico, fundado na afetividade, há um valor.

Em todo juízo intelectual, há um valor, o valor de escolha. Tal afirmativa não implica que se reduza o juízo intelectual a um mero juízo de valor. O valor está na escolha que permite, *a posteriori*, enunciar o juízo intelectual. O valor deste juízo, enquanto tal, está na sua adequação ao preferente.

O valor ôntico tem um valor que lhe dá o infinito do Ser, que é a sua subsistência, o ontológico.

Há axiólogos modernos, que opõem o ser ao valor. Mas, oportunamente, examinaremos esses aspectos.

* * *

Cada ente, axiológica e ontologicamente considerado, é portador de valores atualmente positivos ou opositivos (e também negativos, isto é, por ausência), como também potencialmente positivos ou opositivos.

Todo apontar de um valor implica um valor polarmente contrário, que é virtualizado por estar em potência ou porque o virtualizamos.

Dessa maneira, é compreensível a tese relativista dos valores, como a que afirma a base material dos mesmos (Scheler, etc.).

Cada ente tem em si aquelas condições favoráveis a um grupo de entes, mas desfavoráveis ao grupo polarmente contrário. O valor, que é positivo ao primeiro grupo, funda-se nos mesmos elementos que o tornam opositivo ao segundo grupo.

TESE 72 - A apreciação dos valores e a valorização ou desvalorização deles depende da esquemática humana.

Os valores são, para o homem, relativos à sua conveniência. Ora, esta é relativa ao conjunto da sua esquemática psicológica geral, considerando-se aqui todos os seus aspectos e modalidades que possam historicamente surgir no homem. Conseqüentemente, a apreciação dos valores, a valorização (acrescentamento, suprimento de valor) as desvalorizações (diminuições, etc.) dependerão dessa esquemática.

TESE 73 - O desejar o homem que as coisas fossem o que ele julga que deveriam ser, revela já uma apreciação e a possibilidade de uma valorização.

O homem se caracteriza pela sua capacidade de valorar e também por sua capacidade de efetuar valorizações e desvalorizações. O espetáculo do mundo, e de si mesmo, não o satisfaz plenamente. Por essa razão é ele capaz de desejar que as coisas, os homens e ele mesmo, fossem diferentes. Essa capacidade humana é revelada por seu caráter utópico, porque onde está o homem está a utopia. O fato do ser humano ser capaz de avaliar o que é, com a possibilidade ideal que ele desejaria que fosse realidade, revela haver já uma apreciação e também uma capacidade de valorização.

TESE 74 - A Ética, por examinar as coisas como devem ser, incorpora-se à região ontológica dos valores.

A Ética é a disciplina do dever-ser, do **sollen** dos alemães, do **debeo** dos latinos, **de** e **habeo**, do **ter**

de. Ora, todos os fundamentos da Ética revelam apreciações de valores, porque a construção ética, concretamente fundada, não é apenas a moral, que se funda nos costumes, mas o dever-ser, que é captado segundo os valores mais convenientes ao ser humano. Conseqüentemente, a ética incorpora-se à região ontológica dos valores, porque o fundamento da ética não é o costume, mas o dever-ser ontologicamente considerado, o que implica, inelutavelmente, o valor.

TESE 75 - As discussões que se processam na Axiologia seguem a via que se percorre do sentir ao querer.

Realmente, ao examinarem-se as diversas doutrinas axiológicas, verifica-se que elas partem ou da sensibilidade, do sentir humano, da afetividade humana, ou da intelectualidade e, nesta, do querer. Em torno das valorizações, que se formam nesses processos do nosso **Nous** (espírito), fundamentam-se todas as discussões axiológicas.

* * *

TESE 76 - O valor é positivo ou opositivo ao valorante.

Um erro comum consiste em considerar o opositivo como negativo e, dessa forma, escamoteá-lo.

Quando se afirma um valor a alguma coisa, considera-se esta privada do valor polarmente contrário, o que já mostra-nos não corresponder a uma apreciação dialética, mas apenas formal.

E tal se dá porque, quando consideramos formalmente o valor bom, excluímos naturalmente o mau. Mas, aí estamos trabalhando com os valores formalmente, isto é, despojados de sua posicionalidade num fato determinado.

No entanto, quando afirmamos que alguém é bom ou mau, a afirmação de um desses valores não exclui o outro, a não ser que o façamos formalmente, porque a bondade de alguém pode ser captada, segundo relações que, diferentes, podem fazer ressaltar o aspecto opositivo.

Assim, um medicamento tem uma positividade benéfica, e também uma opositividade maléfica, pois se ob-põe aos micro-organismos maléficos ao ser aplicado no homem.

Considerando-se do ângulo antropológico, e formalmente, veremos, na bondade do medicamento, a privação da maldade. Se o micro-organismo também procedesse formalmente, consideraria o inverso: na maldade veria a privação da bondade.

Se considerarmos que negativo é sempre nec-ação (de **nec**, daí **necare**, matar) privação de uma atividade, de uma presença, consideraremos como negativo apenas o que é considerado privativo, ausente, e deixaríamos o conceito de obposição (oposição) para o que é presente, e que se coloca contra algo.

Esse proceder formal leva a alguns idealistas (e os menores, reconheçamos) a considerarem com positividade apenas o sujeito, e como negativo de positividade o objeto, cuja existência apenas está em nós e por nós, e, por sua vez, leva aos realistas, empiristas, etc., a negarem a positividade do sujeito, que tem um existir no objeto, que o
cria, que o constrói.

São tais confusões que levaram alguns filósofos a preconceitos como o ontológico e o axiológico, o que os leva a dialéticas complicadas.

Assim, a afirmação da positividade do ser e da negatividade do não-ser, que permitiu a construção formal do conceito de nada, conceito da pura privação de todo ser, mas o qual, por si mesmo, não significa nada.

Ora, o nada, como privação, é negativo, pois nega toda atividade, toda eficacidade. Do contrário, se tivesse eficacidade, seria ser.

Uma tensão, enquanto tal, é. Seu ser atualiza-se através de seu estar. Esses estados são sucessivos, porque, como já vimos, toda tensão tem uma história, e essa história é o seu devir, é a atualização, no tempo, de seu epimetéico, de seu prometéico, que forma a sua totalidade global, como já vimos, e ainda veremos melhor.

Se a tensão, no seu processo, decompõe-se, desaparece qualitativamente como tensão, para permanecerem apenas os elementos tomados quantitativamente que a constituíram, deixou ela de ser, para não-ser no presente, para ser no epimetéico da ordem a que pertence.

Uma sociedade, fundada por um número determinado de indivíduos, para a realização de um fim, dissolvendo-se pela obtenção deste, deixa de ser, é não-ser, após sua dissolução, mas os elementos

componentes, apenas quantitativos, podem permanecer por isso. A sociedade, como tensão, ontologicamente considerada, deixou de ser, passa a não-ser, é negativa, nec. . .

Outra sociedade, que se forme, para combater os fins preconizados pela primeira, opõe-se a esta. Mas, tem posicionalidade ob quanto à primeira. Sua ação é negativa, tornada abstrata e formalmente pela primeira. Mas, na concreção geral dos fatos sociológicos, ela é ativa, afirmativa portanto, positiva, embora se coloque ob à primeira.

Ela não é um não-ser, enquanto não-ser. Seria não ser se considerada formalmente. É uma positividade em antagonismo.

Torna-se, assim, claro que devemos distinguir negatividade de oposicionalidade. E tal distinção evitaria as confusões entre não-ser e nada, e entre negação e oposição.

São tais confusões que levam a alguns metafísicos (a maioria, reconheçamos) a considerar o mal apenas como privação de bem.

E por que? Colocados formalmente, não poderiam concluir diferentemente. Mas, se aceitamos que os valores se fundam em algo, fundam-se em certas disposições numéricas das tensões, o mal tem uma positividade em disposições que leva uma tensão a ser inconveniente para outra, ou a um elemento componente de uma tensão a ser um mal ao todo, isto é, desde que não coopera na ordem, que é relação entre o todo e as partes, e as partes entre si, formando uma unidade.

Consideremos o princípio axiológico de que a ausência de um valor opositivo (indevidamente chamado negativo pelos formalistas) seja um valor positivo.

Uma análise dialética logo nos explica o que há:

Se uma tensão é julgada boa, porque não há nela tal valor que lhe é contrário, que se opõe à sua ordem, o valor positivo é construído sobre a possibilidade da presença do valor oposto. Se este lá estivesse, não valeria o que vale. Portanto, não é a ausência, enquanto tal, que dá um valor positivo, é apenas a não-atualização de uma possibilidade que, atualizada, seria positiva. Nesse caso, o valor, chamado indevidamente negativo, é considerado como posicional formalmente, não porém nesta ou naquela tensão. O que dá valor positivo não é a ausência pura e simples, mas a positividade do valor que não ocorreu na tensão em foco.

Vejamos um exemplo eloqüente dessa confusão, que nos é apresentado por Kierkegaard.

"*Quanto mais negativamente nos for dada uma prova, melhor é ela, pois o negativo supera o positivo; é ele infinito, e conseqüentemente é excludente do positivo*".

Mas, que considera Kierkegaard como infinito? Em sua obra, vê-se logo que o infinito, para ele, é o ser. Ora, o ser é a verdadeira positividade. O positivo de que ele fala é finito. E infinito para Kierkegaard é o negativo. Dessa forma, inverte os papéis, o que aliás é comum entre os negativistas, que chegam a dar positividade, eficacidade ao nada, que passa, assim, para a categoria de ser.

Até aqui há apenas escamoteamento, pois está sendo pensado apenas como opositivo ao que não o priva de positividade, de ser.

Estamos em face de verdadeiras acrobacias de palavras, mas não saímos do caráter positivo do valor indevidamente chamado negativo.

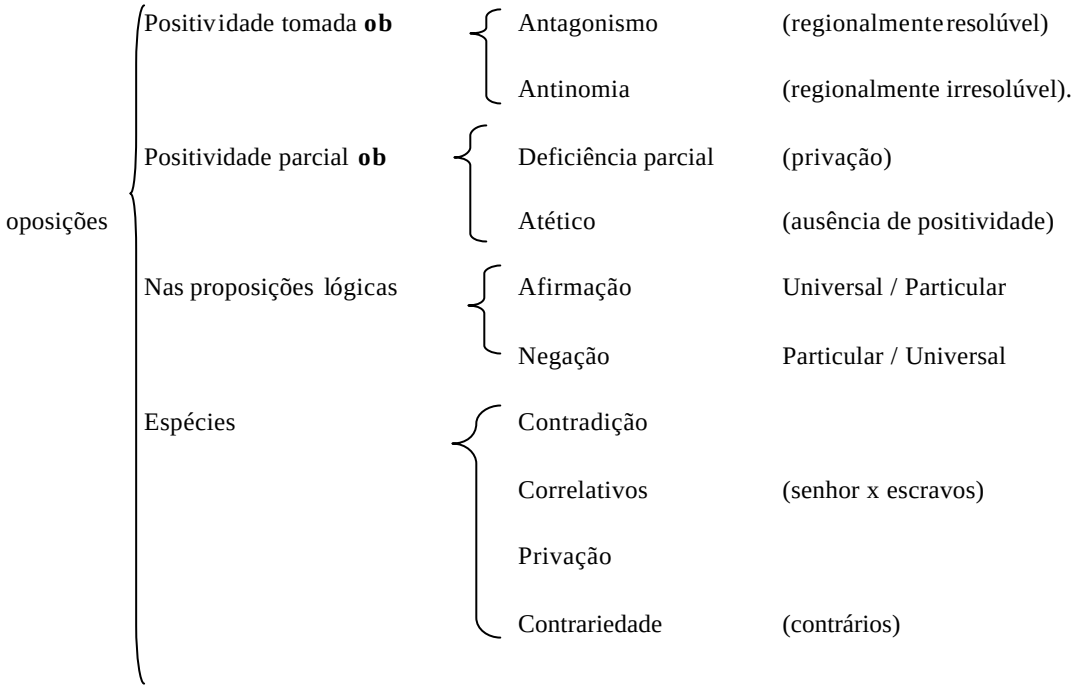
Desde que compreendamos que o juízo negativo não é privado de posicionalidade (pois o espírito humano apenas afirma, porque é ativo e toda atividade é afirmação), mas que é um juízo que recusa a presença atual ou possível, numa tensão, qualquer que seja sua classe, logo compreendemos a positividade desse juízo, sem a necessidade de lançar mão de conceitos esvaziados abstratamente para compreendermos o processo do devir.

A trama dos antagonismos e das antinomias nos oferece a explicação clara desses verbalismos, que precisamos substituir por positividades – pois toda concreção é positividade – sob pena de nos perdermos na divagação de esquemas abstratos, inanes, que, na realidade, como já vimos, para serem construídos, exigem a positividade, que é apenas recusada formalmente.

Nós temos consciência de uma oposição. E quando tomamos conhecimento desses opostos, consideramos indevidamente um como positivo e outro como negativo, quando, na verdade, é positivo. E é essa trama que nos permite construir o juízo negativo, o qual não exige uma presença apriorística da negação, nem é precedido por um ato de negação, como o querem fazer os hipostasiadores do nada. É ele apenas uma afirmação, ato de afirmação da recusa em uma tensão do que constitui a heterogeneidade da outra. Portanto, essa atividade "negadora" é afirmadora.

E outro não é o proceder da matemática, quando trata de números negativos, que são positividades **ob** a outros, daí; a possibilidade de mudanças dos sinais.

Antes das demonstrações, sintetizamos algumas das oposições dialéticas. As oposições se dão:



Essas oposições foram por nós estudadas em Lógica e Dialética e mereceram outros exames em Métodos Lógicos e Dialéticos.

A trama do positivo e do opositivo corresponde, pois, ao próprio fato de compreender: é a condição universal da consciência de uma oposição.

O posto é **não ao posto**, como posição inversa, e negativa apenas como **ob** (formal), e não como vazio de.

O ato afirmativo de recusa, que chamam de ato negativo, é posterior e não anterior à oposicionalidade – é esta que gera atividade "negativa" do espírito, e não o inverso. Escrevemos sob aspas, porque toda atividade é positiva.

Assim, toda compreensão é dominada pelas polaridades do positivo e do opositivo. O conhecimento não é separável da ação de conhecer, e, nessa ação, há bipolaridade accional (o que nos é revelado pelo gama da atividade psicológica de adaptação, através da polaridade de acomodação e da assimilação, virtualizações e atualizações, que formam a complexidade do conhecer).

Dessa forma, não há necessidade de refutar-se Parmênides, cuja concepção do ser e repulsa à idéia

do não-ser está implicada na própria concreção. O erro foi formalizar
Parmênides. Nós o reivindicamos, como elemento construtor de uma visão tensional do universo, graças à dialética. Também outras reivindicações virão. . .

TESE 77 - O valor é a revelação gradativa do ser.

O valor não pode deixar de ser um ser, já o mostramos. Ontologicamente, o valor é ser. O ser é o suporte, o subsistente. O valor é o ser, quando dinamicamente considerado; é profundamente identificado no ser.

Distinguindo os planos do ser, distinguimos os planos do valor:

1) Plano divino do Ser - Valor divino da perfeição, Valor sem escalaridade. Valor teologicamente considerado. Medida de perfeição de todos os valores. Deus, como medida de todas as coisas, é tema teológico da medida qualitativa, pois as qualidades medem-se por suas perfeições específicas. É o valor de eternidade.

2) Plano ontológico do Ser - Valor invariante como suporte de todos os valores.

3) Plano ôntico do Ser - Valor dos entes enquanto tais, valor para si mesmos (*an sich*), e valor para os outros (*für anders*) invariante - Valor variante do processo do devir. Valor assistencial (relacional, que serve de fundamento ao relativismo dos valores, enquanto os dois primeiros servem de fundamento ao realismo dos valores).

4) No plano humano - Valor assistencial do relacionamento dos entes para nós, e captação dos valores dos outros planos.

* * *

O existencialismo afirma que a essência é posterior à existência, em contraposição à afirmativa essencialista, que é contrária. A existência, onticamente prefixada, é símbolo de essência, que pertence ao simbolizado, mas, por sua vez, símbolo do simbolizado, que é eternidade, que não simboliza, mas permite simbolizações.

O valor não é a essência das coisas apenas, nem a essência é valor apenas.

A essência é valor e valor é também essência. O valor, portanto, predica-se à essência como à existência, mas esta pode obter um suprimento de valor ao atualizar suas possibilidades, como a liberdade, o querer, etc. Esse suprimento é apenas o valor que revelam tais possibilidades ao se tornarem atuais, que, por isso, atualizam também o seu valor. Vê-se, pois, claramente que o valor não se separa do ser.

O valor encontra no ser sua fonte, porque todo ser é valor e todo valor, ser. O valor revela o dinamismo do ser imutável como ser, mas mutável como o ser em todos os relacionamentos dos entes.

O valor é a revelação do dinamismo do ser, repetimos. O valor é a "vida" do ser. Não é abandonando o ser que encontraremos o valor; é alcançando-o que alcançamos aquele, e os graus de ser, os modos de ser, revelam-nos os graus do valor e os seus modos.

O movimento do ser é o valor, o seu dinamismo também o é.

"Enquanto um ser não possui o bem, ele quer outra coisa que ele não é, desde que ele o possui, quer ser o que é... Sua essência não está fora da sua vontade. Por ela, ele se determina, por ela ele se pertence. É por ela que cada ser se faz e se determina". Estas palavras de Plotino são sugestivas.

O ser ônticamente considerado não possui o bem de uma perfeição específica. Quer o bem que não é. E se o possui, se o alcança, quer ser o que é. Quem encontra o seu bem, deseja conservá-lo. Enquanto não o tem, anela tê-lo. Alcançado, conserva-o. É um valor que busca outro valor. E nessa busca, tudo quanto o favorece, é um valor positivo; tudo quanto o obstaculiza, é demoníaco, opositivo. Alcançando-o, completa-se. Quer permanecer de posse desse valor que valoriza o seu valor ôntico. Mas, esse querer vem dele, esse anelar vem dele; é a voz do seu bem que clama por afastar os obstáculos.

A vontade é o bem em dinamismo, e se se desvia do seu verdadeiro bem é porque a falseamos.

O ente é uma unidade. Mas, que faz unidade do ente senão o ato? O ato é a essência do ser do valor que nele se identificam.

O valor é um transcendental que revela o poder do ser.

O valor tem um valor. O valor é ser e o ser tem o ser, por isso, o valor tem um valor. Participamos do ser, quando participamos do seu dinamismo, por isso, o valor é o mediador de nossa participação com o ser.

Pela preferência, fazemos uma análise do valor, como pelo conhecimento, fazemos uma análise do ser.

Pelos nossos meios intelectuais, esboçamos estruturalmente a forma dos objetos: pelas nossas preferências, esboçamos estruturalmente a forma do valor.

Estimamos porque comparamos valores, pois estimar (de timós) é avaliar valores ao compará-las com outros. Eis por que os valores são comparativos, são superlativos, são conhecedores de graus, e, portanto, se hierarquizam, e se instalam em escalas de valores móveis.

E apreciamos um valor quando avaliamos o valor do valor; mas, para tal, é necessário pô-lo em funcção de uma escala completa de valores, momentânea ou estável, não importa.

Valoramos, estimamos, apreciamos, comparamos valores. Verificamos diferenças entre eles, que ainda são valores. Valorizamos e desvalorizamos valores.

Portanto, o valor é um transcendental, pois o predicamos de todos os seres. *É* o ser dinamicamente considerado, é o ser em sua pujança. O valor não se separa do ser, apenas dele se distingue, como os entes, que embora se separem uns dos outros, enquanto são seres, apenas se distinguem.

O valor é o modo dinâmico do ser do ser. Por que criar um novo dualismo, quando uma visão concreta do ser e do valor nos permite ter uma noção clara de todas as dificuldades que o valor apresenta?

E, ademais, não aproveita nossa concepção todas as afirmações concretas sobre o valor, desde a dos realistas, a dos nominalistas e a dos conceptualistas, para construir uma visão concreta dialética, que reúne, em vez de separar.

Não cooperam os diversos valores, que os entes revelam, para uma visão global do próprio ser, rico agora de todos eles, porque nele há todo o valor infinitamente, porque nele estão todos os valores que foram, que são e que poderão ou poderiam ser?

TESE 78 - Os valores também se evidenciam na ordem dos fatores emergentes e predisponentes.

Busquemos, primeiramente, colocar o valor em face dos fatores, segundo a classificação decadialética. Considerando os fatores emergentes, temos bionomicamente a colocação do valor em toda a atividade e no processo vital. Fisiologicamente, há atos que revelam preferências, e a vida é um constante valorar, em nós, como o é em todos os seres vivos. Fisiologicamente, preferimos isto, preterimos

aquilo. Agimos, no sensório-motriz, em atos de valoração que são demasiadamente evidentes, sem que, naturalmente, se revelem, quando se dão, conscientemente para nós. Podemos nada saber intelectualmente dos valores, mas, sensorialmente, sabemos. E nos fatores psicológicos também o nosso espírito funciona por valorações e valorizações, quer de ordem afetiva (desejos), quer de ordem intelectual (juízos operatórios).

Emergentemente, temos todas as manifestações da desirabilidade, pois todos os valores são objetos de um desejo, pelo menos.

Nos fatores predisponentes, tanto os ecológicos como os histórico-sociais afirmam valores em seu atuar, quer ante nós mesmos, quer ante o mundo circundante. E tudo quanto superestruturalmente realizamos, é sempre símbolo dos nossos valores.

Todas as realizações humanas são um apontar para os valores que consideramos, quer com consciência deles, quer não.

Todos os fatos são valores ou desvalores para nós. E se somos forçados a pensar no desvalor, não se deve ver neste, uma ausência de valor, como se algum ser não o tivesse, mas, apenas ver, num determinado ser, ausência do valor desejado e a presença de um valor opositivo, que é um desvalor para nós, mas, por sua vez, um valor positivo para outro ser.

Se meditarmos que todo existente, corporeamente considerado, é portador de valores e desvalores, desejáveis segundo os relacionamentos com outros seres, compreendemos a presença de valores positivos e opositivos, que o são inversamente para outros seres.

Uma idéia, enquanto formal, pode não oferecer valores opositivos. Os esquemas, que formamos de bondade, de perfeição, excluem desvalores, excluem o opositivo. Mas não nos esqueçamos que, aqui, são esquemas abstrato-noéticos. Os esquemas concretos, como formas que têm um **arithmós**, um número, no sentido pitagórico, têm a presença contemporânea do valor-desvalor. Essas afirmações são demonstradas nas teses que se seguem.

TESE 79 - A ausência de um valor opositivo é um valor positivo.

Tudo que ao desejante lhe obstaculiza a posse ou domínio do desejado lhe é oposto e vale como oposição. A ausência de um posto, o qual é um valor, mas desvalor para o desejante, e facilita a este a posse do desejado, conseqüentemente essa ausência do obstáculo, apresenta-se como um valor positivo.

A ausência não é um nada puro, absoluto, mas um nada relativo. Em Filosofia Concreta, demonstramos que o nada relativo tem positividade. É essa positividade que dá a base positiva ao valor da ausência.

TESE 80 - A ausência de um valor negativo é um valor positivo.

O valor negativo é evidenciado pela ausência de um valor positivo. A ausência deste é a afirmação da presença daquele. Portanto, essa ausência é o apontar de um valor positivo, e tem ela um valor positivo, porque a presença de tal é já um valor.

TESE 81 - Sendo o Ser Supremo o supremo ser, é também o bem (valor) supremo e o supremo bem (valor).

Provamos por outras vias.

Que o Ser Supremo é o supremo ser, já o demonstramos apoditicamente em Filosofia Concreta, e também nesta obra. Que é o bem supremo e o supremo bem, portanto o supremo valor e o valor supremo, é uma decorrência do que já ficou demonstrado. O valor ou é um ser ou é nada, pois, não há meio termo entre ser e nada, como já foi provado. Sendo, ademais, o ser valor e o valor ser, o Ser Supremo é o ser supremamente valioso. E como o valor é ser, é ele o supremo valor. Conseqüentemente, o Ser Supremo é o Supremo valor. Ambos se identificam.

Ross em “Plato's Theory of Ideas” (pág. 43) acusa Platão de afirmar que Deus é o “the supremely good being” mas que não é ele “goodness”. Neste caso, Deus participaria da bondade e não seria bondade. Neste caso, ela seria, então, superior ao Ser Supremo, que é o supremo ser. Ora, a bondade ou é nada ou é ser. Sendo ser, identifica-se com o Ser Supremo, porque ela é a Suprema bondade (valor). E essa afirmativa é do pensamento platônico, o que Ross não percebeu.

TESE 82 - Por não haver meio termo entre ser e nada, o valor ou é ser ou é nada.

Prova-se ainda por esta via. Já ficou demonstrado que não há meio termo entre ser e nada, pois o nada relativo é positivo e aponta ao ser, como já demonstramos em Filosofia Concreta. O valor, por

conseguinte, se vale, como o quer Lotze, valer é um modo de ser ou seria nada. Ora, o valor, quer tomado subjetiva, quer objetivamente, é alguma coisa e não nada. Conseqüentemente, é ser. Caracterizar, ontologicamente, o ser do valor, é o que cabe à Axiologia. Desligá-lo do ser, é reduzi-lo a uma abstração inane.

TESE83 - Há uma hierarquia nos valores em si, para si e para outrem.

Ratificando as provas anteriores, podemos propor a que segue:

O valor da coisa-em-si é dado pela participação desta ao valor eminentemente considerado. A medida do valor-em-si obedece ao mesmo cânone da medida qualitativa. Assim, como esta se mede pela perfeição específica, pois o verde este é mais ou menos verde, segundo a perfeição específica do verde, do qual não temos uma posse atual, mas apenas virtual, o valor de participação de mede pela perfeição infinitamente considerada em sua espécie. Ora, como há graus de participação, há graus de valor. Portanto, os valores das coisas, considerados em si, são, de certo modo, unívocos aos valores de perfeição, de eminência. Como a coisa é participante, em grau maior ou menor, da perfeição, seu valor, para si, é também gradativo. Deste modo, os valores-em-si oferecem uma hierarquia, pois há valores que valem mais que outros, quando considerados em si. Como há hierarquia de seres, há hierarquia de valores. E, para-si, os valores são também hierárquicos. Os valores para outrem apresentam evidente hierarquia, mais fácil de captar.

TESE 85 - As escalas de valores para-outrem encontram uma justificativa de ordem ontológica, e, sobretudo, de ordem afetiva.

Se uma escala de valores-em-si obedece à hierarquia ontológica, como já o demonstramos, o mesmo nem sempre se verifica quanto à escala dos valores-para-si e para-outrem. Demonstramos que essas escalas dependem de graus de apetibilidade, o que é sujeito a variações. Ora, essas variações decorrem do interesse do apetente, como já demonstramos. Conseqüentemente, a hierarquia desses valores nem sempre obedece a uma ordem ontológica, a qual é invariante, mas, à variabilidade decorrente dos graus de apetibilidade dos entes.

TESE 86 - Nas escalas variantes de valor, há valorizações e desvalorizações dos valores.

Se a escala ontológica de valores é invariante, a variabilidade, nas escalas ônticas de valores, está relacionada ao apetente e ao apetecido. E os valores assumem um grau hierárquico superior ou inferior, porque tomaram ante o apetente um grau de desirabilidade maior ou menor. Conseqüentemente, tais valores são valorados superiormente, ou seja, super-valorados, ou valorados inferiormente, ou sejam, hipovalorados. Já demonstramos que os valores são, por sua vez, objetos de valorações. São tais valorações que estabelecem a hierarquia variante dos valores. No campo antropológico, as escalas de valores processam-se por essas valorações.

* * *

TESE 87 - Os valores têm um valor em si e para outrem.

Se os valores são objetos de valorações, super ou hipovalorações, são eles, por sua vez, valores de valores. E é evidente essa situação, porque os valores valem em si mesmos, dentro de uma hierarquia ontológica, como já vimos. Mas, o valor, porque é tal, vale, e o seu valer é um afirmar o valor e, conseqüentemente, é valor. No campo antropológico, ao estabelecer-se um valor, hierarquicamente este, por ser valorado, vale pela posição que ocupa. Recebe, assim, suprimento de valor que se acrescenta ao valor-em-si. Esse
suprimento de valor, que recebe o valor-em-si, é proporcionado ao valor para-outrem, ou seja: é proporcionado ao grau de desirabilidade que oferece para outrem. Mais uma vez se revela para nós que o valor provoca uma apreciação contínua, quando examinado analiticamente, pois, ao estabelecer-se um valor, valoramos o valor, valorizando-o ou desvalorizando-o, dando-lhe um novo valor, o qual, por sua vez, por receber um valor, por valer mais, vale mais, e assim sucessivamente. Nunca se esgota a análise valorativa, como nunca se esgota o ser na análise, como matematicamente se pode verificar. Ademais, esse fato robustece, por outras vias, a tese de que o valor é um manifestar do ser, cujo enunciado mais claro, e cujas provas mais decisivas serão apresentadas oportunamente.

* * *

TESE 88 - Há uma pluralidade de valores.

Demonstrado que todo ser é valor, e todo valor é ser, às polaridades do ser corresponderiam polaridades dos valores. Como demonstramos em Filosofia Concreta, o ser finito, no seu atuar, implica a polaridade, pois implica dinamicamente oposições. Portanto, há polaridade de valores. Mas, dessa afirmação, ainda não decorre apoditicamente que haja, sempre e necessariamente, polaridade de valores. Sabemos que, na Axiologia, predomina a aceitação da polaridade constante dos valores. Seguindo, porém, os métodos da filosofia concreta, agora aplicada ao campo axiológico, necessitamos de certas providências, antes de uma afirmação categórica sobre o assunto. Demonstra-nos a filosofia concreta, que o Ser Supremo é o supremo valor, como já o demonstramos, e que a esse valor não corresponde polarmente outro. O valor da finitude não é polarmente o contrário do valor da infinitude, pois, aquele deste participa, pois é apenas o valor de grau intensistamente menor, não porém, o contrário. Ao Bem Supremo, não corresponde o mal supremo, pois o mal, sendo, ou grau escalar menor de bem, ou privação dele, nunca atingiria a absoluta privação de tudo, pois tal seria afirmar o nada absoluto, o que demonstramos ser absurdo. Já temos, portanto, o primeiro exemplo de um valor que não sofre polaridade. Partindo ainda do postulado demonstrado, que ser é valor, e valor é ser, se permanecermos dentro da classificação dos conceitos aristotélicos, verificamos que a forma e a substância não têm contrários, como demonstrou Aristóteles no Organon. Ora, a forma e a substância são também valores, aos quais não correspondem valores contrários polares.

Não há a forma contrária do cavalo, o anti-cavalo. Prosseguindo no exame das outras categorias, e podemos exemplificar com a qualidade, a esta corresponde contrários polares. Mas, se bem as examinarmos, graças às atuais contribuições da ciência moderna, verificamos que algumas qualidades contrárias representam graus intensistamente menores da positividade qualitativa, e pertencem à mesma espécie, como já o afirmavam os antigos.

Assim, o frio não é o diverso do calor, mas um grau intensistamente menor do calor, em relação a uma média estabelecida. Estando excluída a privação absoluta, o contrário de um valor seria a ausência total desse valor; portanto, a ausência total de ser isto ou aquilo. Neste caso, o valor ou seria um nada absoluto, o que é absurdo, ou seria um nada relativo. Sendo tal, um desvalor polar ao valor constituir-se-ia apenas na não-presença de uma positividade. O contrário do valor seria, então, o desvalor de algo por não ser portador de uma determinada perfeição. Mesmo, assim, o valor polar, tomado de modo absoluto, seria absurdo, pois seria nada, absolutamente nada.

A polaridade dos valores só pode ser relativa e não absoluta, *secundum quid* e não *simpliciter*, como diriam os escolásticos. Conseqüentemente, não é da essência dos valores a polaridade, mas, estes são

tomados polarmente, segundo o grau de desirabilidade, ou não que oferecem ao apetente. Deste modo, dentro da esquemática da filosofia concreta, excluímos a polaridade da essência do valor, para considerá-lo apenas quanto ao qualitativo. Poderíamos, ainda, aportar inúmeras outras provas em favor da nossa tese, mas, cremos que uma cuidadosa meditação por parte de quem nos lê, é suficiente para reunir elementos que corroborem a posição que tomamos. Bastaria meditar sobre qualquer valor, buscando o valor polar correspondente. Desde logo, verificar-se-ia que o valor contrário é apenas um grau intensistamente menor do valor tomado ontologicamente, pois, se não o é, seria ausente totalmente de qualquer ser, o que o identificaria com o nada absoluto, o qual, por ser absurdo, tornaria absurdo aquele. Demonstra-se, assim, que a polaridade dos valores é apenas relativa e não absoluta, pois a oposição fundamental, no ser, que estudamos em Filosofia Concreta, como a que se dá entre determinante e determinado, não é absoluta, porque instalaria a crise entre os opostos fundamentais. Naquela obra, demonstramos que os opostos estão analogados na substância universal. E é esta situação que impede uma visão extremada da polarização dos valores.

* * *

TESE 89 - Os valores negativos (desvalores) surgem da ausência relativa do valor real.

É uma decorrência das demonstrações feitas até aqui, já que é impossível uma ausência absoluta, pois esta se identificaria como o nada absoluto, o qual é impossível. Os valores negativos revelam a ausência de um valor real, assim o horrível revela a ausência de beleza, e a presença de aspectos opostos ao belo. Mas, como o que é horrível é ser, e o ser, considerado em si, é belo, como o demonstramos na Estética, o horrível é a ausência excessiva de um grau de beleza e de harmonia, e não a total e absoluta ausência das mesmas. Assim, quanto ao mal, quanto ao feio, etc.

* * *

TESE 90 - Na hierarquia dos valores, estes são apresentados polarmente.

Demonstrado que a polaridade dos valores é relativa (*secundum quid*), a posição hierárquica de um valor implica os seus graus. Demonstra-se da seguinte maneira:

O ser absolutamente perfeito é o Ser Supremo, que é supremo ser. Nele, não há graus maiores ou menores porque ele é o ser em grau intensistamente máximo.

Nos seres finitos, que são seres de participação, o grau ontológico é dado pelo grau da participação. Conseqüentemente, o seu valor-em-si é proporcional ao grau ontológico. Todas as perfeições estão em grau eminentemente máximo no Ser Supremo, e em grau relativo, segundo a participação, nos seres finitos.

Assim, o Ser Supremo é o absoluto poder; os seres finitos são mais ou menos poderosos, segundo o grau de participação que tenham desse poder.

Tomando o ente finito como ponto de partida e de referência, tudo quanto lhe é desejável para o seu bem é um valor polarmente positivo, e tudo quanto lhe é prejudicial o inadequado, inconveniente para o seu bem, é um valor polarmente oposto. Esta condição contribui para o estabelecimento da polaridade dos valores.

(*no original, faltam as teses de 91 a 94, inclusive)*

TESE 95 - O valor é valor na proporção da sua semelhança à perfeição do ser.

Demonstramos que o ser vale proporcionadamente à sua participação ontológica. Ora, todo o ente é um valor enquanto considerado em si. Enquanto considerada a sua participação a uma perfeição do ser, tem esse valor-em-si um outro valor, o qual é dado por essa proporção. Todas as coisas participam de uma perfeição e essa participação nos é revelada pela proporção em que são isso ou aquilo; portanto, todas as coisas são valores.

TESE - 96 - O valor, de certo modo, converte-se com o ser.

Demonstramos, em Filosofia Concreta, que os conceitos transcendentais são convertíveis com o ser. Assim: unidade e ser, alguma coisa e ser (aliquid e ser) e também valor e ser se convertem, como já adiantamos. Tais conversões devem, contudo, ser examinadas cuidadosamente, pois revelam características que não devem ser desmerecidas. O valor converte-se com o ente, mas o valor é formalmente distinto do ser. Se digo *valor*, digo, de certo modo, ser, como, se digo ser, digo, de certo modo, valor, mas o conteúdo formal, o conteúdo eidético de valor, distingue-se do conteúdo eidético de ser, por distinção formal.

O valor converte-se com o ser como o valor *in re* (**an sichsein**). Ou como o diz Tomás de Aquino: o valor e o ser e outros transcendentais convertem-se uns com os outros, segundo os supósitos, não segundo a razão (ou seja, segundo aquilo sobre o gual eles se sustentam). O supósito do Ser Supremo é o mesmo do valor supremo, embora a razão (formalmente considerada) de uma seja distinta da razão do outro.

TESE 97 – O valor tem razão de causa final.

Todo o ser, em seu processar ativo e passivo, tende para algo. Já demonstramos na Filosofia Concreta, que não há um tender para o nada absoluto. Portanto, para o que o ser tende é um ser, embora lhe seja contrário.

Conseqüentemente, a meta de todo tender é alguma coisa e um valor. O tender do ente tem assim uma razão, pois, o que vem a ser, está realmente conexionado com o que para ele tem valor, do contrário haveria rupturas absolutas entre os seres, o que já demonstramos ser absurdo. Se um ser tende para algo, é que esse algo já está previamente relacionado realmente com ele. Há, assim, um nexo de realidade entre o que é e o que virá-a-ser. Considerado deste modo, o valor tem razão de causa final.

COROLARIOS: Toda a criatura é um bem particular (valor positivo); o Ser Supremo é um valor positivo universal (*Deus est summum bonum*).

O valor pressupõe algo (*aliquid*) e algo pressupõe unidade; unidade pressupõe forma, pela qual o ser é, e esta pressupõe o ser. Todo ser é valor, *et e converso*.

TESE 98 - A matéria é valor *simpliciter*; o ente, valor *secundum quid*.

A matéria, enquanto tal, é um bem positivo e absoluto porque é, em si, um valor-em-si. Deste modo, a matéria deste ou daquele ente, enquanto matéria, é um valor simpliciter. Foi o que demonstramos em Filosofia Concreta. No entanto, este ou aquele ente é especificamente distinto. Neste caso, o valor do ente é proporcionado à sua espécie; é, pois, secundum quid.

TESE 99 - Os números e as formas são valores simpliciter.

Os números e as formas, enquanto eide (eidéticas), não são separados do ser e, como tais, a sua unidade é meramente formal e formalmente se distinguem. Distinguem-se segundo a forma, e não segundo o suppositum, como já o mostramos.

Para um ser valer para nós, é mister que seja separado secundum esse (enquanto ser). O três e o quatro, enquanto tais, não valem para nós, valem-em-si. Para que o três e o quatro valessem para nós, precisariam dar-se separados secundum esse, pois então seriam apetecíveis. Três maçãs, enquanto três, valem para nós porque elas, enquanto três, estão separadas da forma secundum esse (como seres).

TESE 100 - O valor, o verdadeiro (verum), o um e o ser, como transcendentais, só têm contrários quando fundados no ente finito.

Os conceitos transcendentais, na ordem do Ser Supremo, não se distinguem quanto ao suppositum, mas apenas, formalmente, como demonstramos.

Nos entes finitos, tais transcendentais têm graus porque são análogos, são participados. Nestes, para outros, polarizam-se em contrários. Ora, o ente não se funda no nada e, sim, no ser. Conseqüentemente, tais contrários se fundam num ser e não no nada, o que demonstra a tese.

* * *

TESE 101 - O valor-em-si tem sua razão na verdade.

A verdade de um ser apresenta-se como-em-si e como para-outro. A verdade-em-si de um ente é a verdade ontológica, por nós já estudada em Teoria do Conhecimento e Filosofia Concreta. O ser este ou aquele, em si, é verdadeiro. Valor-em-si e verdade-em-si se incluem mutuamente no suppositum, embora se distingam formalmente. Considerado em si, ontologicamente, é a sua adequação como exemplar a um **exemplatum**. A verdade deste ente a como exemplar é a sua adequação à espécie **A**

(**exemplatum**).

Conseqüentemente, a verdade de um ser é proporcionada a esta adequação, o que demonstra a tese de que o valor-em-si tem sua razão na verdade.

* * *

TESE 102 - O valor é captado em primeiro lugar pela razão prática.

Entende-se por razão prática aquela que determina a vontade segundo a lei moral (prática). O primeiro valor captado pelo ser humano é aquele que o é pela razão pratica, isto é, correspondentemente à conveniência do apetente.

O valor ontológico, em-si, só o é posteriormente pela razão pura. O que cai na apreensão da razão prática, em primeiro lugar, é o valor da coisa, segundo a sua correspondência à apetência do valorante.

* * *

TESE 103 - O valor para o apetente é mais poderoso do que o desvalor.

Demonstração desta tese decorre do que já foi examinado. E dela, como das anteriormente feitas, nesta obra e em Filosofia Concreta, seguem-se os corolários abaixo:

COROLÁRIOS:

1) O Bem Supremo é causa de toda entidade. Conseqüentemente, não pode existir um sentido oposto a ele, que seja a causa dos males.

2) Não há um primeiro princípio do mal, mas há um primeiro princípio do bem.

3) O primeiro princípio do bem é bom por essência.

4) Nenhum ser pode ser mau por sua própria essência.

5) O mal só existe no bem, como em sujeito. O primeiro princípio do bem é o bem supremo. Não pode haver um mal supremo.

6) Por mais que diminua o bem, nunca pode alcançar a total consumição.

7) No ente, por maior mal, sempre permanece algo de bem.

8) O mal integral seria o nada absoluto, porque seria a destruição de todo e qualquer bem.

9) A supressão de todo bem, como o exigiria o mal integral seria a supressão deste, pois lhe é necessário, como suppositum, o bem.

10) O mal é causado pelo bem, portanto não poderia aquele ser princípio de ser.

11) Não sendo o mal essencial, sua causa é acidental, portanto, não é causa primeira, já que toda causa acidental é posterior a outra que opera por si mesma, como se demonstrou em Filosofia Concreta. Portanto, é sem fundamento aceitar-se dois princípios: um bom e outro mau.

12) O valor de uma natureza em si não deve ser considerada na sua relação a outro ente particular. O fogo em si é um bem, e mal para outro.

13) A contrariedade das causas não é principal.

14) Os contrários convêm em algo que lhes é comum. Há, assim, uma causa única comum, acima das causas próprias contrárias.

15) Os contrários convém a um gênero comum e, ademais, na razão de ser.

16) As causas particulares contrárias decorrem de uma só causa primeira comum.

17) O mal, como privação de bem, opõe-se apenas a um bem híbrido de ato e potência, não ao Supremo Bem, que é ato puro.

18) A forma é uma perfeição e a privação dela é um afastamento desta. Conseqüentemente, o valor se entende por aproximação a um termo perfeito, enquanto a privação e o mal (desvalor) entendem-se por afastamento do termo.

19) O mal não se diz por aproximação a um supremo mal. Mas, o bom e o melhor se diz por

aproximação a um Supremo bem.

20) Nenhum ser se denomina mal por participação, mas por privação de participação.

21) O mal provém de uma causa boa indiretamente.

TESE 104 - A carência é um mal (desvalor) quando é devida.

A ausência de uma perfeição não devida à natureza de uma coisa não é um desvalor. O não ter olhos a árvore, não lhe é desvalor, nem um mal. O não ter olhos um homem é um desvalor (um mal), porque estes são devidos à sua natureza.

TESE 105 - O bem é naturalmente anterior ao mal.

Sendo o mal, como já o demonstramos, a ausência do bem, ou um grau intensista menor deste, o bem é, conseqüentemente, anterior ao mal, ôntica e ontologicamente anterior.

TESE 106 - Só um bem deficiente pode ser uma causa do mal.

O nada não pode ser causa do mal, porque o nada absoluto é absurdo. Conseqüentemente, a causa do mal só o pode ser um ente deficiente, no qual se ausenta um grau de perfeição ou uma perfeição. Portanto, a causa do mal só pode ser um bem deficiente. Um bem não-deficiente "é o Supremo Bem (*summum bonum*). Ora, este não é causa do mal. O ser deficiente não é, de per si, um mal, pois, como vimos, não é um mal a árvore não ter olhos. Mas, como o ser participante é um ser deficiente, só este padece de uma deficiência, e só este poderia ser causa do mal.

TESE 107 - Há um Supremo Bem, e não um Supremo Mal.

A tese é corroborada pelo que até aqui foi demonstrado. Não há dúvida quanto à existência de um Supremo Bem. O Supremo Mal (*summum malum*) é um ente ficcional do homem, pois, por ser absolutamente deficiente aniquilaria a si mesmo.

TESE 108 - Nenhum ente finito é bom por essência.

Pelo que um ente o fosse por essência, nele essência e existência se identificariam, e nenhum acidente lhe deveria suceder, pois já seria plenamente tudo quanto é. Ora, nenhum ser finito apresenta tais perfeições, a não ser o Ser Supremo. Portanto, só este é bom por essência.

Nenhum ser finito apresenta tais perfeições, a não ser o Ser Supremo. Portanto, só este é bom por essência.

A bondade do ser finito é proporcionada ao ser que é e tem. Nas suas diversas manifestações, revela a gradatividade de sua bondade.

TESE 109 - Toda a criatura pode ser melhor.

É uma conseqüência das teses demonstradas, pois nenhuma criatura, que é um ser finito, atinge a máxima perfeição, podendo, portanto, ser melhor.

TESE 110 - O homem, por sua natureza, tende para o bem.

A natureza não alcança a totalidade da perfeição. Ela busca mais, o melhor, seu bem.

TESE 111 - O desejo é fonte do valor-para-outro.

Mas, o desejado tem algo desejável proporcionado ao desejo do desejante. Estamos, aqui, em face de um aspecto positivo da tese dos economistas, como Adam Smith, salvante, no entanto, certas diferenças. O valor de uso, na coisa, é um valor-para-outro. Mas, esse valor o é tal, se corresponde ao desejo do desejante; se é desejável. E é desejável porque algo tem, valor-em-si, já que tudo quanto é vale, e, tudo quanto vale, é. Só tem, portanto, real valor de uso o que corresponde à desirabilidade do desejante.

TESE 112 - A vontade é sempre uma vontade de valor.

Na vontade, pode-se distinguir o ímpeto volitivo e a escolha. Tanto num, como noutro, há uma revelação de desejo e de valor. Conseqüentemente, a vontade é sempre vontade de valor.

TESE 113 - A desirabilidade não é a fonte única do valor, mas de valores.

Diz Ehrenfels que "A grandeza do valor é proporcional à sua desirabilidade". Esta é também a tese dos economistas, como Adam Smith, pois, para eles, o desejo é a fonte do valor. A posição empirista também aceita essa tese. Mas, na verdade, ela cinge-se à visualização subjetiva dos valores, que é unilateral e, conseqüentemente, abstrata. O valor não pode ser reduzido apenas ao campo antropológico ou ao biológico, senão o valor reduzir-se-ia a uma mera relação. Se o desejo é fonte de valores, não é a única fonte deles. Se a desirabilidade pode estabelecer graus de valor, as coisas valem em si algo para que as torne desejáveis.

Reduzir o valor apenas ao campo da vontade, é também outra maneira parcial de visualizar o valor, reduzindo-o ao campo antropológico.

TESE 115 - O prazer não é a meta do desejo.

É o prazer o fim, a meta, do desejo? Ou é o término do desejo?

Inegavelmente, o desejo dá um valor e revela um valor, porque tende para o desejável do desejado, e alcança seu momento climáxico na plena posse do mesmo. O prazer
revela-se no desabrochamento do final do desejo que se satisfaz. O prazer tem, assim, um valor. Não é o prazer a meta do desejo, mas o prazer surge ao alcançar o desejo a sua meta, que é a posse do desejável. O prazer testemunha que o desejo alcançou a sua meta; é o sinal pleno da satisfação. Conseqüentemente, o prazer não é a meta real do desejo, pois apenas acompanha a posse do desejável. Contudo, um ser anelante de um desejável pode atualizar apenas o desejo do prazer que a posse e fruição do desejado lhe oferece.

TESE 116 - O intervalo entre o sujeito e o objeto indica um valor.

Sujeito e objeto são, na verdade, correlativos, pois o sujeito é sujeito do objeto, e este, objeto do sujeito. Entre o sujeito e o objeto, há um intervalo, que o sujeito busca superar na captação plena do objeto, quer no campo biológico, quer no psicológico, quer no gnosiológico. Mas, esse intervalo indicia um valor possível de ser alcançado, o qual consiste na suplantação, pelo sujeito, deste intervalo. E não só, mas também em conseguir a ausência de tal intervalo, pela anulação da oposição entre sujeito o objeto. Assim, a captação fronética, em que o sujeito funde-se ao objeto, e este naquele, fazendo quase desaparecer a oposição, oferece um grande valor, e a vitória dessa oposição, um grande prazer. No grande amor, em que há fusão entre o amante e o amado, o prazer alcança um grau elevado. É também assim o prazer oferecido por todo desejo de vitória. Conseqüentemente, tudo quanto favorece a diminuição desse intervalo e dessa oposição tem, para nós, um grau de valor.

TESE 117 - Há, nos valores-para-nós, valores universais, particulares e individuais.

Há valores para nós que são universais; isto é, o são para todos nós. Há valores-para-nós, que o são para alguns de nós, e há valores-para-nós, que o são apenas para um de nós. Tal heterogeneidade dos valores é explicitada nas diversas escalas, e nos permite também compreender a variância das hierarquias.

Esses valores não se excluem. Porque, onde há valores-para alguns de nós, estes se incluem entre os valores para todos nós. Onde há valores apenas para um de nós, estes não excluem os valores para todos nós, nem os que pertencem a alguns de nós, entre os quais esteja esse algum de nós incluído.

TESE 118 - O valor mede o ser e o ser mede o valor.

Não é afastando-nos do ser que alcançamos o valor, porque valor é ser, como ser é valor.
A pergunta de se é o ser a medida do valor ou o valor a medida do ser, tem preocupado intensamente os axiólogos modernos. Decorre esse problema do exame da essência dos valores e do ser. Se a essência do valor é apenas ser, valor e ser não apenas se converteriam, como se identificariam. Mas, já mostramos haver uma distinção entre valor e ser, distinção sem separação física.

Se partimos do ser, o valor é a sua medida. Medimos um ser pelo valor que revela. Mas, se partimos do valor é o ser que é a sua medida, pois dizemos que um valor vale mais ou menos na proporção de ser que é.

TESE 119 - Pelo valor o homem busca a sua coincidência plena com o ser.

O ser humano sente-se, muitas vezes, entre estranho e familiar ao seu mundo. Não são poucas, porém, as vezes em que interroga a si mesmo se aqui não se encontra exilado, longe de sua verdadeira pátria. Há, ainda, em muitos, o desejo de não coincidir com este mundo. Mas, na verdade, é através do valor que o homem busca a sua coincidência total e plena com o ser. Sendo o valor uma medida de ser, alcançando os valores mais altos, sente o homem que alcança ao mais alto ser, como sabe que alcançaria o mais alto valor ao alcançar ao ser mais alto.

Encontramos este pathos em todas as religiões, bem como no mais elevado do pensamento especulativo. O ideal da bem-aventurança, do boddhi, da beatitude, que surge em todos os pensamentos religiosos do mundo, tem sempre esse sentido. É, em suma, a coincidência total e plena da criatura com o ser em sua suprema manifestação; é a imersão no absoluto. É o caminho, a via para tal meta. Assim, sentiu sempre o homem em todas as épocas, o que bem evidencia uma mais profunda consciência de que o valor é o caminho para encontrar a plenitude do ser.

TESE 120 - O valor procede do ser.

Um valor possível é ainda valor. Mas, é, pelo ato, que se realiza a unidade do ser e do valor, porque o valor possível atualiza-se no ser em ato. O valor existencializa-se assim pelo ato, portanto procede dele, não o ato daquele, pois, primeiramente, como o mostramos em Filosofia Concreta, há o ato, o qual tem valor. Ontologicamente, o conceito de valor é subordinado ao de ser, embora inseparáveis, mas distintos. O valor procede, portanto, do ato, não o ato do valor. Tem, assim, a sua origem no ser.

TESE 121 - É pelo valor que um ser participa do ser.

Na participação, um ser tem gradativamente a perfeição de que participa, que outro, o participado, a possui no grau mais elevado. A participação é, assim, dinâmica, e, por ser tal, é que ela se manifesta pelo valor. É pelo valor que um ser participa do ser, pois seu grau de valor lhe marcará seu grau de ser.

TESE 122 - Não há antinomia entre ser e valor.

A antinomia se dá entre duas ordens de ser ou entre duas entidades, quando elas seguem vetores diversos e irredutíveis um ao outro. Se o valor e o ser fossem assim, seriam antinômicos. Ora, já vimos que valor e ser se convertem no suppositum, mas distinguem-se ontologicamente. Se ser é valor e valor é ser, ser não é apenas valor, nem valor apenas ser. Na verdade, a direção vetorial do valor não é outra que a do ser, porque a gradatividade de ser é gradatividade do valor, a positividade de ser é positividade de valor. Valor e ser não são antinômicos, como o propõem diversos axiólogos modernos, mas são formalmente distintos, embora ser e valor tenham o mesmo suppositum.

* * *

TESE 123 - A captação do valor exige espírito.

O positivismo e o empirismo simples opõem-se à ontologia e até à filosofia dos valores. Queremos nos referir, aqui, ao positivismo em geral e ao empirismo mais fundamental, que não se deve confundir com o empirismo-racional de um Aristóteles.

Aquelas doutrinas encerram-se no fenômeno, e recusam-se a ultrapassá-lo, pois negam até a possibilidade de ultrapassá-lo. Mas, os valores ultrapassam a aparência (que é o mundo do fenômeno). E é pelo espírito (**Nous**), que o homem ultrapassa a aparência (**fenômeno**). É o espírito que sabe sobre os valores. A sensibilidade capta o ser, por que toda a nossa intuição, por mais elementar, é um contato com o ser. Mas, o saber do valor já implica um grau mais elevado da afetividade e da intelectualidade. Por isso, o homem é genuinamente um ser que valora.

* * *

TESE 124 - Perguntar pelo valor do valor é afirmar o desespero.

O ceticismo nega o ser e afirma a aparência. Mas, que é afirmar a aparência senão afirmar o ser? O ceticismo, na Axiologia, revela-se na sua impossibilidade de responder sobre valor, como, na Ontologia, na de responder sobre o ser. Mas o cético entende algo sobre o ser, e é, por considerá-lo de certo modo, que não pode responder. A aparência não é a afirmação do nada, mas sim afirmação do ser. O cético entende que o saber algo sobre o ser seria captá-lo e conhecê-lo exaustivamente. Seu erro parte, assim, de um preconceito gnosiológico, que consiste, em suma, no seguinte: não conheço nada de nada, enquanto não conheço tudo. Ora, aí há um erro palmar. E é esse erro que leva o cético a perguntar pelo valor do valor, pelo desespero em que se encontra por não poder alcançar o valor mais alto. Portanto, essa pergunta, que surge em lábios céticos, é um apontar afirmativo do desespero.

É o mesmo desespero que encontramos no positivismo e no empirismo simplista, porque estas doutrinas também resistem tanto ao valor como ao ser.

Mas, essa resistência decorre da insuficiência de sua base filosófica.

E são elas mesmas que proclamam essa insuficiência. E ao reconhecerem que não podemos saber tudo, afirmam que nada podemos saber. Essa afirmação é, porém, em termos, porque o positivismo e o empirismo admitem apenas que o nosso conhecimento não pode ir além da nossa experiência, enquanto o ceticismo tende ao excesso de negar até a experiência.

Se há apenas o fenômeno, o fenômeno, de certo modo, é, pois não lhe podemos predicar o nada. É um modo de ser. E como não captamos o ser na sua intensidade, temos o valor como caminho por onde se busca o ser através da aparência (fenômeno).

Podemos dizer que entramos em comunicação com o ser no precípuo momento em que captamos o valor, porque este o revela dinamicamente.

TESE 125 - A possibilidade nos explica o valor.

O homem caracteriza-se por sua capacidade de captar as possibilidades dos fatos, e as possibilidades que decorrem de possibilidades, se atualizadas. Nessa capacidade de apreender os possíveis, o homem realiza imediatamente valorações, pois os possíveis se lhe afiguram convenientes ou não, indiferentes ou não. A possibilidade, assim, explica o valor, revela-o, aponta-o. E é precisamente no comparar os

possíveis que realiza ele uma tímese (avaliação) axiológica. Não poderia surgir a consciência dos valores sem a captação das possibilidades.

O caminho da tímese abre-se aí. As possibilidades tais valem mais que tais outras, são mais convenientes, são mais benfazejas ou não. É da comparação das possibilidades que, a pouco e pouco, forma-se no homem a consciência do valor. Quando este se explica eideticamente para ele, com o seu conteúdo formal, sustenta-se; porém, e testemunha, ademais, o longo caminho que o homem percorreu até formar uma consciência axiológica. Tal não quer dizer que o valor não o acompanhasse desde os primeiros passos, pois
já demonstramos que ele se revela em todo o existir. Mas, a consciência do valor, a possibilidade especulativa sobre ele, só poderia sobrevir depois. Eis por que o tema do valor coloca-se exigentemente para o homem quando ele sente que o perde, quando ele compara o que é, com o que foi, quando ele compara o que é com o que poderia ser. Nos instantes históricos, como o nosso, em que o valor está ameaçado por todos os lados, como temos visto nos dias angustiosos deste século, a consciência do valor é exacerbada pelas quedas súbitas do valor do homem e das suas coisas.

No período da decadência da filosofia grega, que se abre com a especulação antropológica, advindo a seqüência do desespero cético e das rebeldias cínicas, o tema do valor estava presente polarizando todas as atenções. O ideal platônico foi abandonado e o homem poderia, mais uma vez, perguntar, como perguntaram os céticos, pelo valor do valor.

* * *

TESE 126 - O esforço do nosso espírito valoriza o real e realiza o valor.

Conhece o espírito humano uma luta de contrários, porque sempre há dois vetores em oposição. Para pensar, tem de atender, tem de tender para algo, tem de pôr maior tensão em algo, diminuindo-a para o que lhe é diferente. Todo esforçar-se do espírito humano é um selecionar, um escolher. O ato intelectual é sempre um ato de colher algo dentre algo, e pôr sobre esse escolhido o máximo de tensão. Há seleção, portanto, há quebra da indiferença, há revelação de um valor. Conseqüentemente, é fácil compreender que todo esforço do nosso espírito é um valorizar o real e um realizar o valor. Valoriza, porque dá, pela tensão dirigida ao objeto, maior conveniência. É já um valor para ele. O esforço do

espírito valoriza o real. E realiza o valor, porque, na valorização, há um suprimento de valor que é dado ao objeto. E esse suprimento está na **tensão ad**, na direção da tensão para o objeto, que revela um interesse páthico, uma apetibilidade para o objeto. Um valor surge então; um valor é realizado. Prova-se, assim, que o esforço do nosso espírito valoriza o real e realiza o valor.

TESE 127 - Há uma luta no espírito ao buscar o valor.

A caracterização dessa luta é evidente. Quando o espírito busca o valor, ele dirige-se para algo, pondo-lhe a tensão. Quando procuramos o valor de algo, sopesamos valores, possibilidades de valores e desvalores. Trava-se em nós, evidentemente, uma luta. Há resistências que se opõem ao nosso interesse, porque, no homem, como o mostramos na Noologia, Geral, seus interesses encontram em si mesmo oposições. Aos instintos, que são a lógica dos órgãos e a lógica de sua universalidade ôntica, porque expressam o interesse do todo, há sempre as direções contrárias contra esse interesse. Não somos uma plena e total afirmação de nós mesmos, porque, em nós, algo opõe-se à nossa própria vida e ao nosso próprio bem. Já demonstramos que, numa totalidade harmônica, numa tensão, as partes subordinam-se ao interesse do todo que lhes dá a normal. Mas, as partes, por sua vez, têm, não só a finalidade extrínseca de atenderem o interesse do todo, mas, uma finalidade também extrínseca que as leva a outro que elas mesmas. Há sempre um confluir de vetores em todo o existir finito.

E esses vetores são opostos muitas vezes. O espírito não se alheia a essa luta. Na verdade, é ela que o revigora. Ao buscar o valor, ele empreende uma luta, um choque de contrários. Todo existir finito é um opor-se, toda afirmação ôntica finita é uma luta. Há, aqui, sugestões, no campo da axiologia, para buscas longínquas. É já tema para outros estudos. E em nossos livros de temática e problemática, pretendemos penetrar nesse campo, e devassá-lo tanto quanto nos for possível.

TESE 128 - A captação da significação do tempo revela o valor.

O tempo revela-se na possibilidade de todas as coisas finitas. A atualização afirma o presente; o possível afirma o futuro. Mas, a atualização sintetiza o passado e o futuro no presente. Quando o homem pode pensar no possível, captou a significação do tempo. E quanto mais profunda for a sua meditação sobre o possível, mais profunda é a sua compreensão do tempo.

A posse da significação do tempo permite não só a realização do possível, mas a possibilização mais acentuada do real. E em toda essa operação está sempre presente o valor. Foi o que já salientamos.

TESE 129 - A significabilidade do tempo é um revelador do valor.

A captação da significabilidade do tempo é revelador do valor. Mas, há em nós o desejo de durar, e esse desejo é o nosso resistir ao tempo. À proporção que nos aprofundamos na significabilidade do tempo, aumentamos a nossa resistência a ele, pelo desejo de durar. O egípcio, que alcançou uma profunda compreensão do tempo, resistiu-lhe pelo desejo de durar, que se manifestou tão eloqüentemente no uso da pedra e na vitória física sobre a morte pela mumificação. A captação mais profunda do tempo permite novas avaliações, valorações e valorizações. Não só ele nos revela o valor, mas, favorece outras providências axiológicas. O mesmo poder-se-ia dizer do espaço.

E levando mais longe o pensamento, pode-se dizer ainda, e com fundamentos, que à proporção que o ser humano penetra na significabilidade de algo, cresce nele a consciência do valor e novas valorações surgem.

TESE 130 - A atualização de um valor-para-nós implica a redução de intensidade de outro valor.

Quando, para nós, surge um valor, ele se destaca. Há, assim, uma atualização do valor surgente. Mas, para que algo emerja, impõe-se que algo sofra uma inibição, uma virtualização da sua intensidade. E esse algo é um valor. Conseqüentemente, quando há o surgimento de um valor-para-nós, há a redução de intensidade para nós de outro valor.

* * *

TESE 131 - O preferir em nós é o primeiro ensaio de liberdade.

Sem a consciência da possibilidade, não poderia surgir em nós a liberdade. Para sentirmo-nos humanamente livres, dentro da liberdade, que humanamente podemos conhecer, impõe-se que sejamos

capazes de captar possibilidades de possibilidades, como o demonstramos em Noologia Geral.

Quando somos aptos a praticar o ato afetivo-intelectual da escolha de valores, abrimos o caminho da nossa liberdade. Não há liberdade, onde o espírito não se debruça sobre o objeto, podendo escolher. Não há liberdade sem o poder de escolha. Há escolha, onde há preferência. Portanto, o preferir é o primeiro ensaio de liberdade.

* * *

TESE 132 - Sem valoração, não há liberdade.

A captação da possibilidade da possibilidade abre o caminho da liberdade. Mas, esta funda-se na consciência do valor, porque o ato livre revela-se através de uma escolha em que se sopesam, avaliam e se comparam valores. A liberdade realiza-se na atualização de uma possibilidade, porque o ato livre é a consumação de um possível por nós. O ato livre surge depois da escolha entre possibilidades. Realiza-se pela atualização de uma possibilidade escolhida.

Há quem julgue que a liberdade é a cega espontaneidade, o que é um erro palmar. Há liberdade, onde há consciência de valores. A liberdade tira de si mesma a sua razão de agir. É ela em nós imperfeita, porque há sempre nela ainda porquês e causas. É uma ingenuidade pensar que os que a defenderam no homem, tivessem-na considerado como um ato espontâneo sem qualquer porque, sem qualquer causa, como um efeito sem causa, como um acontecer sem uma razão suficiente eficaz e eficiente. Ela manifesta-se através de uma busca de possibilidades diferentes, para atualizar aquela ou aquelas que ela preferiu. Há, assim, no ato livre, uma avaliação, uma valoração. Sem a capacidade de avaliar, de valorar, não há liberdade. Ela não se realiza fora da natureza, mas, na natureza e através dela.

* * *

TESE 133 - Só há realmente amor, quando o amante pode preferir o amado a si mesmo.

Exige assim o amor uma valoração e uma escolha que gera uma preferência. Só há, na realidade, amor, quando há a possibilidade de o amante preferir o amado a si mesmo.

TESE 134 - Os valores não são alheios à ordem do ser nem "supremamente independentes" dele.

Todas as teses demonstradas até aqui vêm em favor do que afirmamos acima, em contraposição ao que pregam Lotze e Nicolai Hartmann, que deram ao valor uma entidade à parte da ordem do ser. O ser, como já o demonstramos, antecede ontologicamente ao valor. Sem o ser, não há valor. Onde o valor, há a revelação do ser.

Para o idealismo axiológico, os valores são formas (eide) supramundanas. Mas, pelas demonstrações feitas, a positividade desta tese está apenas na transcendência do ser e das formas, que são nele e nele subsistem. Os valores, que são o ser tomado dinamicamente, como vimos e ainda veremos, estão nessas formas. O realismo axiológico afirma a separação entre os valores e o ser. Este é considerado apenas como uma realidade empírica, submetida às leis naturais, sem interna necessidade essencial. E afirma, afinal, que se os valores se fundassem nos entes seriam relativos (seria, portanto, relativizá-los ao afirmar tal coisa).

Mas, o ser também é relativo e relativiza-se, porque o relativizado também é. E há tantos modos de valer, quantos modos há de ser. O realismo axiológico peca por confundir o ser com os entes relativos. Há entes relativos, porque há o Ser. A afirmação, e sua correspondente demonstração, que já fizemos, do Ser e de suas modalidades, permite-nos compreender que a heterogeneidade dos valores encontra sua base na heterogeneidade dos entes, sem que tais neguem a homogeneidade absoluta do ser, como sustentáculo de todos os entes.

COROLÁRIOS:

O ser é valioso, como o valor é ontológico.
O valor é sempre uma perfeição, e esta é apetecida.

TESE 135 - Todo ser efetivo vale abs olutamente pela sua unicidade.

Já demonstramos, em Filosofia Concreta, que todo ser efetivo, existente portanto, é único. E a sua unicidade é um valor. E como a unicidade é absoluta enquanto tal, esse valor é, conseqüentemente, absoluto.

* * *

TESE 136 - O homem é um ser que valora.

Essa tese foi e é fundamental para a filosofia hindu, e é verdadeira para toda filosofia. Realmente, o homem é um ser que valora e, sem a valoração, o homem deixaria de o ser. Mas, a valoração, no homem, revela uma característica que é mister salientar: valora através de uma tímese parabólica. Já examinamos, através de nossos livros, os fundamentos dessa tímese (apreciação), que por ser parabólica, compara. O homem compara o que é com a sua perfeição específica, da qual, embora não tenha uma posse atual, tem uma posse virtual. Verifica, assim, que o que é, poderia ser melhor. Para valorar algo, compara-o com uma perfeição possível. Encontramos, nessa capacidade valorativa, o fundamento da religião, como o demonstramos em "O Homem perante o Infinito". É tal valoração que permite ao homem conhecer progressos e experimentar possibilidades, dizer não à natureza, desviá-la, corrigi-la, para que atenda aos seus interesses. Sem essa valoração, o homem seria apenas um animal. Todas as coisas podem ser comparadas à perfeição específica. E é dentro de sua espécie que o ser é mais ou menos perfeito. Assim, o homem é racional e a racionalidade representa o seu mais alto estágio. É, pois, na intelectualidade que ele alcança a sua mais alta perfeição. Portanto, o valor do homem está na realização, na solidificação das suas virtudes, pois virtude é tudo quanto torna bom o indivíduo ou os seus atos.

O homem busca a perfeição por impulso natural da sua natureza animal-racional. Sem essa capacidade valorativa, ele se desmereceria, e perderia em dignidade. Sem essa valoração, os atos naturais do homem perderiam a sua dignidade, e este cairia em valor, e sentir-se-ia perdido, ou imerso, outra vez, na animalidade.

Captador das possibilidades das possibilidades são estes valores para ele.
E o homem peca quando se desvia da ordem, do fim devido, quando ofende as regras da natureza, da razão, e quando tenta opor-se às leis eternas.

A tímese parabólica é, assim, uma operação axiológica.

TESE 137 - O Ser Supremo é um valor incondicionado; os seres finitos, valores condicionados.

A condicionalidade do existir implica a condicionalidade do valor (valor de variância). O Ser Supremo existe incondicionalmente, como o demonstramos em Filosofia Concreta. Seu valor, portanto, não está condicionado ao que limita, pois nada o limita. É, em si, o supremo valor. O ser finito é um valor condicional, e apresenta tantos valores quantas as suas possibilidades relacionais, condicionais, etc.

TESE 138 - O valor não é algo que se dê fora do ser; mas, sim, um modo de ser.

Sabemos que foi Lotze quem marcou as diretrizes da moderna Axiologia. Para ele, o valor se dá separado do ser, e este é carente de valor (Wertfrei). Mas Lotze tem um conceito muito restrito de ser, reduzindo-o à realidade empírica, ao ser da ciência natural. Os valores pertencem ao reino do valer. Mas, já vimos que não há meio termo entre ser e nada, e o valer, ou é alguma coisa ou é nada. Conseqüentemente, se o valor fosse algo fora do ser seria nada, o que o tornaria absurdo. Para Scheler, reduzir o valor ao ser seria relativizá-Io. Só se lhe asseguraria um valor absoluto, desde que colocado com absoluta independência do ser. Mas, desde que compreendamos, como o fizemos até aqui, o sentido do valor, dentro dos quadros da filosofia concreta, distinguimos um valor de variância, relativo portanto, e um valor absoluto, que se apresenta especificamente vário. Vamos a exemplos: o valor da unicidade é absoluto, como também é absoluto o valor do Ser Supremo, origem e fonte de todas as coisas. Neste caso, o valor relativo está fundado num valor absoluto, e prova-se, deste modo, que a sua redução ao ser não o relativiza. Ademais, o valor apresenta uma distinção formal, que já o salientamos, pois é o ser considerado sob todos os seus aspectos, e percorre, deste modo, toda a sua gama dinâmica.

TESE 139 - O valor converte-se com o ente, mas é distinto do ser, enquanto tal.

Prova-se ainda por esta via: Ser e ente se convertem, já o provamos. Mas, o ser, enquanto ser, é valor-em-si e para-si e para-outrem, pois todos os seres mantêm relações, sem que, por isso, sejam todos relativos, como já o mostramos em Filosofia Concreta. O Ser Supremo mantém relações sem ser relativo; isto é, sem ser produto de uma relação. O ter-se confundido o manter relações com o ser-relativo foi que provocou tantos erros na Axiologia, que se afastou de um terreno seguro para penetrar num movediço, onde as aporias cresceram, os problemas se multiplicam e as soluções tornaram-se impossíveis de alcançar um termo.

O ser, enquanto ser, é formalmente distinto do valor, não realmente. *Sunt cadem res, sed non eadem quidditas*, ou seja, são a mesma coisa, não a mesma qüididade. O conteúdo eidético do valor distingue-se formalmente do conteúdo eidético de ser. O valor converte-se em ser, in re.

* * *

TESE 140 - Um ente pode ser falso tomado formalmente, mas é verdadeiro tomado em si.

A pirite é falso ouro (o aurichalcumé falso ouro), mas a pirite é verdadeira pirite, como o aurichalcum é verdadeiro aurichalcum. Um ser, considerado formalmente isto ou aquilo pode ser falso quanto a isto ou aquilo, mas é verdadeiramente o que é.

TESE 141 - A conveniência revela graus.

Na Filosofia Concreta, ao estudarmos tensionalmente os valores, verificamos que eles, além de se constituírem em tensões, estão, por sua vez, incorporados em conjuntos tensionais, e formam um *unum per se*, numa nova forma. Vimos, ademais, que os seres se unem, não pela razão de suas diversidades, mas, pela razão de suas conveniências, (em relação a uma nova forma que os reune, coactamente, num novo todo tensional. Assim, a água não é um possível, nem do hidrogênio, nem do oxigênio, mas, um possível no e do ser. O hidrogênio e o oxigênio podem, segundo certas coordenadas ambientais, unirem-se em determinadas proporções, que dão surgimento a este ou àquele ser, como à água, por exemplo. Todas as coisas convém em algo umas às outras. O advento da nova forma depende, não da emergência das coisas, mas da cooperação também das coordenadas ambientais, predisponentes, portanto. A predisponência acentua o grau de conveniência. Revela-se, aqui, um valor de completude para uma nova forma. A razão dessa conveniência encontramo-la no poder unitivo do ser, pois, neste, não há rupturas.

TESE 142 - As possibilidades (e as possibilidades das possibilidades) têm valor.

O possível de alguma coisa não é um mero nada. Portanto, é um modo de ser e conseqüentemente tem um valor. As possibilidades das possibilidades são os possíveis atualizáveis de um possível, depois de

atualizado. E como tais possíveis não são meros nada, são eles, de certo modo, um ser, e, portanto, têm valor.

TESE 143 - Há valores viciosos e valores analógicos.

Já o demonstramos. Os valores viciosos são os valores revelados pela gradatividade e pela composição com valores negativos. Assim, a temeridade é um valor vicioso da audácia, pois além de ter um grau daquela, tem também um grau de imprudência. Um valor é analógico, quando está analogado a um de perfeição maior. Assim, simpático é um valor analógico a belo, porque não exclui este, nem constitui um desvalor.

TESE 144 - É impossível ao ser humano a captação plena do valor ôntico de um ser.

Demonstrado, como já o fizemos em Filosofia Concreta, que não cabe ao homem um conhecimento exaustivo de nenhum ser, não há, portanto, possibilidade de captar o valor ôntico exhaustive de um ser, pois, neste caso, alcançaria ele ao saber absoluto, o que lhe é vedado *pro statu isto*, no estado em que o homem se encontra. Conseqüentemente, a captação do valor ôntico é sempre proporcionado ao cognoscente. Sendo o homem limitado em seu conhecimento, limitado é, portanto, o cognitum que possa obter do valor ôntico de um ser. Conseqüentemente, todo ato de valoração do homem é um ato de valorização ou de desvalorização. É, portanto, um ato que abre a crise, é um ato crítico.

TESE 145 - A verdade lógica é o valor do juízo.

Onde está o valor de um juízo senão na sua verdade lógica, na sua adequação à realidade? Um juízo vale na proporção dessa adequação; portanto, é a verdade lógica o valor do juízo.

TESE 146 - A verdade metafísica é o valor da coisa.

A verdade metafísica é a adequação da coisa ao juízo ou ao conceito (*adaequatio rei cum intellectu*). Uma coisa vale na proporção da sua realidade formal, segundo o que ela é. Portanto, a verdade metafísica é o valor da coisa.

TESE 147 - A diferença entre os valores é um valor.

A diferença entre quantidades é uma quantidade da mesma espécie. A diferença entre qualidades dá uma qualidade de espécie diferente. Já com os valores, a diferença é também valor. Mas, esse valor pode ser da mesma espécie, como na diferença entre graus de um valor, ou de espécie igual a um dos valores de diferentes espécies. Assim, a diferença entre 4 metros e 3 metros é um metro; a entre vibrações de cor é uma cor diferente; a entre um valor de utilidade e outro valor de utilidade, uma utilidade; a que se dá entre valores de espécies diferentes, é um valor de outra espécie superior. Entre um valor estético e um utilitário, a diferença é um valor, segundo o que valora, que lhe dá a espécie. Nos valores nas coisas, a diferença é dada por um grau de perfeição, como a diferença que há entre o valor vital da planta e o do ser animal. Neste, há uma perfeição que falta àquele: a sensibilidade. A diferença entre ambos é dada pela perfeição maior no que é específico. Neste caso, a diferença é dada pela espécie de valor superior. A diferença é o valor da sensibilidade.

TESE 148 - É a diferença entre os valores que permite estabelecer as hierarquias.

Por que há diferença entre os valores, há a possibilidade de classificá-los segundo a espécie e segundo o grau. Sem essa diferenciação, seria impossível estabelecer hierarquias entre os valores.

TESE 149 - Há um valor supremo para o qual convergem todos os valores, e que serve de medida qualitativa dos mesmos.

Fizemos, em Filosofia Concreta a demonstração de que há um valor supremo: o Ser Supremo, que é o supremo ser e o supremo valor. Demonstramos, ademais, que todos os valores, por sua positividade, referem-se a perfeições, e que o Ser Supremo é omniperfeito, e possui, portanto, no mais elevado grau, todas as perfeições. Desde que consideremos os valores como positivos e como perfeições, são eles graus de participação da perfeição suprema. Conseqüentemente, todos os valores convergem para o valor supremo, que serve de medida qualitativa dos mesmos, pois os valores valerão mais na proporção que participarem das perfeições do Ser Supremo.

TESE 150 – Deve-se distinguir a tábua de valores da hierarquia dos valores.

Entende-se por tábua de valores, a sinopse dos valores. A hierarquia exige uma escala ascendente e descendente.
Conseqüentemente, é preciso distinguir um do outro. Assim, sem haver mudança na tábua dos valores pode haver mudança na hierarquia, quanto aos valores para nós ou para um ser inteligente.

TESE 151 - O sacrifício é medido, não pelo que ele alcança, mas, pelo que ele abandona.

Há sacrifício, quando há a oferta ou a destruição de um bem em benefício de um bem considerado superior.

Esse é o conceito latu sensu, pois, no sacrifício religioso, há o intuito de agradecer os benefícios recebidos ou pedir perdão pelos erros praticados. Portanto, no sacrifício, por haver o abandono de alguma coisa, é esse abandono que lhe dá a sua medida. Mede-se, assim, o sacrifício pelos bens que são entregues ou destruídos.

TESE 152 - A verdade é o ser estaticamente visua1izado e o valor, o ser dinamicamente considerado.

É a conclusão a que alcança o roteiro das pesquisas axiológicas sob a égide da Filosofia Concreta. O ser, en quanto afirmação e presença de si mesmo, é a sua verdade, que independe de suas relações. Mas, esse ser, enquanto mantém relações, é ele valor-em-si, para-si e para outrem. O valor é, pois, o ser, enquanto dinamicamente considerado.

TESE FINAL - O valor é a revelação da gradatividade do ser, quer ôntica, quer ontológica, quer relacional (assistencial).

Esta é a conclusão final que alcança a aplicação da Filosofia Concreta à axiologia. É uma decorrência rigorosa das teses demonstradas até aqui. O ser vale quando é, como é, que é, por que é, para quem é, e como pode ser.

Realizamos, assim, a justificação ontológica da Axiologia, dando a base real (material para os objetivistas) do valor, sem necessidade de ausentá-lo do ser, o que criaria novas aporias insolúveis, e instalaria uma crise abissal na filosofia, como a na qual caem a maior parte dos axiólogos.